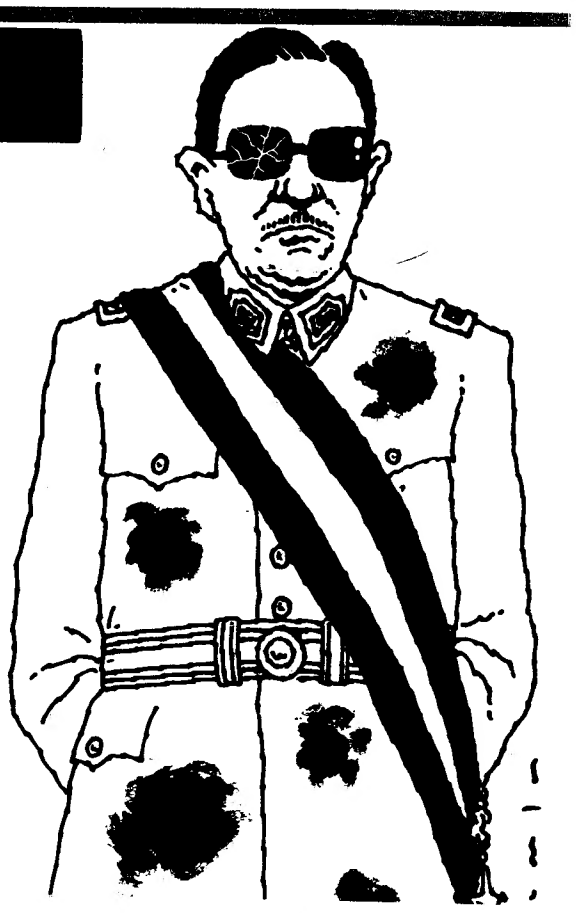
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 63.º N.º21 253
Setembro 83
Segunda-feira
12
20$00

Tensão aumenta no Chile

Bairros pobres de Santiago levantam-se contra Pinochet



La Victoria, Santa Rosa, Pudahuel, Quinta Normal, San Pablo, Carrascal e El Pinar — os bairros pobres de Santiago do Chile — insurgiram-se hoje contra o regime fascista implantado há dez anos. As primeiras notícias falam de um número indeterminado de feridos e presos

Cunhal e as presidenciais: democracia terá o seu candidato

Pág. 7

Reportagem em Maputo

Seca e bandidos armados causam a fome em Moçambique

Pág. 11

HOJE, CUPÃO N.º 30
na pág. 2
e mais 2 páginas
do Álbum dedicado
a Carlos Botelho

VERÃO DL 83

AINDA PODE CONCORRER

COMEÇA HOJE A REPETIÇÃO DOS 30 CUPÕES

Pág. 2: 1.º CUPÃO

UMA CARRINHA NISSAN-DATSUN «URVAN»
DEZENAS DE FABULOSOS PRÉMIOS PHILIPS
CEM CONJUNTOS ÁLBUM «SEMPRE FIXE» (1.º e 2.º)

Botelho cronista de Lisboa

A publicação de páginas dos «Ecos da Semana», do grande artista que foi Carlos Botelho, páginas que constituíram o ALBUM DO CONCURSO «DL» 1983, conclui-se nesta edição. Cremos que atingimos um objectivo que nos é grato: a publicação destas páginas chamou a atenção de muitos leitores para uma faceta curiosíssima do talento de Carlos Botelho. Muitos leitores recordaram, para muitos outros foi uma surpreendente revelação: o cronista satírico de Lisboa que, ao longo de vinte e dois anos difíceis de censura, de pressões, de repressão, comentou, com empenhamento e risco, a vida lisboeta, a sorrir.

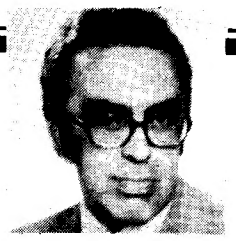
A parte publicada das suas admiráveis páginas de sátira é diminuta. E para não darmos saltos cronológicos que atraiçoariam a continuidade do comentário, a nosso ver um dos aspectos mais interessantes deste espantoso exercício de crítica e de ironia, a publicação cingiu-se aos primeiros anos, de 1928 a 1930, com a censura já vigilante, e iniciou-se, com uma outra faceta menos conhecida de Botelho — a de comentador desportivo.

O que oferecemos aos leitores foi uma amostragem; às autoridades da Cultura, as públicas e as privadas, fazemos, com esta publicação, uma provocação.

Porque, como muito bem alvitrou José-Augusto França, o comentador dos «Ecos da Semana», foi o criador dessas figuras lisboetas, o «Senhor Parece Mal» e o «Escarra e Cospe», que, na continuidade de um comentário que se apurou e depurou, «foram personagens da commedia dell'arte alfacinha que durante vinte e dois anos, desde 1928 o Botelho levou semanalmente à página oito do **Sempre Fixe.** E que constitui algo de extremamente importante para a vida lisboeta — que importa publicar, em álbum, ao menos seleccionado. Pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, é claro e quanto mais depressa melhor. Nenhuma outra homenagem póstuma a Carlos Botelho valeria esta, em que aqui «se insiste».

À insistência de José-Augusto França juntamos a nossa. O «DL» — com a publicação que hoje conclui — apenas desejou mostrar que essa publicação é necessária. Que é uma obrigação inadiável para as entidades públicas e privadas — o Ministério da Cultura, a Imprensa Nacional, a Fundação Calouste Gulbenkian — que dispõem de meios para o fazer.

MÁRIO MURTEIRA



Crónica de Economia Política

Liberdade para escolher o quê?

HÁ mais de dois séculos, um escocês de Kirkaldy, chamado Adam Smith, publicou um livro abreviadamente conhecido por **A Riqueza das Nações** que ainda hoje é fonte de inspiração do liberalismo económico. O ano de 1776, em que foi publicado, é também o ano da independência dos EUA e a coincidência tem algum significado.

Vem isto a propósito do livro de Milton Friedman intitulado **Liberdade para Escolher,** que foi também matéria dum programa televisivo, ambos bastante apreciados em vários pontos do Globo, incluindo Portugal. Friedman remete o leitor, com frequência, para o pensamento de Adam Smith e a sua mensagem essencial identifica-se bastante com a visão do mundo desse escocês que, talvez sem plena consciência disso, introduzia simultaneamente o conhecimento científico da Economia Política e a justificação lúcida da racionalidade capitalista que então emergia com o vigor que a história posterior mostrou. A extraordinária força dessa mensagem não escapou nem a corifeus nem a adversários, começando por Marx. Como outros disseram mais recentemente, na linha de Smith — entre eles Keynes e Hirschman — com o capitalismo, o interesse substitui as paixões na dinâmica social: se as motivações humanas são mais egoístas e agressivas do que altruístas e pacíficas, é preferível (disse-o Keynes) que o homem tiranize a sua conta no banco em lugar de tiranizar os seus semelhantes. Por outras palavras, a maravilha do capitalismo terá residido em tornar socialmente úteis os egoísmos individuais. E isto por via da famosa «mão invisível» a que Smith aludiu, ou seja, o mecanismo dos preços actuando no jogo livre e descentralizado da concorrência entre múltiplos interesses, enfim, a chamada **economia de mercado.**

Talvez pareça ao leitor que considerações deste tipo são académicas, desprovidas de qualquer interesse prático. Por mim, julgo precisamente o contrário: poucas coisas serão mais decisivas a longo prazo, no plano das ideias e das práticas políticas do que o sempre novo e sempre velho debate entre defensores e críticos do capitalismo, tal como entre defensores e críticos da democracia política. E é indiscutível que além de todas as crises de que hoje tanto se fala, existe também uma crise do socialismo, da sua teoria e da sua prática, crise que explica o relativo êxito das ideias de Friedman, que há dez ou vinte anos seriam provavelmente ridicularizadas por reaccionárias e míopes.

Friedman, tomando quase sempre por referência as experiências do capitalismo norte-americano e britânico, põe em causa, afinal, tudo o que é corrente associar-se ao pensamento de esquerda (mesmo moderada): critica o alargamento da intervenção do Estado na vida económica, a ineficácia da burocracia estatal, os malefícios do sindicalismo, da segurança e da assistêncvia social, da educação e da saúde pública, dos sistemas fiscais, da política de gastos públicos no combate ao desemprego, etc.. A argumentação é frequentemente sugestiva e habilmente construída para ir ao encontro de toda uma vasta legião de descontentes. Compreende-se melhor, ao lê-lo, os espectaculares êxitos eleitorais de Reagan e Thatcher.

Mas a questão nevrálgica, para quem (como nós, portugueses) vive ao Sul do capitalismo desenvolvido é saber se estas ideias espalhadas do Norte para o Sul não irão ainda mais agravar os seus dramas, em lugar de abrirem novas perspectivas na luta contra o subdesenvolvimento, a ignorância e a miséria, a opressão política e — tudo somado — o reforço da alienação dos homens, em lugar da sua libertação.

A questão tem toda a actualidade em Portugal, embora a nossa experiência histórica dos últimos dez anos seja bizarra e desconcertante, não só para os que nos olham de fora, mas também para os que, como todos nós, estivemos e estamos — de múltiplas formas — **metidos no barulho.** Uma forma de apreender essa bizarria é reflectir neste simples facto: caricaturando um pouco, pode dizer-se que a política económica seguida em Portugal aproxima-se tanto mais das ideias de Friedman, quanto mais forte é a presença dos socialistas no poder. Sei que há algum exagero nesta afirmação, mas não posso esquecer a coincidência dos períodos fortes de estabilização e monetarismo na política económica portuguesa, com os governos de domínio PS. Dir-se-ia que de tanto procurar o lugar dos aversários (?) se acaba por desempenhar melhor o próprio papel daqueles.

Daí a pergunta que dá o título a esta crónica: temos liberdade para escolher (como Friedman nos recomenda) mas parece que se esqueceram de dizer-nos, exactamente, **o quê.** Temos liberdade para entrar no restaurante e pedir a lista, mas afinal só servem um prato, embora por vezes lhe mudem o nome. Falando mais seriamente: a liberdade de política em Portugal parece servir hoje, sobretudo, para alguns interesses exigirem e conseguirem maior liberdade económica (para eles). A experiência demonstra, porém — é a crítica fundamental a fazer a Friedman, ao menos nas suas recomendações para o capitalismo subdesenvolvido — que a liberdade dos grandes interesses é antagónica da liberdade do grande número. Com efeito, o extremo liberalismo económico só é possível prescindindo das liberdades políticas (veja-se o caso do Chile, Uruguai e Argentina cujas ditaduras militares mais se aproximaram das ideias de Friedman na política económica). Claro que, felizmente, estamos longe de tão trágicas experiências. Mais vale, porém, prevenir do que remediar, dizem os sábios.

E prevenir, neste caso, parece exigir que se defenda com renovada lucidez as virtudes dum socialismo atento não só à superação das próprias fraquezas reveladas pela experiência mas também convicto das suas potencialidades na presente conjuntura histórica.

Neste aspecto, o actual panorama português é desolador. Talvez não tanto pela mediocridade da prática da governação mas pelo vazio do debate ideológico. É todavia positivo verificar que, embora ainda marginalmente, alguma presença de portugueses se vai agora verificando nos grandes debates sobre a economia e a sociedade que hoje reunem autores latino-americanos, também com forte participação espanhola. A ideologia económica portuguesa tem sido e continua a ser extremamente pobre. Ainda nesse aspecto a nossa dependência do capitalismo desenvolvido é quase total. E não creio ser possível pensar utilmente, hoje, o socialismo em Portugal, se também aí só funciona a atracção provinciana do «mercado comum» das ideias alheias.

Mas isto é pano para muitas mangas. Voltarei ao assunto.

Retrato imaginário de Mirabeau

Michel Caillou Serviço exlusivo «Le Monde»/«DL»

Na vévoa vi Mirabeau. Gabriel Honoré Riquetti de pé, à entrada de uma ruela ardente. O seu ar patético, o traje abandonado, o ar furioso das calças colantes deixaram-me sem voz. A sua, agitada, incitava-me a acompanhá-lo. Arrastava consigo uma pesada animalidade, mas não coxeava nem tinha marcas de bexigas no seu rosto cheio de um afluxo de sangue. Apoplexia moral? Em volta uma cidade, palissadas que as casas interrompiam por vezes, edifícios que surgiam da fuligem. Ouvia rir mas um riso tumefacto, fundo.

UMA grade retinha uma multidão, a não ser que entre os varões se visse a face multiplicada do mesmo cão. Estou a sonhar, pensei, esses bêbedos lançados para fora de uma taberna não são meus irmãos. Estou a dormir, esse homem que nasceu no Bignon, perto de Namours, num dia 9 de Março, mês furioso, arrasta-me para qualquer lado secundário do real. Estou em Paris? A cabeça decapitada das nuvens não parecia a de Luís XVI. Busquei recordações da escola:: vontade do povo, força das baionetas, quis interrogar, reclamar o objecto dessa marcha por entre os destroços, o grande calor? A minha palavra atada como uma gravata larga tinha a consistência da bruma.

Um rio cujo nome se perdeu na lixa, iluminou-nos fugidiamente. Não o Sena, uma água sem nuances. Um muro alto lembrou-me o do seminário de Saint Sulpice que Talleyrand saudou quando jovem, ajudado por Mirabeau, numa noite primaveril de 1771. Frases cresciam sob os meus cabelos: **Não tenho nada a dizer do meu enorme filho a não ser que ele bate a ama,** escrevia o pai cruel, Victor Riquetti, acrescentando **Tenho um tendão de Aquiles no coração.** Tinha a carta inteira debaixo da língua, ela conta um dia no campo, mistificado pelas flores.

O meu guia voltou-se. A poesia tem algures olhos debruados de vermelho. Admirei a minúcia das mãos, explicando-me. Ele falava como quem exclama, com estridências, uma súbita calma. Um estremecimento vestia-o da cabeça ao pé direito que batia com o tacão. Ecoavam em mim as palavras dirigidas à Assembleia Nacional: **Leiam, leiam estas linhas de sangue... a desordem reina... vocês não fazem nada... há bandidos, se acontece que numa emoção popular...**

Torrentes de retórica

Ouvi esse mau tocador de violino do casamento das nossas almas. Estavam numa rua de Setembro, uma porta baixa mostrava uma escada. Por mais que pudesse recordar as suas sucessivas prisões, do **chateau** d'If ao forte de Joux, em Vincennes, as janelas de vidrinhos e a candeia a apagar-se convidavam-me a isso. Mas ele imobilizou-se, o suor descia pelas suas faces moles. Vivíamos nos restos de um mundo? Seria ele próprio um resto da criatura eloquente que foi, não passaria de um manequim apeado? E essas árvores que escurecem tudo? A gordura do sol não se derrete sobre mim, os gansos selvagens passam tão alto que não poderiam distinguir o morto do vivo.

Tivemos então um diálogo insuportável – prosa, poesia, verso – já não sei. Uma luz, a que a embriaguez arranca ao vinho, perdia-nos numa casa tão móvel como o Estige. Mirabeau lançava torrentes de retórica, eu entrevia perspectivas, fragmentos de biografia, cores que levantava em pedaços de vida, a sua mãe ferozmente sexual, o tio bailio benevolente, a irmã mais nova, Louise de Cabris, carnal, sempre com encontros de acaso. Bater-se-á por ela, a terra das proximidades de Grasse bem o sabe.

A sua fuga surprendia-me. O mobiliário de uma única angústia mobilava a sala. Uma mulher entrou, Sophie de Ruffey, esposa do venerável Monsieur de Monnier, presidente do tribunal de contas de Dôle. Levá-la-á consigo para a Holanda. Em Amsterdão, em casa de um alfaiate francês, Leguenne, viverão de água pura e far-se-ão chamar senhor e senhora de Saint-Mathieu.

Gostaria de vestir a farda de

Continua na pág. 19

CONCURSO

Recorte e guarde estes cupões, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

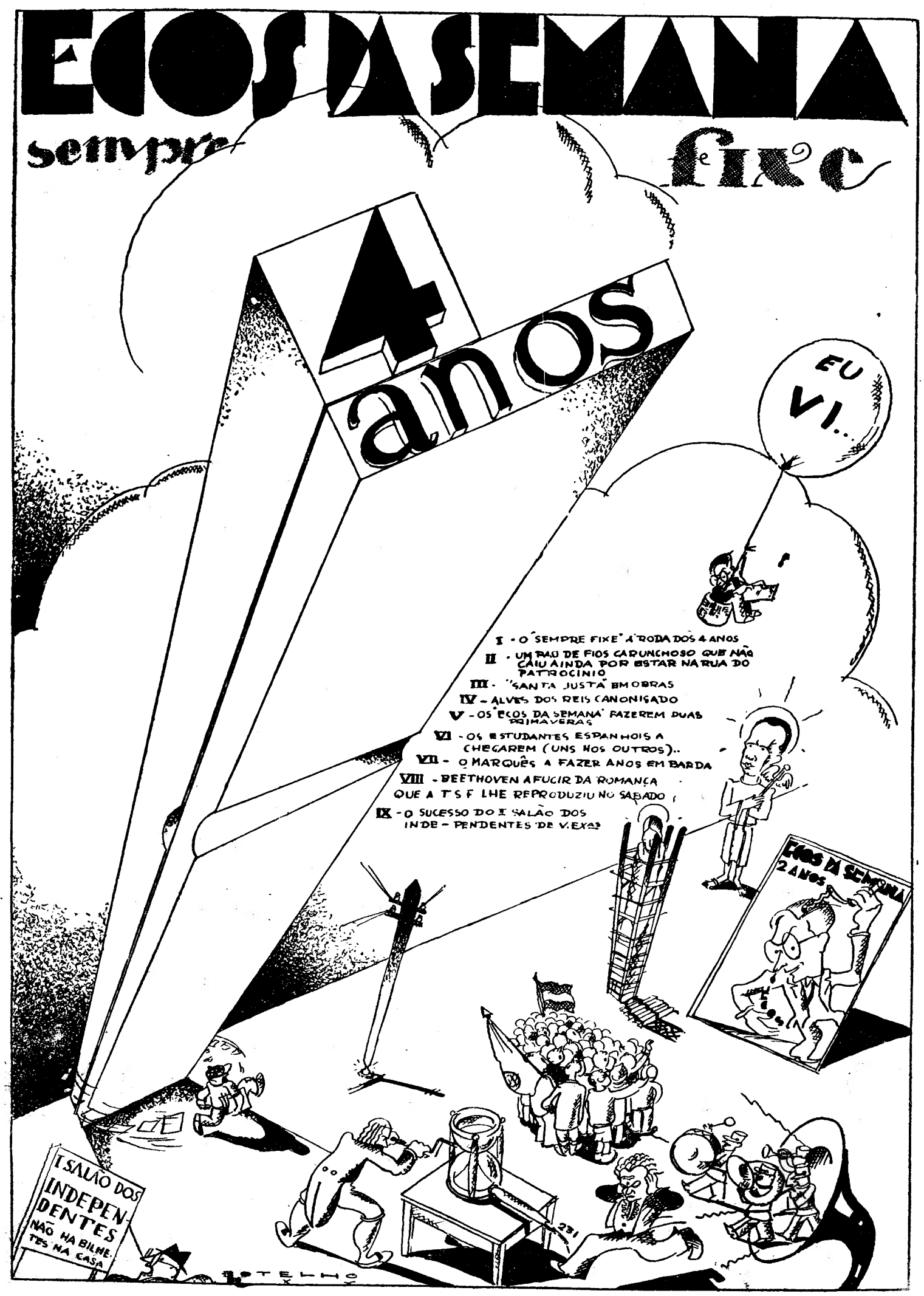
DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALÃO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

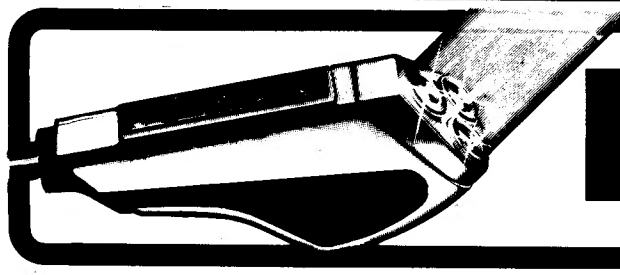
Concurso DL

3.º Álbum SEMPRE FIXE



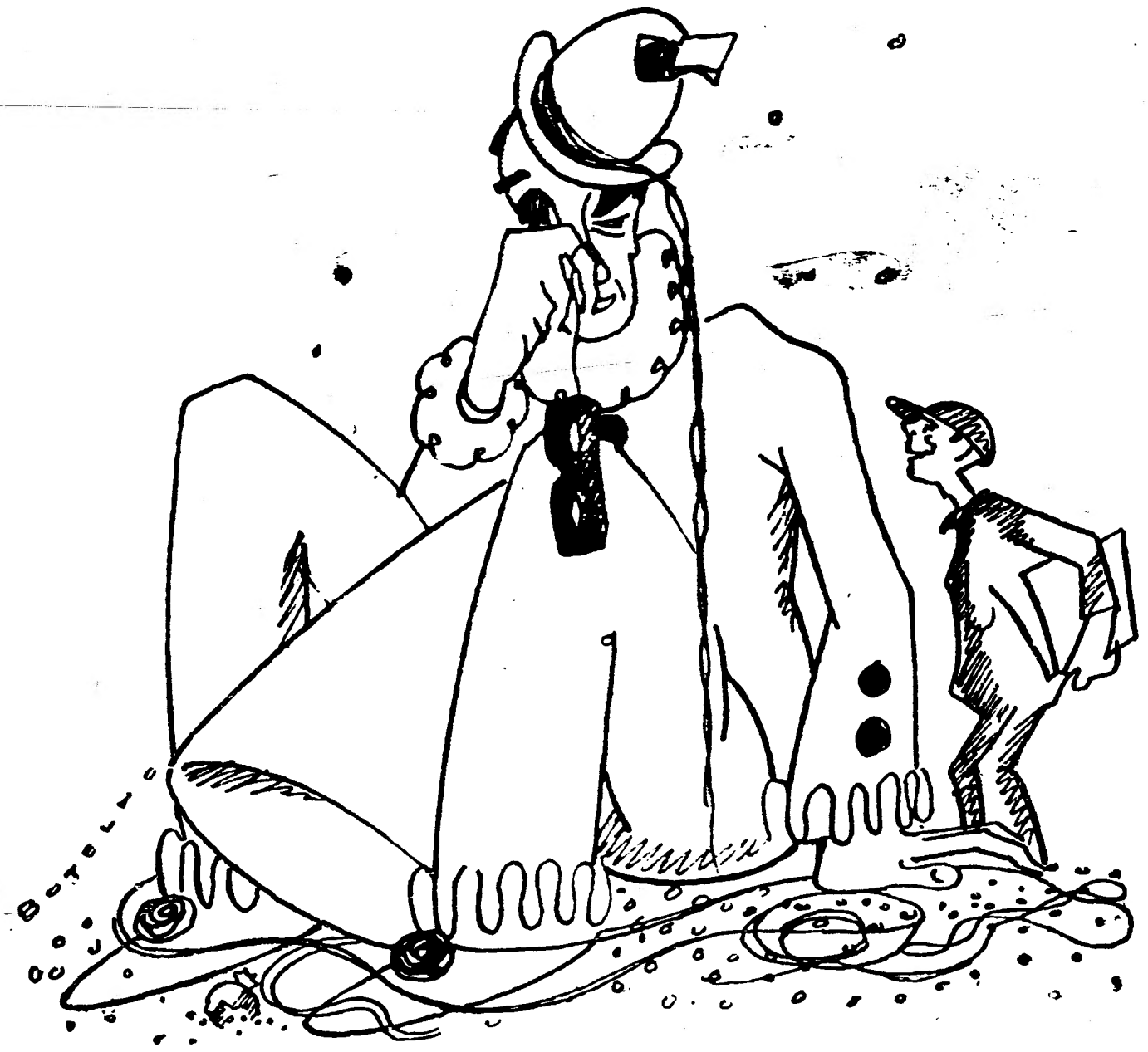
119

RECORTE POR AQUI


Philishave o barbear total
PHILIPS

3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL



— Ai Fixe... como eu me diverti a fingir que era estupido..,

120

ENTREPOSTO
Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

NISSAN DATSUN URVAN
AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO

NISSAN NISSAN
CONCESSIONÁRIOS
EM TODO O PAÍS

política de A a Z

Sob fogos cruzados

O facto de estar sob fogos cruzados, não deverá o Governo PS-PSD tirar a lisonjeira conclusão de que a sua política, condenada à «direita», condenada à «esquerda», representa um equilíbrio ordenado e ordeiro, por igual repartidor de sacrifícios, de austeridade e de justiça.

O que nos vieram dizer, em seus diferentes discursos, em Leça do Bailio, o presidente do CDS, no Alto da Ajuda, o secretário-geral do PCP, não se presta a ilusões embaladoras, nem augura longo futuro a uma coligação que, de dia para dia, se esvazia de conteúdo político-social, para assumir o carácter de um projecto limitado de poder pessoal e de repartição de poderes.

Sendo diferentes os discursos, na forma e no fundo, diferentes os oradores, diferentes os públicos — uma condenação vigorosa da política da «coligação PS-PSD» resulta de ambos. A «direita» ataca, com o Governo que está, a Constituição que temos; a «esquerda» ataca o Governo, mas defende a Constituição e bate-se para que prossiga a democratização real do País; a «direita», com uma nova «revisão constitucional», pretende uma «política de restauração», a «esquerda», com o respeito da Constituição e a continuidade de Abril, pretende defender e incrementar as conquistas sociais e a participação dos trabalhadores na vida democrática e na gestão social. Ao discurso veemente de Álvaro Cunhal, juntemos outras vozes que, nos seus tons próprios, vêm condenar a política em curso, ou revelam surpresa, decepção, desencanto: as do Conselho Nacional da UDP, a do deputado Lopes Cardoso, primeiro-secretário da UEDS.

Não se esqueçam, também, no segredo dos quartéis, das messes e repartições militares, as confidências e confissões dos capitães de Abril, aos quais o Governo PS-PSD, e os directórios dos partidos que o constituem, tudo fazem para desagradar numa insensata, arrogante e injusta política de afrontamento que não se limita — como é de todo evidente — a uma querela simplista de civilismo democrático, mas que procura, por sendas ínvias, reforçar a possibilidade de esvaziar uma revolução que foi democrática, antifascista e anticolonialista.

De esta situação que criou, ou para a qual a política adoptada, com raras excepções sectoriais e ministeriais vem concorrendo, não devem retirar os responsáveis da «coligação» que o Governo soube colocar-se numa linha equidistante entre «direita» e «esquerda», que escolheu o caminho corajoso de desagradar à CIP, de não contentar a CAP, de levantar contra o que tem feito e contra o se propõe fazer proletários industriais e proletários agrícolas.

E não pensará o Governo PS-PSD que os fogos cruzados que batem as suas posições precárias são o produto de uma conjura vasta, tenebrosa, subversiva contra o «Estado de Direito» e a «maioria parlamentar» (a maior de sempre).

De seus ângulos de apreciação — evidentemente diferentes, antagónicos mesmo — um Francisco Lucas Pires e um Álvaro Cunhal, coincidem no juízo de que a base social do Governo vem diminuindo. A erosão política não poupará a «coligação» e Álvaro Cunhal não é o único político português que pensa que o actual quadro partidário não corresponde à realidade social, à estrutura de classes, à diversificaçãao dos interesses, à opinião dos homens e das mulheres de Portugal.

Dir-nos-ão que o povo tem votado com uma notória, e notável, constância: não se tem refugiado na abstenção, não tem manifestado uma flutuação de opções politicamente signicativa, tem entrado no jogo — até às últimas eleições legislativas, pelo menos — da «pequena diferença»: ora dá a maioria aos «socialistas», ora dá a maioria aos «sociais-democratas». Mas tudo parece indicar que está operando uma viragem: o «restauracionismo» não é só uma pressão exterior à «coligação PS-PSD é uma orientação que a penetrou; as medidas económicas e financeiras representam uma redistribuição de benefícios e de sacrifícios; o intermediarismo prospera, os lucros ilícitos ou de formas paralelas de economia crescem sem regra e sem controlo; a corrupção fixa-se, a vários níveis, nas posições adquiridas. O Governo não cumpre a lei e recusa-se a obedecer aos tribunais. Os casos da Reforma Agrária e da RTP são clamorosos.

Declarações de homens políticos, de organizações, de simples cidadãos, revestem-se de um carácter crítico e até polémico. As ameaças do Governo PS-PSD, vencida a primeira impressão, continuam a dever ser consideradas aterradoras. Não inspira temor maior o facto de prometerem aos portugueses a maneira dura, a autoridade, a firmeza. Inspiram temor por outra razão: porque nos levam a recear que na maré alta do «restauracionismo» alguns se percam desorientados. Da desorientação política já foi sinal a atitude insensata — e injustíssima — de magoar os «capitães de Abril». De desorientação política é indicativa, também, a insensata atitude de ignorar que sem os trabalhadores — e muito menos contra os trabalhadores — se não poderá vencer a «crise nacional».

Demarcação de vinhos

O Alentejo?

ANTUNES DA SILVA

Nos hotéis, restaurantes, pensões ou casas de pasto, pedem-se com frequência e ultimamente, vinhos de Reguentos, Redondo, Borba ou Vidigueira para acompanhar simples refeições, casamentos ou baptizados. Pedidos que se formulam por pessoas bem informadas e de requintado paladar, em localidades não-alentejanas, como temos observado. Portanto, um índice de representativa influência que tais vinhos desfrutam já. Dá-se até a curiosa circunstância de muitas vezes os vinhos do Alentejo serem mais caros que os de outras regiões há muito demarcadas, estas certamente por mérito próprio ou porque porventura tiveram pessoas de *alto nível* nas respectivas repartições a apadrinhá-los.

Sabendo-se que os vinhos de Reguengos de Monsaraz já foram considerados por enólogos da FAO, que há anos estiveram entre nós, como dos melhores do mundo, continua a estranhar-se que as entidades ligadas à viticultura nacional, ou que nela superintendem, ainda não tivessem o ensejo em demarcar áreas situadas no Alentejo.

Neste caso, como em tantos outros, a região alentejana continua a ser escandalosamente preterida e ignorada como se não existisse no seu solo dos mais qualificados vinhos de Portugal! Ainda assim, e como acréscimo do que aqui referimos, diferentes vinhos transtaganos se têm evidenciado, pela sua natureza e gosto incomparáveis, pela sua superior qualidade, ao ponto de conseguirem os primeiros prémios em concursos internacionais e que pela mesma forma sertaneja não são bafejados pelo bom acolhimento das altas instâncias ou dos mui *teimosos* fulanos, senhores*mentores* agrícolas da nossa praça e reino... Os responsáveis não se mexem ou não querem mexer-se, não decidem, por comodismo ou interesse, não são capazes, ou têm *medo* de adoptar medidas de protecção e apoio, como lhes competia ao que no Alentejo se planta e colhe. E dizendo, de uma vez por todas: «Vamos demarcar finalmente algumas zonas do território transtagano, incrementar a sua pesquisa no que concerne à qualidade, apoiar a sua comercialização internacional, impulsionar os estudos técnicos adequados, no sentido de hamonizar a matéria-prima, que de lá se extrai e que é viva, natural, pujante, acreditada pelo paladar dos muitos consumidores, com as salutares medidas de aproveitamento estrutural, onde se consiga, por exemplo, fazer figurar os vinhos de Portalegre, Sousel, Estremoz, Granja, Pias, Évora, Moura, Amareleja, Melides, Milfontes, etc., num rastreio importante quanto à avaliação das nossas verdadeiras fontes de qualidade e possibilidades vinícolas». Cremos que uma marca «Alentejo» poderia muito bem fomentar o crédito dos nossos vinhos de pasto além-fronteiras, havendo para isso necessidade absoluta de se organizarem as estruturas necessárias, em que pudesse prevalecer o espírito prático e não a falsa concorrência, zaipana e salóia, atrofiadora de um produto que poderíamos muito bem implementar com sucesso numa mais vasta e utilíssima exportação.

Temos o caso do nosso cobre de Aljustrel, que ainda há bem pouco tempo era excessivamente manufacturado em oficinas belgas e mais tarde iam as trefilarias e outras indústrias comprá-lo ao estrangeiro... Temos a água, que é ouro para os grande espaços produtivos, mas que continua a ser indecentemente desperdiçada; podemos muito bem ter electricidade por intermédio das futuras centrais do Pomarão e da Rocha da Galé (desde que Alqueva seja construída) e afinal de contas, tudo paralisado... Pensa-se, ainda, inverter o lado positivo da nossa economia, com a construção de centrais nucleares, quando Alqueva nos poderá dar energia eléctrica, gado, peixe, mais produtos alimentares, novos postos de trabalho!

O alentejano quer fugir e desenvolver os bens da Natureza que na sua terra se patenteiam e os governos voltam-lhe as costas. Este caso singular da demarcação dos vinhos é outro triste sinal dos tempos... Tudo se tem conjugado para que no Alentejo se não possa determinar um surto de progresso. Os anseios e os esforços dos alentejanos são escamotados! Esta da demarcção dos vinhos é outra história nova, pela exemplaridade dos seus aspectos, chegando a causar gáudio entre as pessoas que sabem muito bem que as promessas são feitas, mas depois não se avança um passo, fraquejam as iniciativas, gente vária existe por aí a comportar-se como inimiga do desenvolvimento transtagano, emperrando, ou destruindo o futuro ecológico e produtivo da província. Haverá neste capítulo, como tem havido noutros, focos daninhos de corrupção?

E óbvio que a ideia de patriotismo tem a sua raiz no gosto e amor que experimentam os naturais duma terra pelas suas atracções físicas e sentimentais – e nós queremos sobreviver, reagir à passividade que nos encomendam e nos é imposta – mas no percurso dos nossos sonhos e trabalhos, cortam-nos as pernas! Não nos ajudam, fragmentam-nos, destroçam as nossa ideias e entusiasmos, mordem-nos, perseguem-nos. Nós queremos produzir muito mais para a nação e tiram-nos a água. Desastradamente, mandam parar o empreendimento de Alqueva, não podemos produzir porque nos roubam as águas, agora cada vez mais avaras em aparecer, devido à maciça plantação de eucaliptos em enormes extensões do nosso território. As estruturas agrícolas estão viciadas, os grandes senhores do Poder *obsequiam-nos* com os seus desfavores e outros títeres argumentam com a propaganda de suas fazendas e sagradas heranças, mas o facto à vista de todos é que não semeiam, não constroem nem deixam construir nada, não se mexem no meio do fartum dos seus privilégios, não trabalham e os campos vão ficando de novo, em mato e ao abandono, enquanto as companhias de celulose alargam os seus domínios nocivos sobre os nossos distritos, preparando, quem sabe? Algum deserto da Nevada, aqui, às portas da Europa...

Os detentores doutras áreas vinícolas fora da região alentejana, outrora, no período salazarengo, nem sequer nos deixavam plantar novas cepas, reconstruir vinhedos, fomentar excelentes colheitas, por empenhos que faziam aos ministros de então, e estes, diremos: um ou outro proprietário de grandes extensões de terras, em cujos casos campestres possuiam as suas dornas de armazéns bem nutridos, proibiam mesmo tudo no que respeitava ao plantio de novas castas em território sulino, para além do deles... Vendiam praticamente sem concorrências perigosas o produto das suas lavras, que davam inúmeros cachos e quase sempre mau vinho... Hoje, com a eventual en-

Continua na pág. 19

ponto a ponto

RAMALHO EANES participará, no próximo dia 25, num almoço de confraternização dos antigos militares da Companhia de Caçadores 366/62, que comandou em Moçambique e Macau quando era capitão. O encontro terá lugar no Mindelo, nas proximidades de Vila do Conde, podendo as inscrições ser feitas pelos telefones 052 66418 ou 01 2687793.

FAUSTO CORREIA deverá ser nomeado, «dentro de dias», vogal da comissão administrativa da RDP – segundo a agência NP que cita fontes socialistas. Fausto Correia, chefe da delegação da ANOP em Coimbra e vereador da Câmara local chegou a ser apontado como provável governador civil de Coimbra.

O secretário de Estado norte-americano **George Shultz** esteve na passada sexta-feira na Base das Lajes, numa escala técnica, quando regressava aos EUA proveniente de Madrid, onde participou na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia. George Shultz foi cumprimentado por algumas autoridades açorianas, nomeadamente o ministro da República para aquela Região Autónoma.

UM incidente entre a segurança americana da **Base das Lajes** e os jornalistas portugueses ali presentes, ontem, marcou a breve passagem de outra individualidade dos EUA. o vice-presidente George Bush, pela Região Autónoma dos Açores. Apesar de estarem na sua terra (estariam?) e de o estadista americano ter condescendido em responder a uma pergunta de um repórter português (a TV americana ali é que valia), mesmo assim os jornalistas portugueses foram empurrados pela segurança americana e impedidos de trabalhar.

O Primeiro-Ministro português visitou ontem à noite, durante hora e meia, a Feira de Artesanato, Turismo, Agricultura, Comércio, Indústria de Lagoa (FATACIL).

Mário Soares, acompanhado de sua mulher e do dirigente do PS, António Esteves, percorreu todas as zonas do certame, detendo-se demoradamente nos pavilhões de artesanato, falando com alguns dos artesãos que trabalhavam no local.

O Primeiro-Ministro não fez declarações políticas, limitando-se a elogiar a organização da feira, sublinhando a sua importância como meio de divulgação da economia nacional, através das actividades ali representadas.

A Junta e a Assembleia de Freguesia das **Furnas, ilha de São Miguel,** anunciaram a sua demissão como protesto pelo alegado desinteresse da Câmara da povoação pelos problemas da localidade.

Os autarcas apontam, como principais razões da sua atitude a «má realização da obra de saneamento básico que a Câmara está a realizar na freguesia» e o «desinteresse do Governo Regional em não considerar as Furnas como zona de interesse turístico».

A Junta e Assembleia de Freguesia das Furnas são de maioria PSD, partido que detém também a maioria na Câmara da povoação e governo na Região Autónoma dos Açores.

O presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, Karl Ahrens, saudou Portugal como «membro muito fiel» daquela organização, ao chegar a Lisboa, no início de uma visita oficial de três dias.

Ahrens, que se deslocou à capital portuguesa a convite do presidente da Assembleia da República, foi recebido no aeroporto por **Manuel Tito de Morais.**

O presidente da Comissão Parlamentar Britânica dos Direitos do Homem, «lord» Averbury, visitou ontem os **refugiados timorenses que vivem no Vale do Jamor,** região de Lisboa.

«Lord» Avebury, membro da Amnistia Internacional, encontra-se presentemente em Portugal a fim de conferenciar com as respectivas autoridades acerca do drama das populações de Timor-Leste, território que há perto de oito anos está sob ocupação indonésia.

No Monte Sobral, com emoção e saudade

Militares recordam o arranque dos capitães

No sábado, ao fim da manhã, o Monte Sobral, em Alcáçovas, arredores de Évora, recebeu velhos conhecidos: muitos dos 136 capitães que há dez anos, clandestinamente, ali se tinham reunido para a arrancada de Abril, voltaram de novo.

Foi um encontro informal – mas um encontro cheio de significado e emoção. Agora às claras, com a alegria do dever cumprido e o travo amargo da traição de muitos que deles se serviram para chegar ao poder, os militares de Abril foram ali para descerrar duas lápidas comemorativas, ouvir um discurso a cargo do major Vasco Lourenço, almoçarem e conviverem entre si e a população da região.

Como o tenente coronel Fsher Lopes Pires havia já afirmado no dia anterior no Forte do Bom Sucesso, dez anos decorridos foi **«com emoção e saudade** que aqueles militares recordaram **o primeiro passo, o retomar colectivo duma contestação** que, a nível individual, há muito vivia nas suas consciências.

No sábado, nas conversas que entre si mantiveram tendo aquele monte alentejano como testemunho histórico e silencioso, os militares de Abril – os da primeira hora e os que depois foram engrossando a corrente imparável – lembraram incontáveis episódios que, desde o 9 de Setembro de 73 até ao 25 de Abril de 74 foram vivendo com sobressalto e crescente determinação.

«(...) *mas ao longo desses meses*» – recordara na véspera Fisher Lopes Pires – *quanta ansiedade e quanta dúvida vivemos... As reuniões em pequenos grupos, de casa em casa, as transferências compulsivas, as escutas telefónicas, a PIDE/DGS à porta, as prisões, são marcos dum caminho árduo e acidentado que percorremos sem desfalecimentos e que levou Portugal à liberdade.*

No sábado, aqueles militares recordaram tudo isso e falaram também do momento actual que se vive no nosso país.

Fizeram uma retrospectiva de que foram estes dez anos em que se viveu a uma velocidade estonteante, estes dez anos de história que mudaram Portugal e uma parte significativa de África.

E se a ausência do Presidente da Assembleia da República – pelo modo como aconteceu e pelo significado que encerra na sesão do Forte do Bom Sucesso foi muito comentada (duramente comentada), a verdade é que no Monte Sobral, no sábado, os militares centraram as suas atenções na necessidade de manifestarem por todos os meios a sua solidariedade para com todos aqueles que têm vindo a ser marginalizados, numa situação que não pode prolongar-se por mais tempo.

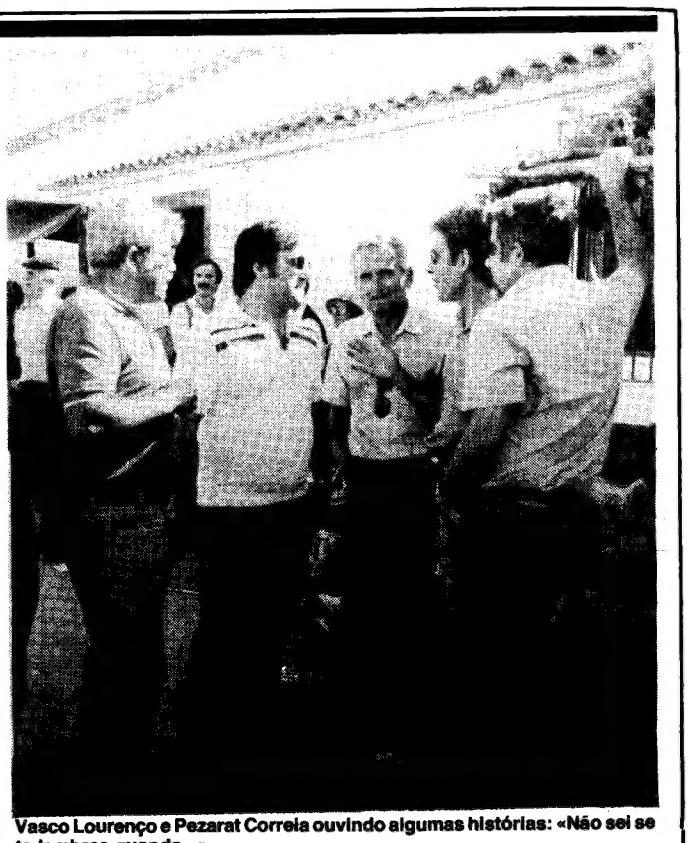
Novas metas

Vasco Lourenço, Rosário Simões, Lopes Camilo, Diniz de Almeida e Albuquerque Gonçalves (há dez anos, como oficial mais graduado dirigira os trabalhos da reunião naquele Monte) voltaram, no sábado, a falar aos seus camaradas de armas em cima do mesmo estrado.

Escutando-os, cá em baixo, muitos nomes conhecidos do povo português: desde Vítor Crespo a Vítor Alves, de Martins Guereiro a Pezarat Correia, de Andrade e Silva a Marques Júnior e Mário Tomé.

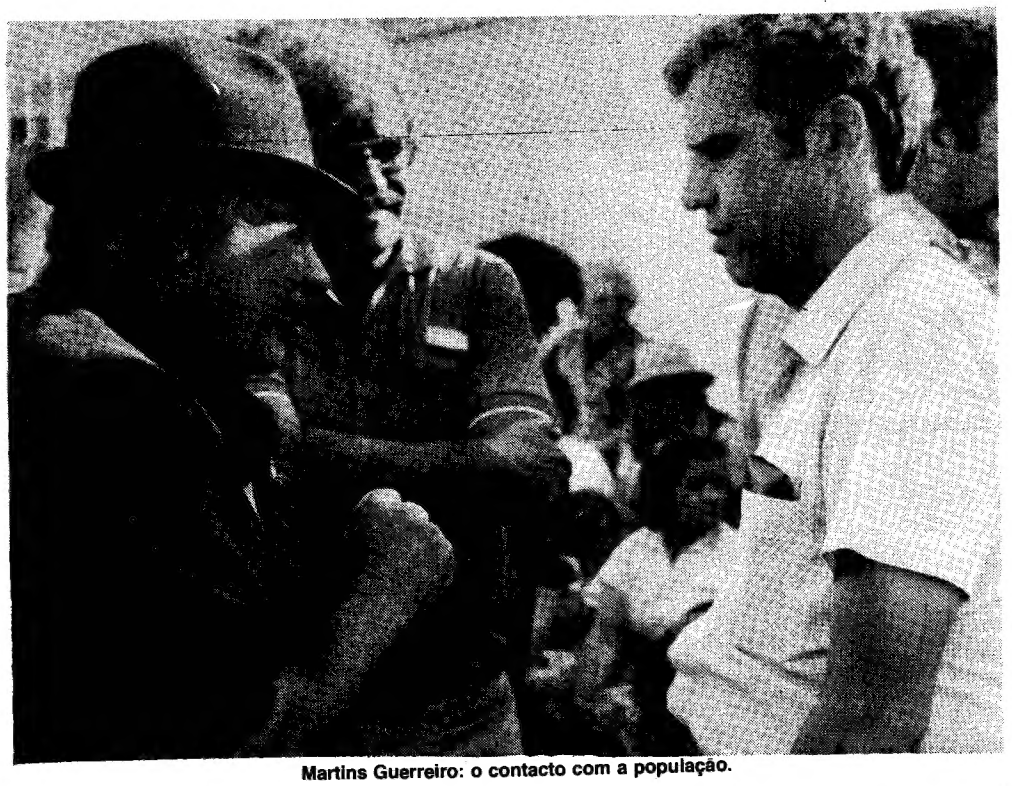
Vasco Lourenço, disse claramente: **o acontecimento que aqui hoje evocamos foi um primeiro passo para uma curta campanha vitoriosa. Que o dia de hoje seja igualmente um primeiro passo para uma retrospectiva consciente que nos faça ver o que de errado fizemos e nos permita chegar a novas metas vitoriosas.**

No final, com alguns olhos teimosamente humedecidos, ouviram-se a «Grândola Vila Morena» e o Hino do Movimento das Forças Armadas.

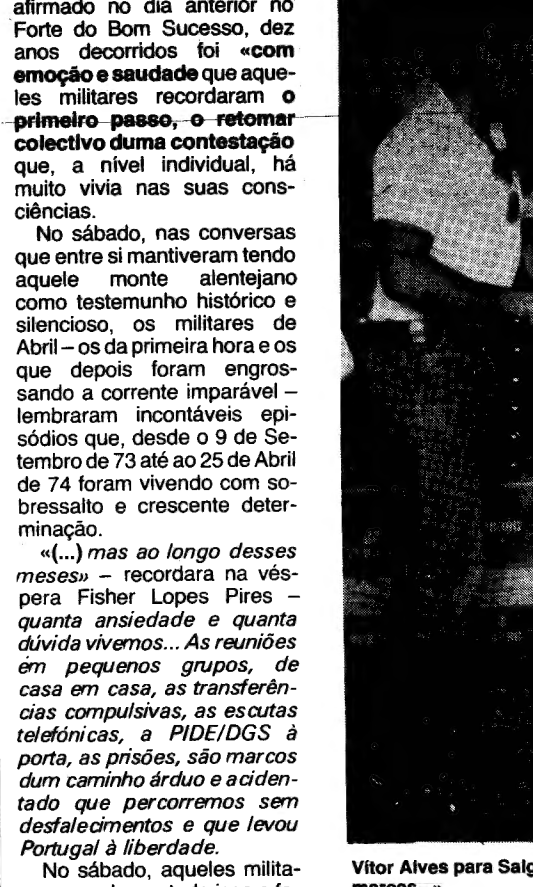


Vasco Lourenço e Pezarat Correia ouvindo algumas histórias: «Não sei se te lembras quando...»

Vítor Alves para Salgueiro Maia: «No quartel do Carmo ainda lá estão as marcas...»

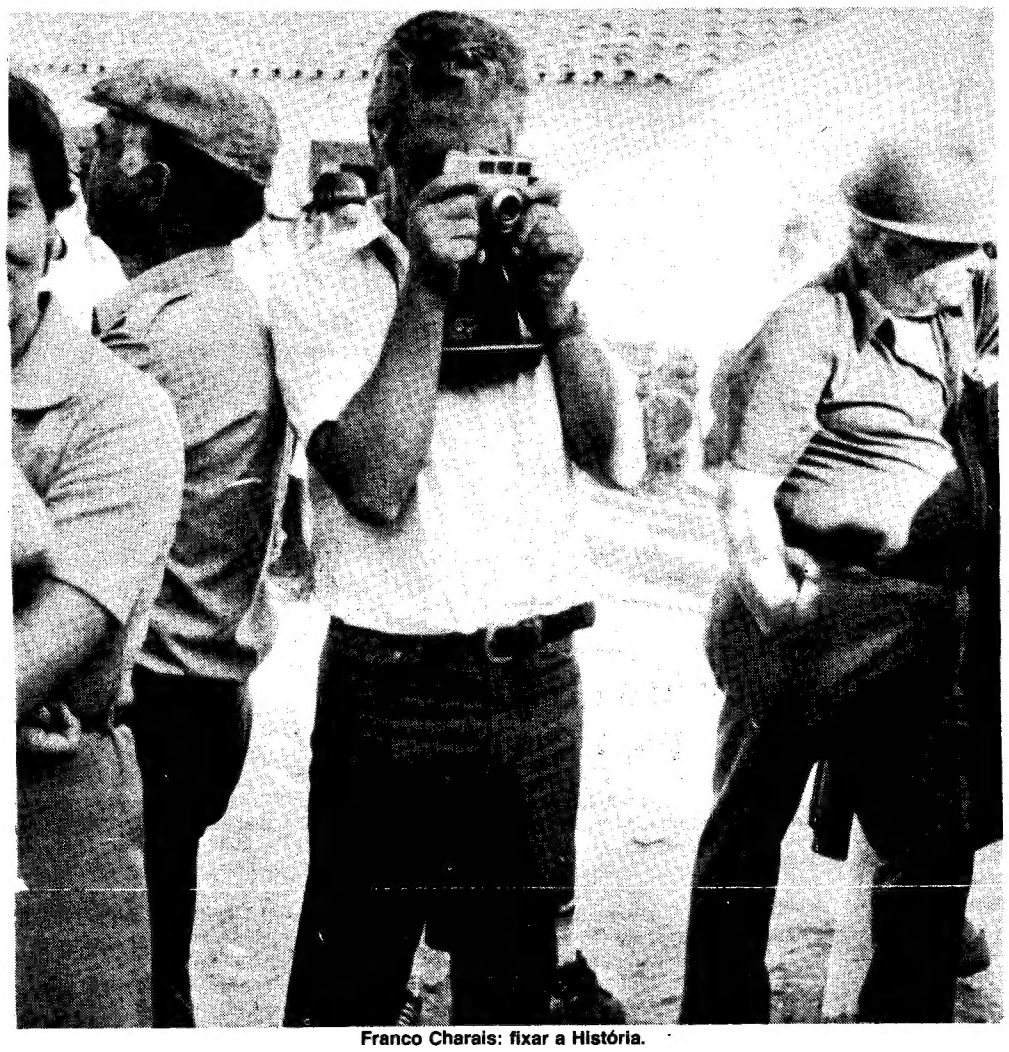


Martins Guerreiro: o contacto com a população.



Diniz de Almeida: «Há dez anos, neste mesmo estrado...»

Mário Tomé: a refeição da crise – febras de porco num monte alentejano.



Franco Charais: fixar a História.

Uma "velha ideia" mas...

Lucas Pires insiste numa "nova" AD

À falta de poder pensar em termos de regresso ao Poder – «o CDS só voltará ao Governo quando for ele a indiçar o primeiro-ministro...» –, Lucas Pires vai pensando nas próximas eleições presidenciais. Eleições onde, para ele, «estará em causa não a escolha de um candidato mas a de uma estratégia para Portugal». Talvez por isso, vai continuando a falar da criação de «uma nova AD».

Foi durante o acto de inauguração, ontem, de uma sede do CDS no concelho de Matosinhos, que Lucas Pires proferiu a última das suas peças oratórias contra o actual Governo. Utilizando com apropósito facetas menos felizes da actuação PS-/PSD, o presidente da Comissão Política do CDS vincou uma vez mais a sua ideia de que o Governo está a «evocar fantasmas, como quem conta histórias a crianças, para justificar o fracasso da sua política».

Depois de um ataque directo às empresas públicas – «o CDS sabe, como sabem hoje os trabalhadores portugueses, que a segurança no trabalho não está nas empresas públicas» –, o líder centrista aludiu a outros problemas. Nomeadamente aqueles que se abatem sobre «a generalidade das actividades económicas e sobre a Comunicação Social».

No concernante à Comunicação Social, Lucas Pires focou a situação na EPNC dizendo que «se há cinco anos os seus trabalhadores tivessem recebido apenas dez contos, já teria havido greves e ocupações». Como não as houve, Lucas Pires conclui, verifica-se hoje «uma esperança resignada no futuro».

Soares tem «leveza a mais»

«Onde é que antes, durante os governos da AD, havia fome e desemprego?», interrogou Lucas Pires depois de acusar o Governo PS/PSD de «ver frustradas as cem medidas que anunciou aos eleitores portugueses».

Numa crítica contundente ao actual Primeiro-Ministro, Mário Soares, Lucas Pires caracterizou de «leveza a mais para um chefe de Governo» o facto de o mesmo «confessar ignorar perante os jornalistas, se o último empréstimo do Fundo Monetário Internacional foi de 300 mil ou 300 milhões de dólares».

No que respeita ao seu partido – «que só voltará ao Governo quando for ele a indicar o primeiro-ministro (...) pois não aceitará mais o papel de subalterno» –, Lucas Pires afirmou a sua intenção em continuar a defender a solução «liberalizante» para o País. Para o líder centrista essa solução «é melhor para os trabalhadores do que para os empresários».

Referindo-se às próximas eleições presidenciais, o presidente da Comissão Política do CDS declarou que nelas «estará em causa não a escolha de um candidato mas de uma estratégia para Portugal». Pensando em termos de futuro, o líder centrista acrescentou que «para o CDS, a estratégia de fundo está na criação de uma nova AD, que será alternativa à maioria PS/PSD e à minoria comunista».

Voltando aos ataques contra o bloco central, Lucas Pires acusou o PS e o PSD de serem «as duas maiores empresas portuguesas distribuidoras de lugares públicos».

Minoria socialista ainda hesitante

Listas únicas no Congresso voltam a ser discutidas

Os delegados ao Congresso do PS afectos ao ex-Secretariado vão voltar a discutir as relações com a maioria do partido uma semana antes da realização do Congresso.

Depois de terem debatido durante o fim-de-semana, a actual situação, foi decidido convocar novas reuniões a nível distrital para os dias 23 e 24. Em questão estará a possibilidade de serem apresentadas aos congressistas listas únicas de candidatos aos órgãos nacionais do partido. Esta proposta foi formulada e defendida por Mário Soares é quase certo que ela será aceite pelo ex-Secretariado. Falta apenas saber em que condições.

Para já, os seguidores de Salgado Zenha parecem querer marcar alguns pontos que lhes permita «manter a sua indentidade». Em Lisboa, numa reunião que contou com a presença de 120 elementos eleitos neste distrito, e na qual tiveram intervenções de destaque, António Guterres, João Cravinho e Vítor Constâncio, foi reafirmado que tem de ser o ex-Secretariado a decidir quem, de entre os seus membros, irá negociar com Mário Soares, não podendo o secretário-geral escolher os seus interlocutores.

Recorde-se que recentemente o ex-Secretariado apresentou ao Primeiro-Ministro uma nova formulação do decálogo de Jorge Sampaio, os treze pontos que consideram essenciais para que seja respeitada a democracia interna no seio do partido. Mário Soares ainda não respondeu e poderá estar a ser pressionado por alguns dos seus apoiantes para não fazer cedências ao ex-Secretariado.

"Cem dias a caminho da miséria"

Conselho Nacional da UDP ataca Governo PS/PSD

O Conselho Nacional da UDP, ontem reunido em Lisboa, classificou de «100 dias a caminho da miséria», a actividade do Governo desde Junho. O Executivo, para a UDP, está a tomar as «medidas mais reaccionárias desde o 25 de Abril».

Um porta-voz deste partido extraparlamentar disse que «está visto que a política de consenso nacional do Governo PS/PSD é a política dos despedimentos, da miséria e dos «cassetetes na rua», como na Marinha Grande e na Lisnave».

O Conselho Nacional da UDP pronunciou-se claramente contra o «lay-off» e afirmou que é preciso transformar em acção a revolta calada dos trabalhadores», acrescentando que «hoje é preciso a maior unidade na luta. Que nenhuma empresa atacada fique isolada».

Governo pensa que a sua política é necessária?

"Esperem que já verão!" *-disse Cunhal na Ajuda*

Num cenário ainda mais amplo do que em anos anteriores, perante uma multidão de muitas dezenas de milhares de pessoas, Álvaro Cunhal concluiu ontem a sua longa intervenção política na Festa do Avante, questionando os quatro objectivos decisivos da actual coligação governamental: manter o actual quadro partidário apesar da aliança PS-PSD; ganhar as eleições presidenciais; instrumentalizar as Forças Armadas e, finalmente, desmobilizar ou conter o movimento operário e popular.

SOBRE a primeira questão começou por dizer o secretário-geral do PCP que *o actual quadro partidário, incluindo a arrumação dos partidos, não resistirá à prova do tempo*. A insatisfação de muitas centenas de milhares de pessoas que votaram no PS e no PSD significa – frisou Cunhal – que continua a existir um vastíssimo campo social e político partidariamente vazio, constituindo condições objectivas para a formação de novos partidos políticos.

Acrescentou, depois, o dirigente comunista, que esta «política de direita actual do PS aliado ao PSD, tornará inevitável, num futuro mais ou menos próximo, uma de duas coisas: *a reconversão do PS aos ideais democráticos e socialistas e (ou) a criação de novos partidos democráticos com larga aceitação e apoio social, político e eleitoral*.

«De qualquer forma – concluiu Cunhal a sua primeira resposta – a alteração do quadro partidário actual aparece a médio prazo não apenas como inevitável, mas como uma condição para uma das várias alternativas institucionais possíveis.»

Soares em Belém?

Quanto à segunda questão – um candidato PS-PSD vencedor das presidenciais – ironizou Cunhal ser certo que «a direita admite votar não já num Kaúlza, não já num Soares Carneiro, nem sequer num Freitas do Amaral senão à primeira volta, nem num Balsemão nem num Mota Pinto, mas em Mário Soares».

Acentuando que já correm os «termos da negociata» (Soares em Belém com os votos da direita, Mota Pinto em S. Bento com os votos do PS) recordou Cunhal que não devem deitar-se foguetes antes da festa. E sublinhou: *A democracia portuguesa saberá encontrar o seu candidato – um candidato capaz de lhe ser fiel, um candidato capaz de juntar os votos de todos os verdadeiros democratas e patriotas, incluindo a grande massa dos eleitores socialistas. E não apenas capaz de passar à primeira volta, mas capaz de vencer as eleições*.

O terceiro ponto: *poderá a coligação PS-PSD contar com a governamentalização, partidarização e instrumentalização das Forças Armadas?*

«A nosso ver esse objectivo está também longe de ser alcançado» – respondeu o líder do PCP, ao recordar que esse foi o plano da AD, liderada por Freitas do Amaral, então ministro da Defesa (apoiado ainda pelo PSD e Soares) através da revisão da Constituição.

Acrescentou que a execução do plano, prevista para fins de 1982 falhou com a derrota e queda do Governo AD, para concluir que a retoma do projecto com o actual Governo «não será fácil».

Confiamos – disse Cunhal – em que *as Forças Armadas não se deixarão instrumentalizar e se manterão (conforme manda a Constituição) ao serviço, não de tal ou tal partido, não de tal ou tal político, mas de Portugal e do regime democrático em que se inserem*.

Quarta e última questão: poderá a coligação PS/PSD contar (como afirma) com uma suposta desmobilização e passividade da classe operária e das massas populares?

«Eles bem o afirmam. Eles bem o proclamam. Eles bem procuram criar factores de desânimo, de atentismo, de intimidação económica, social, política e repressiva. Eles bem procuram, silenciando as lutas populares, criar a impressão de que elas não existem. Eles bem procuram convencer-se a si próprios de que não encontrarão por diante aquela força que quando em movimento é irresistível — a força das massas em luta.» — vincou o dirigente do PCP!

E concluiu: *«No fim de contas fazem como a avestruz. Escondem a cabeça atrás de uma pedra, e, recusando-se a ver o povo, julgam que o povo ou os não vê a eles ou já não existe. Mas a classe operária e as massas populares estão já em movimento. E ao sr. Primeiro-Ministro e aos propagandistas do Governo que repetem que o povo já se convenceu de que a política do Governo é a política necessária ou inevitável, nós respondemos: 'Esperem que já verão!'.»*

Sobre o diálogo, a negociação, a busca de soluções para concertação, lembrou Álvaro Cunhal que os comunistas «sempre estiveram e continuarão a estar prontos a unir os seus esforços aos esforços de outros portugueses e portuguesas dos mais variados sectores para encontrar soluções para os grandes problemas nacionais, para trabalharmos em conjunto para a saída da crise».

Frisou, contudo, que *diálogo* e *consenso «não é assinar de cruz uma política imposta contra o povo, contra a democracia, contra os interesses vitais de Portugal»* e considerou atingir o «nível do insulto» a afirmação de Soares na conferência de Imprensa de que o PCP «deveria dialogar, participar e co-responsabilizar-se na crise nacional».

Na parte inicial do discurso, Cunhal visou particularmente Mário Soares «hoje um político do grande capital, liderando as forças da direita e a política da direita», considerando não ser de admirar que Carlucci e o general Walters, subdirectores da CIA e apoiantes de Reagan, afirmem que o dirigente do PS «é uma garantia para o sistema democrático».

«Nem o mais servil e bem pago advogado político de Mário Soares poderá encontrar e citar um único aspecto central da política portuguesa em que a política do Governo PS/PSD não seja a continuação e mesmo o agravamento da política do Governo AD» — disse Cunhal.

Relativamente aos primeiros 100 dias do Governo PS/PSD, comentou Cunhal que o Executivo «pode gabar-se de ter imposto com o bombardeamento de novos aumentos de preços a mais vertiginosa baixa do poder de compra dos portugueses alguma vez verificada».

E Cunhal falou dos aumentos do pão, leite, açucar, bacalhau, ovos, frango, batata, gasolina, petróleo, gasóleo e fuel-óleo, gás, electricidade, água, adubos, rações, tarifas postais, telefones, transportes, seguros automóveis «aumentos e mais e mais aumentos – disse – de tal forma que *ainda o povo surpreso não teve tempo de comentar um aumento e logo outro lhe está a cair em cima.»*

Falou também dos *salários em atraso* («já alguém pensou que cem mil trabalhadores com os salários em atraso significa que o patronato, pondo a render o dinheiro respectivo, só com tal atraso, mete ao bolso mais de um milhão de contos em juros» – disse) e da *lay-off* – «um dos mais mostruosos instrumentos de exploração que alguma vez um Governo português pôs nas mãos do grande capital – que aliás o vinha reclamando.»

A «lay-off» («acontecimento histórico» – comentou «O Dia» – citou Cunhal) – poderá fazer subir num curto espaço de tempo, *a 1 milhão, o número de desempregados*. «É um espectáculo indecoroso – denunciou Cunhal – observar a louca alegria com que os homens do grande capital e os seus porta-vozes falam dos atrasos de salários, dos aumentos dos preços, dos despedimentos em massa de centenas de milhares de portugueses».

Uma política que assim se define é a política do ódio e da exploração sem limites – disse Cunhal para acrescentar que *a luta contra a política do Governo PS-PSD converte-se na luta para salvar o povo português do desemprego, da fome e da miséria e por isso será conduzida com firmeza e determinação, nunca inferior àquela que o Governo mostra ao aplicá-la.*

«Nova Pide»

Referindo-se aos atentados à liberdade de associação sindical e ameaças à Comunicação Social e ao aparato das acções da Polícia de Intervenção (Lisnave, Marinha Grande, etc.) Cunhal aludiu ao «serviço de informações» em preparação por Mota Pinto e que contém – disse – em si «os germes de uma nova Pide.»

Mário Soares e os seus comparsas falam e teorizam muito sobre a autoridade necessária, sem se lembrarem que o conceito não é deles, mas de Salazar. Foi Salazar que, para reforço do Estado, proclamou que se impunha «a lioberdade possível e a autoridade necessária.»

«Parece – disse ainda Cunhal – que para o Governo PS-PSD, autoridade se confunde com limitação das liberdades e a criação de novos instrumentos de bufaria e repressão».

Falando ainda de uma política «capaz de salvar Portugal», o secretário-geral do PCP sublinhou que a «experiência já mostrou que a causa das dificuldades da economia portuguesa não são as nacionalizações, a Reforma Agrária, a melhoria da situação dos trabalhadores, mas a guerra sistemática e destruidora que contra elas tem sido conduzida por sucesivos governos nos últimos 6 anos».

Portugal – frisou – *não pode sair da crise se se prossegue e se agrava a política que a provocou e incessantemente a agravou, impondo-se «a desistência de restaurar o poder dos monopólios e latifundiários. É o respeito pela Constituição, pelo regime, pela realidade nacional, pela vontade dos portugueses.»*

«Discretamente o silêncio...»

Discretamente o silêncio vai-se construindo sobre os que combatem ou se opõem à política do Executivo agora no Poder. As ameaças de extinção, de insolvência, a aplicação «imediata» do «lay-off» às empresas da Comunicação Social — primeiro sector a ser visado — começam a dar frutos. Goste-se ou não dos comunistas, eles representam a principal força de oposição no regime que vamos dizendo democrático. Goste-se ou não do PCP, é o partido mais implantado e influente no mundo operário e sindical. E num regime — insisto — que vamos dizendo democrático isto bastaria. Mas neste nosso «Aquém-Marrocos» (uma expressão de Basílio Teles em 1891, a propósito do Ultimatum inglês), nada podemos nem deveremos já estranhar. Ontem de serviço ao comício do principal dirigentes da oposição estavam mais, bastantes mais, jornalistas estrangeiros que portugueses! Até ao nível dos profissionais da imagem, foi notória a diferença...

«Quem se ergue nas pontas dos pés não ficará muito tempo erguido», disse há inúmeros anos Tao. Amen!

E.A.

de ontem para hoje

Um exemplo concreto de morte pelo SIDA

UM exemplo concreto de morte pelo SIDA, a terrível doença recentemente detectada (cujas vítimas se situam sobretudo na área dos homossexuais e dos consumidores de «drogas duras») é apresentado, em sinal de alerta e com todo o seu dramatismo, pela revista «Mais» no seu último número. Trata-se do caso do jovem norte-americano Keny Ramsauer cujos últimos meses de vida são assim descritos por um seu amigo: «Nos três últimos meses era preciso estar alguém com ele durante 24 horas do dia. Vomitava sem parar. Sofria tanto que eu dava-lhe permanentemente comprimidos para dormir». O artigo da «Mais» termina afirmando que, de acordo com fontes fidedignas, já existem em Portugal um caso confirmado de SIDA e dois casos suspeitos. Nas fotos Keny Ramsauer ainda saudável e cinco dias antes de ter expirado.

Cadáver no parque do Cinema Roma

A Polícia Judiciária aguarda os resultados da autópsia para se pronunciar sobre as circunstâncias que envolveram a morte do serralheiro Manuel Freire, de 67 anos, cujo cadáver foi encontrado junto ao seu automóvel, no parque de estacionamento do Cinema Roma, em Lisboa. A vítima padecia de enfermidade coronária, tendo sido ainda recentemente internado no Hospital de Santa Maria para tratamento.

Doença súbita de empregado de escritório

Não existem em princípio suspeitas de crime na morte do empregado de escritório Armindo de Jesus Moreira, de 32 anos, encontrado sem vida ao volante do seu automóvel, no cruzamento da estrada exterior de circunvalação com o monte de Burgos, no Porto. O corpo não apresentava quaisquer sinais de violência, inclinando-se as autoridades policiais (enquanto não conhecem os resultados da autópsia) para a hipótese de doença súbita.

Empurrão vitima contabilista em Famalicão

O contabilista Júlio Amaral Guimarães, de 28 anos, residente em Barcelos, faleceu no Hospital de S. João, após ter sido empurrado por indivíduos ainda não identificados em Famalicão, batendo com a cabeça na berma do passeio e sofrendo derrame cerebral. Júlio Amaral vira-se envolvido num choque em cadeia, quando seguia no seu automóvel. Gerou-se discussão entre os condutores e populares, para atribuição de culpas, e durante a contenda Júlio Amaral sofreu o empurrão que lhe haveria de causar a morte.

Portugal num seminário no Maputo

Portugal participa, de hoje a quarta-feira próxima no Maputo num seminário sobre o serviço meteorológico. O seminário, que tem o patrocínio do Serviço Meteorológico de Moçambique, estudará as formas para a reestruturação dos Serviços Meteorológicos de Moçambique e avaliará o papel que a Meteorologia e a Geofísica podem desempenhar em Moçambique. Para além do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica de Portugal, estarão igualmente no encontro o Instituto Nacional de Meteorologia do Brasil e o Serviço Meteorológico de São Tomé e Príncipe. O director regional para a África da Organização Mundial de Meteorologia (OMM) participará também no seminário.

Trucidado pelo comboio em Braga

Ao atravessar inadvertidamente a via férrea junto à passagem de nível de Tadim a reformada Joaquina Costa Moreira, de 78 anos, foi trucidada pelo comboio. A vítima residia no lugar de Mouinho, freguesia de Cunha, tendo o cadáver sido removido para a Casa Mortuária do Hospital de S. Marcos, em Braga.

Falta pedra para aeroporto nos Açores

A falta de pedra de boa qualidade poderá obrigar a alterações do projecto de construção do porto da ilha de Santa Maria, segundo opinião do geólogo Hugo Forjaz. Este técnico deslocou-se a Santa Maria à frente de uma missão do Departamento de Geociências da Universidade dos Açores, tendo estudado as localizações de eventuais pedreiras para a obra. Durante os trabalhos só foram detectados blocos de basalto até três toneladas, enquanto que são necessários alguns milhares de blocos de cinco a oito toneladas.

Baixa na Pró-Associação Sindical da PSP

O guarda Custódio dos Santos, de 28 anos, membro da Comissão Pró-Sindical da Polícia de Segurança Pública, faleceu no Instituto de Oncologia, em Lisboa. Custódio dos Santos, solteiro, natural de Montemor-o-Novo, dera entrada há uma semana naquele estabelecimento hospitalar, vítima de cancro no estômago.

Governo "manda" secretários de Estado ao Algarve

Nordeste poderá arrancar já em 84 com Plano de Desenvolvimento Integrado

Ria Formosa: um "mar" de problemas que cinco concelhos querem resolver

FARO, 12 – O Nordeste algarvio poderá arrancar já no próximo ano com o seu plano de desenvolvimento integrado, a seu tempo elaborado pela Comissão de Coordenação Regional e que neste momento está a ser estudado pelo Departamento Central de Planeamento.

Essa hipótese foi este último fim-de-semana levantada pelo secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Joaquim Nogueira, que nesta cidade teve uma reunião com técnicos e autarcas da região. E não foi o único governante presente na reunião: também nela estiveram os secretários de Estado do Ambiente e do Turismo, Carlos Pimenta e Joaquim amaral, que na capital algarvia se reuniram, aliás, com técnicos e autarcas da província e responsáveis pelos vários sectores da coordenação da região.

Joaquim Nogueira afirmou nessa mesma reunião que em 1984 será possível avançar com «obras concretas» de investimento em diversos sectores, com o objectivo de «minorar o atraso que caracteriza o Nordeste algarvio». As acções a desenvolver – acrescentou – passam por obras de regadio estradas, electrificação, saneamento básico.

Joaquim Nogueira referiu-se também à reserva da ria Formosa, considerando-a uma zona de «invulgar importância», não só para Portugal, como para todo o mundo, dadas as características de nidificação. Defendeu um plano de ordenamento e desenvolvimento para a ria, a fim de saber-se «quem faz, o que é que se deve fazer», para que haja um efectivo controlo de protecção à reserva.

Em 1984– revelou – já haverá verbas inscritas no Orçamento Geral do Estado para a ultimação e realização de alguns estudos que faltam fazer no conjunto global da reserva da ria Formosa. Dos estudos a realizar, o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional apontou para a área da piscicultura, como meio de grandes vantagens económicas.

Ria Formosa: um «mar» de problemas

Foi, aliás, a questão da ria Formosa que suscitou maior discussão, até porque abrange cinco concelhos: Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António. As ilhas e zonas do domínio marítimo, por outro lado, foram consideradas áreas onde a degradação mais se tem verificado e para as quais irá ser desenvolvido um plano urgente de actuação contra a «clandestinidaade». Sobre esta questão, debruçaram-se igualmente os secretários de Estado do Turismo e do Ambiente, por a problemática ter muito a ver com os seus pelouros. Fundamentalmente, importa conter «o fenómeno do alastramento da degradação do meio ambinente».

Entretanto, o secretário de Estado do Turismo defendeu que sejam as Câmaras Municipais a elaborarem os seus próprios regulamentos sobre a cobrança de impostos de turismo. Joaqum do Amaral justificou a ideia afirmando que as Câmaras têm dificuldades de fiscalização, dado que não «estão claras as obrigações».

Para aquele governante, a faculdade das Câmaras poderem vir a elaborar tais regulamentos será «um passo importante para o aumento da cobrança do imposto de turismo».

A medida – revelou – poderá ser posta em vigor através de decreto-lei dentro de pouco tempo, para que cada autarquia faça o regulamento que julga que se adapta à sua região e que melhor se adapta aos seus meios de fiscalização.

Sabe-se entretanto que até 15 do próximo mês dará entrada na Presidência do Conselho de Ministros uma proposta tendente a pôr termo à construção clandestina no litoral algarvio, resultado da reunião de ontem entre edis, elementos da coordenação algarvia e aqueles três membros do Governo.

Quanto à Ria Formosa, o secretário de Estado do Ambiente (Carlos Pimenta) anunciou que no próximo ano entrará em funcionamento um número de trabalho da Direcção-Geral de Ordenamento. O presidente da Comissão de Coordenação do Algarve irá, por seu turno, apresentar o caso da Ria Formosa à reunião da Conferência das Regiões Periféricas, a efectuar em Outubro que vem.

Ano turístico igual a outros

Os indicadores que o presidente da CRTA algarvia tem em mão prometem uma época razoável de Inverno. Entretanto, o Verão foi igual a muitos outros. «Nem melhor nem pior que os anteriores», afirmou Luís Filipe Madeira.

O presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve sublinhou que o seu optimismo para o próximo Inverno assentava no facto de estar prevista a duplicação do número de voos para a região, durante esse período, para além das reservas hoteleiras apresentarem indicadores auspiciosos.

A presente época turística, já na sua fase final, traduzir-se-á para o Algarve como «uma época normal», isto é, nem melhor nem pior que as outras, por, fundamentalmente, apresentar um aumento entre 8 a dez por cento dos turistas estrangeiros e um decréscimo dos nacionais.

O mercado nacional foi, pois, um fiasco para o turismo algarvio. E não espantará muito, tendo em conta o aumento generalizado dos bens essenciais com reflexo nos restaurantes e, inclusive nas pernoitas. Inveterado admirador do Sol algarvio ainda há dias se lamentava dos mil e cem escudos desembolsados para dormir numa casa particular de Monte Gordo, por lhe terem pedido 2 400$00 no hotel de Vila Real de Santo António. Para quem correra boa parte do Sul de Espanha pagando pouco mais de mil pesetas diárias de pernoita, convenhamos que os preços algarvios começam a ser insuportáveis.

Cunho regionalista no concelho de Arganil

COIMBRA, 12 – Os secretários de Estado da Comunicação Social e do Trabalho presidiram na Aldeia de Pardieiros, concelho de Arganil, à inauguração de um Centro Recreativo e Cultural. Tanto Anselmo Rodrigues como Custódio Simões são naturais do concelho, que visitaram para participarem numa jornada de cunho regionalista.

O imóvel, de três pisos, inaugurado pelos membros do Governo com a presença dos presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal de Arganil, importou em cerca de dez mil contos, dos quais a Comissão de Melhoramentos local angariou quarenta por cento, o remanescente custeado pelo Estado.

Ao longo dos seus 33 anos de actividade, a Comissão de Melhoramentos de Pardieiros teve intervenção decisiva em todos os melhoramentos públicos realizados na localidade.

Joalheiro multado em 243 mil contos por fuga ao imposto de transacção

Um máximo de 243 mil contos e um mínimo de 150 mil contos é quanto o joalheiro Vítor José Alves Marinho da Rocha, residente em Maçares, a dezassete quilómetros de Moncorvo, terá de pagar ao Estado, por fuga ao imposto de transacção agora detectada pela Fiscalização Tributária de Bragança, no decorrer de uma operação de surpresa, sugerida pelas Finanças do Porto.

De acordo com a informação recolhida pelo «DL», o joalheiro Vítor da Rocha, residente em Gondomar, estava inscrito na repartição de Finanças de Moncorvo, desde Janeiro último, como frabricante e armazenista de ouro, prata, pedras preciosas e outros metais valiosos. Nessa qualidade, o joalheiro terá vendido o equivalente a 162 428 contos, deixando de pagar o imposto de transacção respectivo, no valor de 48 728 contos. Ora, de acordo com a lei em vigor, a multa a aplicar será do quintuplo daquele montante, acrescida dos juros compensatórios, o que dá, aproximadamente, os 243 mil contos.

Tendo em conta o elevado valor da multa, o director das Finanças de Bragança ordenou a apreensão de bens ao joalheiro, os quais possam cobrir a multa referida.

É convicção dos responsáveis pela Fiscalização Tributária que o joalheiro agora detectado é apenas um dos elementos de uma vasta rede que opera no País, na colocação de ouro e pedras preciosas junto de ourivesarias ou de particulares, à margem das normas estabelecidas de onde resulta um claro prejuízo para os cofres do Estado.

Ex-governador civil acusa presidente (PS) de Guimarães

GUIMARÃES, 12 (Do nosso correspondente) – Guimarães vive com curiosidade a polémica iniciada há dias com a publicação de uma carta aberta de Ribeiro da Silva, ex-governador civil de Braga e dirigente do PSD, e em que se criticava a actuação de Manuel Ferreira, presidente socialista da Câmara Municipal de Guimarães, aquando da recente visita a Vizela do ministro Eduardo Pereira, em que este emitiu opiniões e assumiu compromissos favoráveis às pretensões dos independentistas vizelenses.

A confrontação, que deixou de se limitar às declarações públicas dos dois intervenientes para motivar comunicados das estruturas locais dos respectivos partidos (PSD e PS), assumiu agora novos aspectos com as afirmações de Ribeiro da Silva, em que se ataca gravemente o presidente da Câmara.

Com efeito, Ribeiro da Silva insiste no facto de Manuel Ferreira não ter sido, aos olhos de Guimarães, o exemplo de firmeza e coerência que devia ser e não ter «sabido defender convenientemente os interesses de Guimarães e de todo este concelho, ante os acontecimentos recentemente ocorridos em Vizela».

Acusando Manuel Ferreira de se mover no plano dos interesses, Ribeiro da Silva acrescenta não reconhecer «autoridade moral a quem, como o sr. Manuel Ferreira, hoje afirmando-se socialista, acordou já tarde para a vivência democrática, porquanto, numa conturbada trajectória política, desde dirigente da extinta ANP e fiel escriturário de comunicações de carácter confidencial para a PIDE ou outras entidades do regime deposto», desde «membro independente, eleito em lista do PSD, até militante socialista, agora (de tudo) tem sido um pouco, sem honra, sem mérito e, sobretudo, sem o mínimo de pudor e de coerência que uma séria vida política impõe».

Táxi mata garoto de dois anos à vista do pai e dum irmão

Um pequenito de dois anos, Pedro Manuel Oliveira Moreira, foi ontem à tarde atropelado mortalmente por um táxi, na estrada que liga o lugar de Póvoas à Póvoa de Varzim, perante o olhar desesperado do pai e de um seu irmão mais velho.

Segundo o «DL» conseguiu apurar junto da GNR de Terroso, o pequenito tinha saído momentos antes do carro do pai, juntamente com um irmão mais velho, a fim de ir satisfazer as suas necessidades fisiológicas. No regresso, porém, o irmão mais velho decidiu correr e Pedro Manuel perseguiu-o, atravessando a estrada indiferente ao perigo.

Surgiu, então, um táxi, conduzido por Ângelo Costa Dias Barbosa, de 54 anos, do lugar da Carvalhosa, em Paços de Ferreira, que atropelou mortalmente o garoto, enquanto o pai, Manuel Ferreira Moreira, residente no lugar da Igreja, na Apúlia, testemunhava o acidente, ao volante da sua viatura.

O miúdo ainda foi transportado ao Hospital da Póvoa de Varzim, mas os médicos ali em serviço limitaram-se a verificar o óbito.

US de Aveiro e Santarém repudiam o "lay-off"

Na sequência das críticas que as mais diversas organizações sindicais têm vindo a tecer relativamente ao projecto de decreto-lei sobre a suspensão dos contratos de trabalho, o plenário de sindicatos do distrito de Aveiro considera que, a ser aprovado, o «lay-off» criaria um autêntico estado de sítio nas empresas e dividiria os trabalhadores.

A União dos Sindicatos de Aveiro (USA) diz que o «projecto constitui um dos mais graves atentados de sempre aos direitos dos trabalhadores constitucionalmente garantidos, nomeadamente direito ao trabalho e à segurança no emprego».

«Os sindicatos do distrito de Aveiro rejeitam na globalidade o projecto de decreto-lei sobre a suspensão ou redução temporária da prestação de trabalho e decidem desenvolver acções de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores para a luta imprescindível a travar contra o projecto e contra a política anti-operária em que o Governo está empenhado» — afirma a USA.

Os sindicatos decidiram realizar no dia 20, na sede do Sindicato do Calçado, em S. João da Madeira, a sessão distrital da Conferência Nacional pelo «direito ao trabalho contra a suspensão dos contratos, os despedimentos e o não pagamento dos salários».

Também a União dos Sindicatos do Distrito de Santarém, num plenário que reuniu os dirigentes sindicais distritais, manifestou o seu «mais vivo repúdio pela tentativa de aprovação e aplicação da lei dos despedimentos, que mais não visa do que criar ainda mais e maiores dificuldades a milhares e milhares de trabalhadores».

O plenário decidiu exigir do Governo «que sejam tomadas medidas através dos organismos próprios e adequados, para obrigar o patronato a cumprir o consignado na Constituição, de que quem trabalha, tem direito ao seu salário, ao contrário do que actualmente acontece, havendo já milhares de trabalhadores e suas famílias com fome, desmentindo assim as demagógicas afirmações do sr. 1.º ministro, quando disse que não quer que haja gente com fome neste País».

O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI), por seu turno emitiu um parecer em que afirma que o projecto governamental «é contrário ao espírito e letra da Constituição: primeiro, porque viola o art.º 53.º, o qual garante aos trabalhadores a segurança no emprego; segundo, porque ignorando os sindicatos, contraria o art.º 57.º, que comete às associações sindicais o poder e o dever de defender e promover a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores que representam».

O SIESI afirma que «uma lei sobre a suspensão ou redução temporária da prestação de trabalho, só poderia eventualmente justificar-se desde que ela fizesse parte dum plano coerente, visando a reestruturação e o desenvolvimento da economia portuguesa, elaborado com a audição prévia dos sindicatos».

FESTRU reafirma a existência "de uma política alternativa à que está a ser praticada" pelo Governo

A Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU), em reunião do seu Secretariado, procedeu à análise da situação política e social que se vive no País e, em face da actuação do Governo, que repudia, decidiu reafirmar «a existência de uma política alternativa à que está a ser praticada, que assenta no aproveitamento dos recursos nacionais; uma política que mereça o contributo dos trabalhadores e não contra os trabalhadores».

Este Governo – diz a FESTRU – «com o argumento de resolver a profunda crise económica em que a AD mergulhou o País», não só «não tem tomado qualquer medida de fundo susceptível de resolver os problemas nacionais», como «pelo contrário, insiste nos mesmos erros da AD agravados pelas receitas e imposições do Fundo Monetário Internacional e do grande patronato português».

Um comunicado emitido por aquela organização sindical afirma, que através da aprovação duma nova lei de delimitação dos sectores e dum conjunto de medidas complementares, «o Governo pretende abrir à iniciativa privada os secotes chave da economia portuguesa e destruir completamente o sector público e estatizado da economia, com os consequentes reflexos na vida dos trabalhadores dessas empresas e na economia nacional. É de registar – sublinha– que mesmo antes da aprovação dessa lei o Governo iniciou já o desmantelamento de importantes empresas públicas à revelia da Constituição e da lei».

Ao mesmo tempo «que insiste na necessidade dum esforço dos trabalhadores com vista ao aumento da produção, este Governo, segundo a FESTRU, prepara-se para aprovar um decreto-lei que permitirá ao patronato o afastamento de muitos milhares de trabalhadores das empresas, permitindo aos empresários uma vida de ragabofe e ilibando-os da responsabilidade de gerir as empresas com eficiência, visto que ficam sempre com a possibilidade de afastar o número de trabalhadores que entenderem, por um vastíssimo leque de razões ligadas apenas aos interesses dos empresários».

A FESTRU decidiu, perante esta política, «desencadear no sector de transportes rodoviários e urbanos, as acções necessárias à defesa dos postos de trabalho e dos direitos e regalias em vigor» e participar «activamente nas acções a empreender pelo movimento sindical unitário» contra a ofensiva do Governo, nomeadamente através da participação no encontro dos trabalhadores das empresas públicas, nacionalizadas e participadas» a realizar no próximo dia oito de Outubro.

Governo está a preparar um programa sobre o desemprego

-revelou Rui Amaral

O secretário de Estado do Emprego afirmou que brevemente o Governo vai anunciar um programa sobre o desemprego, abrangendo adultos e jovens.

Rui Amaral, que falava aos jornalistas após ter inaugurado a FATACIL-83, na Vila de Lagoa, acrescentou que o programa está a ser ultimado e que as suas medidas concretas vão ser sujeitas à aprovação do executivo.

Esse programa, precisou, tem como finalidade um regime de protecção dos trabalhadores desempregados e procura dar-lhes subsistência necessária e mais condigna.

Sobre a parte do programa respeitante aos jovens, Rui Amaral referiu que poderá ser anunciada no final de Setembro e que se trata de um novo sistem de aprendizagem, uma espécie de estágio alongado nas empresas, com o apoio dessas empresas, das escolas e da Secretaria de Estado do Emprego, que fornecerá monitores.

Rui Amaral considerou que, com esta medida, dentro de dois ou três anos a maior parte dos jovens desempregados poderão estar ocupados e mais aptos para o trabalho.

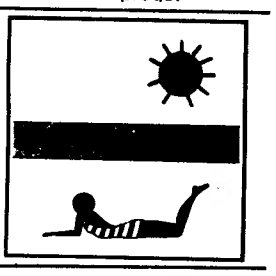
O período de aprendizagem será de um a três anos, conforme a natureza do emprego, durante o qual os jovens terão uma bolsa em jeito de compensação.

Será feito o relançamento em definitivo do ensino técnico profissional com o apoio da Secretaria de Estado do Emprego, disse Rui Amaral.

Quanto aos adultos, aquele governante admitiu que o programa que lhes é destinado possa ser concretizado já no próximo Outono.

Trata-se de um regime de formação profissional em cooperação com as empresas, associações de empresas, autárquicas e serviços públicos, de forma a manter ocupados os trabalhadores desempregados e a aproveitar mesmo esse tempo para reciclagem nas prespectivas profissões, salientou o secretário de Estado.

Rui Amaral frisou que será sempre o Governo a subsidiar uma ocupação útil, esclarendo ainda que as verbas virão do Fundo de Desemprego.



NÃO entre na água após demorada exposição ao sol

Sectores de actividade "estão em regressão"

- considera a US de Faro

A União dos Sindicatos do Distrito de Faro considerou que os principais sectores de actividade do Algarve «estão em regressão».

Em comunicado, a USF aponta como exemplo a indústria conserveira, onde a «situação é alarmante».

É que se estão a preparar despedimentos colectivos, havendo já trabalhadores que não recebem vencimentos há mais de seis meses, tais como da fábrica J.A. Pimenta e Aldibel, ambas de Lagos.

Na construção civil, o comunicado sindical acusa o patronato de atrasos nos salários, despedimentos sem justa causa, não cumprimento de horários e abuso de contratos a prazo.

Noutro ponto, o documento da USF protesta contra o projecto do «lay-off» que considera ser «uma das últimas imposições do capitalismo».

Acusa o Governo de «manipulação da opinião pública» ao marcar prazos para a discussão do projecto de lei sem que tenha distribuído exemplares suficientes do texto à população.

O Governo – lê-se no documento – «a pretexto das dificuldades vai impondo o desemprego e a vida cara, mata à nascença os projectos dos jovens e **varre** as últimas esperanças de reformados e idosos».

Por fim, no comunicado anuncia que no dia 19 haverá em Faro uma reunião do secretariado da União e uma sessão da Conferência Nacional da CGTP-IN e, no dia 21, um plenário distrital para a discussão dos problemas sociais da região.

Centrel Automática

Administração acusada de impedir visita de delegação soviética

Dirigentes sindicais dos trabalhadores de uma fábrica da periferia de Lisboa acusaram a respectiva administração de ter impedido «de uma forma pouco séria» a visita às instalações da empresa de uma delegação soviética.

A acusação consta de um comunicado da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas (FSTIE) e é dirigida à administração da Centrel Automática Eléctrica Portuguesa, que vedou o acesso, que autorizara há menos de um mês, a uma delegação da Federação das Indústrias Eléctricas da URSS.

Contactado pela ANOP, o presidente do conselho de administração da Centrel, Jorge Rocha de Matos, confirmou o facto, explicando-o pela realização de uma reunião dos gestores da empresa que se prolongou para além do encerramento da fábrica.

Não podendo, conforme manifestou Rocha de Matos, transgredir-se a regra de as visitas à unidade serem sempre acompanhadas por elementos do conselho de administração, impediu-se o acesso à delegação soviética, com exposição dos motivos e do carácter provisório do impedimento.

comunicação social

Conselho de Imprensa e Publicidade

O Conselho de Imprensa, reunido nos primeiros dias do mês corrente, procedeu à análise do Decreto-Lei n.º 303/83, sobre o exercício de actividade publicitária que entrará em vigor dentro de dias. Ao contrário do que sucedera com o anterior decreto de 1980, agora revogado, este Conselho não foi chamado a emitir qualquer parecer sobre a presente legislação. Segundo o novo decreto-lei, o Conselho de Imprensa deixa de integrar o Conselho de Publicidade.

O Conselho de Imprensa considera que esta é uma matéria importante dentro do quadro da comunicação social: o público não é apenas consumidor dos produtos anunciados, é também «consumidor de mensagens» cuja natureza nem sempre identifica. O Conselho de Imprensa entende que não pode ser alheado, nem alhear-se, do debate sobre os problemas levantados pela legislação de actividade publicitária, sem correr o risco de não cumprir cabalmente as suas funções na salvaguarda da liberdade de expressão do pensamento na Imprensa e da independência desta, assim como do direito de informar e de ser informado.

E pormenorizando, afirma o CI:

A dimensão informativa da publicidade, as suas implicações na gestão, orientação, conteúdo e imagem dos vários órgãos de Comunicação Social, assim como na prática e na deontologia profissional dos jornalistas, as repercussões que o exercício desta actividade tem no direito à informação, nomeadamente no direito à recepção duma informação livre e responsável, fazem com que a regulamentação da actividade publicitária devesse ter contado com o parecer do Conselho de Imprensa, cuja representação no Conselho de Publicidade daria um contributo valioso, levando a este órgão uma perspectiva que se encontra dele ausente em virtude da composição que o Decreto-Lei 303/83 para ele prevê.

É de salientar que todo o conjunto de questões postas pela «identificabilidade», pela «veracidade» da publicidade e pela «publicidade interdita» entre outras, remetem directamente para a necessidade do rigor da informação e do respeito pelo direito a ser informado que compete aos próprios órgãos de informação e aos jornalistas defender e ao CI salvaguardar.

E ainda:

A actividade publicitária, entendida como «toda a divulgação que vise dirigir a atenção do público para determinado bem ou serviço de natureza comercial com o fim de promover a sua aquisição», exerce-se, e amplamente, nos jornais, na Rádio, na Televisão, acabando por fazer parte da própria mensagem jornalística, radiofónica, televisiva.

Na nossa sociedade, a publicidade faz parte dos meios de Comunicação Social, a tal ponto que dá confiança a certo tipo de leitores, assegura-lhes que estão a «ler certo», mesmo quando não estão.

O problema da publicidade não pode ser equacionado separando-o das questões postas pelo direito a informar e a ser informado, da liberdade da expressão e dos seus limites, do rigor e da isenção de informação (ou seja, da sua qualidade), da independência da Imprensa e dos jornalistas, o que é dizer, das questões que justificam a existência do Conselho de Imprensa.

(Refere o CI que é exemplo disto o parecer recentemente emitido por este órgão acerca da incompatibilidade entre a profissão de jornalista e o exercício de actividades de publicidade, propaganda, relações públicas e próprias do Gabinete de Imprensa.)

E lembra também o CI;

A publicidade condiciona, de formas várias, a Imprensa em Portugal. A publicidade permite a existência de órgãos informativos e a sua subrevivência. São conhecidos casos em que a publicidade é capaz de fazer «viver artificialmente» publicações e é capaz de «matar» pela sua ausência outras, ou inviabilizá-las.

Por outro lado, a quantidade, as características e a qualidade da publicidade contribuem para a criação da imagem do próprio jornal, da estação de Rádio, do canal da Televisão.

As «políticas da publicidade» seguidas pelo jornal e o tratamento que faz da publicidade, na prática, são parte daquilo a que se chama a «orientação do jornal», que o seu estatuto editorial consagra.

E depois de referir a instauração de sistemas de dependência económica, de vário tipo, em que a publicidade actua como forma de pressão, e que conduzem facilmente à violação do princípio da Imprensa face ao poder económico, afirma o CI:

Para o grande público, as fronteiras entre a Informação e publicidade não são por vezes muito claras, mesmo se as leis em vigor são cunpridas.

O cidadão exposto às mensagens de Comunicação Social tem dificuldades de «leitura» que a paginação, por exemplo, ou a realização radiofónica ou televisiva podem aumentar, nem sempre faz a distinção entre as funções, as características, as linguagens da mensagem publicitária e da mensagem jornalística, que não raro é «abafada» pelo impacto que aquela exerce sobre o receptor em virtude dos processos que utiliza e das próprias características da sua linguagem.

Aliás, a mensagem publicitária contém também ela informação (informação, à partida, regra geral, de interesse muito mais imediato do que a informação jornalística) e o cidadão comum informa-se na publicidade.

A confusão entre Informação e publicidade é evidentemente agravada pelas frequentes e inadmissíveis violações das disposições que exigem a identificação inequívoca da mensagem publicitária; e proíbem todas as formas de publicidade oculta – disposições constantes quer na Lei de Imprensa, quer na Lei da Radiotelevisão – e ainda pelo não cumprimento ou deficiente interpretação do Estatuto do Jornalista no que respeita às incompatibilidades e preceitos do Código Deontológico que afirma que o jornalista deve «recusar-se a elaborar qualquer matéria de carácter publicitário».

Antecedendo posteriores considerações, afirma ainda o CI:

«Tornar mais clara a fronteira entre publicidade e jornalismo e combater as situações criadas pelo desrespeito às disposições legais, fundamentais para a existência duma Imprensa livre e independente do poder económico, compete prioritariamente aos órgãos de informação e relaciona-se intimamente com o direito a ser informado de que o Conselho de Imprensa se ocupa.»

Silva Carvalho, liberal do século XIX

Santa Comba ergue monumento à "alma" da Revolução de 1820

COIMBRA, 12 – O dinamizador da Revolução de 1820, José da Silva Carvalho, tem desde ontem um busto à frente do solar onde há duzentos anos nasceu, na aldeia de Vila Dianteira, concelho de Santa Comba Dão. Um ciclo de manifestações culturais e sociais comemorativas do seu bicentenário fechou, ontem, com a inauguração de uma cerimónia escultórica que perpetuará, aos olhos de quem passar naquela aldeia da freguesia de S. João das Areias, aquele magistrado e político liberal que foi, trambém, presidente do STJ.

Uma bisneta de José da Silva Carvalho, hoje com 79 anos, D. Camila de nome, descerrou o busto, acto que um trineto, o advogado Nuno Sequeira, agradeceu em nome de outros descendentes de Silva Araújo presentes na cerimónia. A autoria da maqueta de que resultou o molde para a fusão em bronze é de David Pereira de Oliveira, escultor natural da região. O custo do monumento foi assumido pelos habitantes de S. João das Areias e pela CM de Santa Comba Dão.

A manifestação de ontem, concluída com o descerramento do busto de Silva Carvalho, bem como um ciclo de palestras e exposições que vinham decorrendo desde Agosto de 1982, foi organizado por uma comissão promotora que integrou, entre outros, Santos Costa, Miranda de Brito, António de Carvalho e Costa Neves, que como licenciado em história traçou o perfil humano e político de Silva Carvalho em nome da comissão. E bem e poderá dizer que, afinal, Salazar teve, como poucos, o exemplo democrático de um grande homem, no seu concelho. Mas não quis aproveitar a lição do bom vizinho, que o antecedeu na política.

Nascido em 1720 e falecido em 1856, José da Silva Carvalho foi, com José Fernandes Tomás e Ferreira Borges, um dos três fundadores do «Sinédrio».

A partir do Porto este grupo ajudou a forjar a Revolução de 1820, mas o triunfo inicial dos miguelistas obrigou Silva Carvalho a exilar-se na Inglaterra.

Posteriomente, tornou-se ministro de D. Pedro e de D. Maria II qualidade em que negociou os empréstimos externos de 1834. Após a vitória do «Setembrismo», em 1836, o magistrado liberal abandonou a actividade política e fixou-se no cargo de presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

Estes e muitos outros dados biográficos foram recordados em Vila Dianteira, onde o presidente da Câmara de Santa Comba Dão elogiou a iniciativa da homenagem a um dos seus naturais de projecção nacional.

«Recordar os seus valores históricos é uma obrigação das populações que o povo desta aldeia cumpriu exemplarmente, a ponto de alertar a câmara a que presido para a necessidade de se criar um Centro de Pesquisa de Documentação e de Recolha de Dados conseguidos» – afirmou o presidente municipal.

"O País corre o risco de ficar paralitico"

-afirmou D. Eurico Nogueira em Guimarães

PORTO, 12 — O arcebispo-primaz de Braga afirmou ontem em Guimarães que o País «corre o risco de ficar paralítico». D. Eurico Nogueira falava na homilia dirigida aos peregrinos, na Penha, durante a missa do Ano Santo, tendo também afirmado que o actual Executivo demonstrou «um pouco mais de coragem e realismo do que anteriores responsáveis pelo destino da Nação».

«As decisões dolorosas que foram tomadas pelos actuais governantes impunham-se desde há muito», salientou este bispo que, com o titular de Bragança, inflecte de tempos a tempos na área política. E, numa outra tirada de ordem política, afirmou ainda D. Eurico Nogueira (numa clara alusão a afirmações proferidas por Almeida Santos à sua chegada de Moçambique): «se na Constituição há normas amordaçantes e contrárias ao verdadeiro espírito democrático, corrijam-se de uma vez para sempre, a fim de não serem pretextos para protelar indefinidamente situações de injustiça negadoras da legítima liberdade».

D. Eurico Nogueira reportava-se indirectamente ao canal televisivo que a RTP pretende para si e para este Governo, à luz do que nesse sentido dispõe o texto constitucional, lhe nega. Daí, aliás, esta interrogação do arcebispo-primaz de Braga: «não continua a invocar-se a constituiçao para tirar dela medidas demagógicas ou para cercear legítimos direitos do homem e da sociedade, sem excluir os da Igreja?». Embora no essencial de acordo com as decisões (gravosas tomadas pelo Governo, D. Eurico Nogueira afirmou: «Portugal é hoje um país quase paralisado, tais as medidas de austeridade que lhe foram impostas e esperamos que não se transforme em paralítico, sem cura numa Europa caracterizada por contínuo progresso.»

Bispo brasileiro no 4.º aniversário de Amadora-cidade

O bispo resignatário de Itamuna, Brasil, D. Eliseu Gomes de Oliveira, declarou na Amadora que «o fermento do evangelho desperta no coração humano uma irreprimível exigência de dignidade para consecução do bem comum».

Ao presidir à concelebração eucarística do 4.º aniversário da elevação da Amadora a cidade, aquele prelado disse que «o bem comum permite aos grupos sociais, como a cada pessoa, alcançar mais plenamente a própria realização, implicando em direitos e deveres que são invioláveis e que representam a eminente dignidade da pessoa humana».

Mais adiante, afirmou que «são infames todas as coisas que se opõem à vida: o homicídio, o sequestro, o assalto, a tortura, o genocídio, o aborto, a eutanásia e o suicídio».

Posteriormente, no desenvolvimento da homilia, o bispo disse que a luta dos cristãos leva cada um «a dar as mãos aos oprimidos, aos injustiçados, aos pobres, aos que nada têm, aos desempregados, aos doentes, a todos os carentes, aos democratas que lutam pela liberdade».

Entretanto e após três dias de trabalhos, os bispos de Coimbra e de Aveiro, D. João Alves e D. Manuel Trindade, encerraram ontem nesta segunda cidade o conselho nacional do Movimento Católico de Estudantes (MCE).

Em representação das dioceses de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Aveiro, e como observadores ligados a outras dioceses, participaram nos trabalhos 120 estudantes do MCE.

Um desses militantes católicos, Luís Barbosa, referiu à ANOP que todos os objectivos preconizados pelo Conselho Nacional foram alcançados no encontro. «Conseguimos preparar o próximo ano lectivo, analisar o meio estudantil e propor acções colectivas com certo impacto no nosso meio» — salientou aquele estudante.

Segurança dos Bancos portugueses posta à prova pelos gatunos

PORTO, 12 – Durante o fim-de-semana, os gatunos puseram à prova a segurança de dois bancos portuenses: o «Totta e Açores» e o «Português do Atlântico». No primeiro, aliás, deram-se ao «luxo» de bisar, já que passaram a pente fino duas instalações situadas em prédios diferentes. A avaliar pelo primeiro balanço, tudo indica que se tratou de «assaltantes especiais», já que o dinheiro não seria aquilo que mais lhes interessava...

No caso do banco «Totta e Açores», há a assinalar que foram assaltadas as secções de Contratos, na Avenida dos Aliados, 41-4.º, e de Cursos, no n.º 168-4.º, da mesma avenida. Em ambos os casos, por meio de estroncamento das portas. Na primeira das secções remexeram tudo, mas nada levaram, nem mesmo 12 notas de mil estavam numa gaveta. Na secção de cursos, também voltaram tudo de pernas para o ar, acabando por levar apenas várias colecções de moedas pertencentes ao respectivo chefe, José da Rocha e Sousa, e ainda nove contos e um relógio da funcionária Amélia da Câmara Pires.

Entretanto, a dependência do BPA assaltada situa-se na Rua de Sá da Bandeira, 830, também em pleno centro da cidade. Tal como as anteriores, foi estroncada a porta de entrada e virada do avesso. Garantem, no entanto, que nada foi furtado, embora houvesse um cofre com valores, m as que está ligado ao «115».

Nas três dependêndias ficou bem patente a intenção de os assaltantes em procurarem algo mais do que o dinheiro. Por outro lado, ficou também demonstrado que os autores da façanha podiam ter levado o que muito bem entendessem que a polícia não dava por nada. Foram as empregadas da lizpeza que, esta manhã, ao iniciarem a tarefa que lhes está distribuída, se aperceberam do sucedido...

APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS * APROVADO PELOS ALUNOS
SÉNECA T:40092 SÉNECA T:822776 SÉNECA

Um povo à procura de um país viável (1)

Moçambique 83: 12 milhões a braços com a fome

MAPUTO, 27 de Agosto, fim de mês – Nas dispensas das casas os mantimentos esgotaram-se há largos dias. Nas lojas e cooperativas, as prateleiras estão vazias desde que terminou o levantamento das rações do mês. Resta a brilhantina, a vazelina líquida, a benzina, o óleo para limpar madeiras e, aqui e ali, mais um ou outro produto que ninguém pega, que tem uma utilização restrita ou, ainda, um preço demasiado elevado.. Numa última tentativa de encontrar energias para chegar ao dia 1, uma longa bicha frente a uns tantos cafés, uma outra, várias, ordeiras e resignadas, junto aos diferentes mercados da cidade. A fome é o inimigo número um do povo e do Estado e paira com o seu espectro de morte por cima de quase todo o país. Intimamente ligada a ela, a guerra, a acção dos bandos armados, disputa-lhe o primeiro lugar nas preocupações e nas prioridades de acção dos governantes. Como que a preparar o terreno para o desenvolvimento daqueles dois flagelos, a seca, **alarmante,** na expressão oficial, castiga grande parte do território com as suas sementes de esterilidade.

Estamos na República Popular de Moçambique e o ano é o de 1983.

A tarde escorre lentamente e a temperatura suporta-se. Pelas esquinas e nas bermas dos passeios limpos da baixa, centenas de pessoas aguardam não se sabe o quê. Estão por ali, sobretudo, jovens, mulheres e velhos, olhar parado, esperando devagar.

Na Avenida 25 de Setembro (data do início da luta armada de libertação), antiga Av. da República, os cafés, pastelarias, cervejarias e lojas do tempo colonial lá estão, de portas encerradas, ou quase às moscas. No interior, abertos ou fechados, os estabelecimentos mostram asseio e parecem prontos para a chegada da mercadoria. Dir-se-ia que o tempo parou, que alguém decretou um parêntesis, que a vida foi ali e volta já...

Os automóveis e camiões passam, eles quase mais velozes que o tempo, como que a fugir, indiferentes, sem dar por nada. Subitamente, como que movidos por uma força estranha, homens e mulheres correm para o café «Continental». Lá dentro, portas fechadas, mesas e cadeiras impecavelmente nos seus lugares, negros de casaco branco ultimam os preparativos da abertura.

Chá com bolos

A bicha fica formada – mulheres com bebés à parte, em fila prioritária – e, em segundos, as posições estão adquiridas. Agora é só defender o lugar, pernas abertas e pés bem fincados no chão, braços levantados e corpos colados a outros corpos. Os braços repelem as poucas tentativas de intrusão na ordem da bicha e estendem-se angustiadamente para o empregado que já distribui as tão desejadas senhas de acesso ao «Continental».

Uma vez lá dentro, sem atropelos, com civismo, entrando à medida que há lugar nas mesas, rostos iluminam-se de uma tranquilidade sem pressas, bem africana. Três pequenos bolos, tipo queque, mais um copo de chá ou de sumo de frutas liofilizadas, 29 meticais desembolsados (3 escudos portugueses trocam-se por 1 ou por 30 meticais, consoante o câmbio é oficial ou de mercado negro) e a provavelmente única refeição do dia está tomada.

Nalguns casos os bolos seguem na bolso, que os filhos só puderam beber chá com açúcar (nem sempre) e, à noite, só chá com açúcar beberão.

Benjamim, 20 anos, trabalhador-estudante, diz-me com os nervos crispados: «temos fome, sabe?» e acrescenta: **em minha casa só h água e não sei se hoje terei alguma coisa para comer. Ontem ainda havia um bocadinho de arroz e uma couve, hoje não há nada.** E amanhã? Interrogo: **não sei, arroz só no dia 1, até lá, pode ser couve ou tomate, ou laranja, mas não há óleo, nem cebola, nem sal...**

Mas Benjamim transpira dignidade, orgulho próprio, ou apenas desespero e diz: **antes quero não comer que bichar para o bolo.** Sobre o sistema de racionamento em vigor desde há uns dois anos afirma que **pelo menos assim temos a certeza de receber algum alimento. Antes, os candongueiros levavam tudo e quem trabalhava não arranjava nada porque não podia bichar.**

No transistor portátil que um outro jovem segura, o apresentador do noticiário garante que os camponeses de algures **reafirmaram a sua firme determinação de combater a fome.**

Desmaios na escola

Um pouco mais à frente dois amigos, 14 e 15 anos, regressam a casa felizes da vida. Depois de umas horas de bicha conseguiram 5 quilos de laranjas cada um por 50 meticais (preço da tabela). Nessa manhã era dia grande no mercado central, pelo menos para os que chegaram a tempo!

O mais velho, 17 irmãos e pai operário em Marracuene com 5 mil meticais de salário mensal, diz-me que já comeu bolo e leite no café. À noite ainda come arroz porque *lá em casa tem juízo e não come tudo de uma vez*. Na sua escola, porém, explica, *todos os dias desmaiam meninos com fome. Na minha classe hoje foram dois*.

De acordo com um médico em serviço em Maputo, todos os dias chegam inúmeras pessoas ao hospital cuja única doença é a fome. *Mas a situação aqui na cidade ainda se consegue controlar. Em certas zonas mais atingidas pela seca, nas províncias de Gaza e Inhambane, a Sul do rio Save, a população alimenta-se quase exclusivamente de frutos selvagens e de folhas, como aliás se afirma em documentos oficiais tornados públicos*, acrescenta.

Segundo a mesma fonte, embora não se possa falar em pessoas a morrer de fome, como defendem as autoridades de Maputo, a situação de penúria alimentar está já a causar, indirectamente, a morte a muita gente.

Nas regiões a Norte do rio Zambeze, com excepção para o litoral da província da Zambézia, também atingida pela seca, a questão não se põe, havendo até excedentes agrícolas disponíveis. Simplesmente, explica-se a nível oficial, a acção dos bandidos armados, que nas outras zonas dificultam o encaminhamento da ajuda alimentar, entrava o escoamento dessas produções.

Por outro lado, a escassez ou a inexistência de bens de consumo ou de utensílios para trocar por aquilo que sobra aos camponeses agrava aquelas dificuldades. *Se tiver sabão, sal ou pano, trago um porco ou uma saca de milho. Se lhe oferecer meticais, o camponês recusa porque não há nada para comprar com eles*, dizia-me um português residente há 30 anos na região de Nampula.

Nas áreas não afectadas pela falta de água, os problemas residem principalmente na ausência de roupas e utensílios agrícolas e domésticos, assim como de outros bens de consumo básico. O banditismo armado, esse, está presente quase por todo o lado e a ele teremos oportunidade de nos referir posteriormente.

Limpeza e segurança

Mas regressemos a Maputo. As ruas estão mais limpas que em muitas cidades europeias. Os ataques e assaltos a pessoas e bens desapareceram e qualquer cidadão pode circular, em total segurança, a qualquer hora do dia ou da noite. As carcaças de carros abandonados desapareceram da via pública. Os jardins, nomeadamente o botânico – junto à antiga câmara municipal – e os do Paraíso não longe do Palácio da Ponta Vermelha – são cuidadosamente tratados e apresentam-se acolhedores e viçosos.

Os prédios deixados por acabar antes da independência foram terminados ou estão em vias de o ser. Os semáforos e os reclamos luminosos funcionam normalmente, bem como a iluminação pública. O exterior dos prédios e o pavimento das ruas estão razoavelmente conservados e os sinais de degradação urbana são menos notórios que em muitas zonas de Lisboa ou do Porto.

No interior de muitas casas, aí sim, a deterioração é significativa, mas há indícios de que as coisas começam a mudar. O próprio presidente Samora Machel ainda em Maio pôs o dedo nessa e noutras feridas, deixando bem à vista as suas causas. Falando num comício na Praça da Independência, afirmou na linguagem directa e didáctica que lhe é peculiar e que é a única que o seu povo entende: *Uma pessoa vivia numa palhota, com fogueira lá dentro, sem janela, com uma porta de caniço, baixinha, que é preciso curvar ou ajoelhar para entrar. Conquistámos a cidade, conquistámos o prédio. Agora ele vive no 12.º andar. O prédio tem um passeio, uma entrada, um elevador, tem janelas de vidro, persianas, tem portas dentro de casa, tem electricidade, tem armários na parede, tem soalho, tem louça sanitária, tem canalizações, tem fossas sépticas. Esta pessoa estava habituada a pilar no quintal. Fizemos uma grande campanha para que não trouxessem pilões para dentro de casa. O prédio está calculado para suportar um determinado peso. Alguns prédios hoje têm o soalho deslocado; buracos no cimento, paredes rachadas, vidros e sanitas partidos por causa da batida do pilão*

Outro sector bastante carenciado da capital moçambicana, assim como de todo o país, de resto, é o dos transportes públicos: táxis pouco passarão da meia dúzia e autocarros são também largamente insuficientes.

No que toca a hotéis haverá uma dezena deles, sendo um, o Polana – actualmente gerido pela sociedade Estoril-Sol – reservado a detentores de moeda estrangeira. Os restaurantes, por seu lado, andam pela vintena, mas só em meia dúzia deles é que aparece alguma variedade de alimentação. Sobretudo nestes últimos, só se consegue comer com reserva antecipada ou então sujeitando-se o cliente a demorada bicha.

Racionamento e bichas

Para garantir o essencial, em géneros alimentícios, aos mais de 700 mil habitantes da cidade (incluindo os bairros de caniço dos subúrbios), as autoridades criaram um sistema de racionamento baseado em cartões familiares. Cada família está normalmente vinculada a uma loja privada ou a uma cooperativa (metade da população abastece-se nestes estabelecimentos que sucederam à fracassada experiência das lojas do povo) e levanta aí, mensalmente, os produtos a que tem direito.

A senhora Muculumba, por exemplo, cujo marido é servente e recebe 3 mil meticais por mês, levou em Agosto as seguintes quantidades para os 5 membros da sua família: 7 kg de farinha de milho; 10 kg de arroz; 3 kg de esparguete; 2 litros de óleo; 2,5 barras de sabão (pequenas) e 2,5 kg de feijão.

Além destes géneros, cujos preços são tabelados juntamente com os dos restantes bens alimentares, é possível adquirir alguns vegetais e laranjas nos mercados. Se se trata de produtos pouco procurados, por serem caros ou não fazerem parte dos hábitos alimentares da população, compram-se sem bicha. É o caso dos agriões, 40 meticais o molho; da beringela, 30 mts; da couve em folhas, 45 mts o molho pequeno; da alface, 30 mts a unidade; da salsa e dos rabanetes.

Os tomates, as couves, as laranjas e outros produtos que aparecem esporadicamente vendem-se com bicha a 30, 15 e 40 meticais o quilo, respectivamente.

Quanto ao peixe, só costuma aparecer carapau congelado e a sua distribuição é igualmente controlada para evitar os desvios para a candonga. O leite e o pão escasseiam do mesmo modo, sendo extremamente difícil obtê-los. No que respeita à carne, e voltando ao exemplo da senhora Muculumba, a última vez que lhe calhou um frango foi no mês de Julho.

Em relação aos combustíveis, a situação varia, mas actualmente falta o petróleo, o carvão e o gás. Quanto a está última há quem espere uma garrafa há três meses. Finalmente, no que se refere ao vestuário e ao calçado, as dificuldades são gravíssimas sobretudo nas zonas rurais.

Oportunistas

Segundo muitas das fontes ouvidas pelo «DL», o sistema de abastecimento oficial funciona razoavelmente bem, não obstante surgirem casos como este que um leitor do «Notícias» do Maputo relata na edição daquele jornal do passado dia 2: **«dada a grande dificuldade que o país atravessa na aquisição de produtos de primeira necessidade, encontramos uma camada de pessoas que se aproveitam dessas dificuldades. Falando concretamente do bairro da Coop. onde existem 50 mamanas que se intitulavam de elementos da comissão (com conhecimento da estrutura do bairro, e que esta não deixa de ser por sua vez a maior oportunista».**

Essa comissão só funciona quando há produtos, de modo a serem as pessoas que a constituem as primeiras a comprarem e a facilitarem também a sua aquisição aos familiares e amigos bem como aos desvios dos produtos destinados à população em geral».

E a carta, subscrita por B.A.M. prossegue: «Elas (as da comissão) **encarregam-se de elaborar senhas e listas de maneira a privilegiarem-se, de maneira a serem elas a adquirir os produtos em primeiro lugar (...) Relativamente às bichas formadas numa determinada hora, por exemplo nos talhos; às 3 hora as pessoas formam a sua bicha organizadamente, aguardando pela hora de abertura que é às 4 horas. Contudo, faltando poucos minutos para a abertura, aparecem os ditos elementos da comissão que reservam carne para eles e, só depois disso é que se inicia a venda às pessoas que estão na bicha. Mas, depois de uma meia dúzia de pessoas ter comprado já não há cerne»**

Incorruptos

A grande diferença entre Moçambique e Portugal, dizia-me em Maputo um cooperante português, é que *aqui os corruptos, quando descobertos, não ficam impunes*. E a prová-lo aí estão os numerosos casos de directores-gerais, e até de directores nacionais e outros responsáveis, que volta e meia são afastados dos seus cargos, despromovidos, enviados para campos de reeducação, ou simplesmente privados dos seus ordenados durante alguns meses.

O problema é que as dificuldades são tantas que às vezes até homens honestos e com provas dadas caem nas teias da corrupção, da candonga, ou apenas nos expedientes da sobrevivência... comentava a mesma fonte. Aliás, a distinção entre corrupção, participação na candonga e outros actos ilícitos, e os «esquemas» quase imprescindíveis, em especial quando se tem filhos pequenos, ou doentes em casa, é particularmente delicada.

De tal modo assim é que ainda há uns meses, de acordo com uma testemunha presencial, muitos responsáveis políticos e administrativos da Beira perguntaram em resposta a um apelo de um alto dirigente: *E como é que nós vamos dar de comer aos nossos filhos?* O apelo desse dirigente apontava para a necessidade dos reeponsáveis darem o exemplo ao povo, recusando comprar fosse o que fosse na candonga!

Seja como for, garantiram-me muitos homens de negócios portugueses e de outras nacionalidades presentes na Feira do Maputo, no fim de Agosto: *Aqui nem vale a pena pensar em sugerir 5 ou 10% de comissão ao nosso interlocutor moçambicano*. Segundo alguns me garantiram, já houve mesmo vários casos de negociações bruscamente interrompidas quando a assinatura de um determinado contrato estava à vista. Mais tarde, os interessados lembrar-se-iam que na véspera tinham oferecido 5 ou 10% do valor do contrato, a creditar em divisas, numa conta a abrir no estrangeiro em nome do negociador moçambicano...

Talvez por razões deste tipo, e excluindo os dirigentes colocados a um nível muito elevado que têm circuitos de abastecimento privilegiados, não seja raro encontrar altos responsáveis políticos e económicos que partilham as dificuldades da grande maioria da população...

Solidariedade

A uma professora universitária branca ouvi dizer humildemente e com um espantoso sentido da solidariedade com os seus compatriotas mais desfavorecidos: *Já não me lembro de ter comido outro peixe que não fosse carapau congelado*. E numa atitude quase estóica, a mesma senhora respondeu a uma oferta que alguém lhe fazia de «arranjar» peixe «do outro»: *Sabe que eu não aceito!*

A muitos dirigentes, até a secretários de Estado, vi os colarinhos das camisas e as bainhas das calças esgarçados...

Poderá haver, e há certamente, alguma ostentação em numerosas pessoas, dizia-me a referida professora, mas a maior parte dos nossos dirigentes vive na própria pele as dificuldades por que o país está a passar.

Relativamente poupados por esta penúria generalizada vivem os cooperantes estrangeiros, os diplomatas e todos aqueles que possuem divisas. Para eles, as lojas francas e alguns outros circuitos paralelos representam como que um oásis no meio deste país que ainda sofre de muitos males da infância e de outras doenças que nada têm a ver com a idade. Entre estas, destaque para a vizinhança, para a guerra que esta fomenta, e para as calamidades naturais.

Sobre estas e outras razões das dificuldades com que a República Popular de Moçambique se debate, e que o seu Governo não esconde, e sobre as saídas que se antevêem para a actual situação falaremos na nossa edição de amanhã.

José António Cerejo

24 horas

Conversações entre Cuba e EUA

A administração norte-americana, iniciou as conversações com Cuba para o regresso a Havana de delinquentes e outros «indesejáveis», que chegaram aos Estados Unidos em 1980, na chamada «flotilha da liberdade», disse sábado fonte oficial.

O secretário de Estado adjunto para os assuntos consulares, Diego Asencio, disse, que poderão registar-se resultados positivos nesse sntido «dentro dos próximos meses».

Veneno mata em Maputo

Seis crianças mortas é o balanço ontem tornado público pela Polícia de Maputo, em consequência da intoxicação provocada pelo veneno detectado em Maputo.

Outras sete pessoas igualmente afectadas pelo produto venenoso, receberam alta do hospital central de Maputo e regressaram já a suas casas e três continuam ainda internadas.

Barco incendeia-se

Um barco de passageiros incendiou-se durante a noite de hoje no mar do Norte, entre o porto britânico de Hull, e o belga de Zeebruge.

As cerca de cem pessoas, que se encontravam a bordo foram salvas.

O incêndio declarou-se na sala das máquinas e o barco foi rebocado em chamas até o porto britânico de Ommimgham.

Assaltantes fazem reféns

Um homem e uma mulher, que assaltaram ontem a agência do Banco Exterior de Espanha na Corunha, têm em seu poder oito reféns, informou a Polícia local.

Entre os reféns, figura um sargento da Polícia, ferido a tiro pelos assaltantes.

Forças policiais cercam o edifício e estabeleceram contacto com os assaltantes, para os convencerem a deixarem sair os reféns.

«Parasitas» presos

Os tribunais polacos condenaram desde o começo do ano, 23 190 pessoas ao trabalho obrigatório, indicou o jornal Kurier Polski, na sua edição deste fim-de-semana.

Segundo o jornal, que cita dados em números fornecidos por Jozef Musiol, vice-ministro da Justiça, estas condenações foram pronunciadas em aplicação da Lei sobre o «Parasitismo Social» que entrou em vigor em 1 de Janeiro deste ano.

Morreu John Vorster

ex-primeiro-ministro e presidente da República sul-fricana, John Vorster, morreu de uma infecção pulmonar, com a idade de 68 anos, na noite de sábado para domingo, no Cabo, soube-se de fonte oficial.

Hospitalizado em final de Agosto em Port Elisabeth, Vorster tinha sido transferido de helicóptero na segunda-feira passada para o hospital Tyberger, no Cabo.

Monções provocam mortes

As inundações provocadas pelas chuvas das monções, que desde há dias assolam o Norte da Índia, causaram a morte de 150 pessoas e o desaparecimento de 75, anunciou hoje a agência indiana PTI. As 150 pessoas morreram no estado indiano de Madhya Pradesh, onde o Exército se encontra em estado de alerta para auxiliar a população.

Camponeses assassinados

Um total de 22 camponeses foram assassinados no Município de Chichicastenango na província ocidental de El Quiche por supostas patrulhas da autodefesa civil, informou hoje o matutino «Impacto».

O diário guatemalteco, assinala que este facto ocorreu no passado dia 2 quando as supostas patrulhas se apresentaram na aldeia de Cuajab e encerraram os camponeses num recinto e os torturaram até à morte.

Guardas fronteiriços fogem para a RFA

Dois guardas-fronteiriços alemães-orientais, conseguiram ontem à tarde passar para a Alemanha Ocidental, anunciaram os guardas-fronteiriços alemães-ocidentais de Hannover (norte da RFA).

Dois outros guardas-fronteiriços alemães tinham passado na quarta-feira o muro de Berlim, refugiando-se no Ocidente.

Secretário da Embaixada polaca pede asilo

O primeiro-secretário da Embaixada polaca na Alemanha Federal, Waldemar Rzedkowski, pediu asilo político ao Governo de Bona, informou ontem o semanário alemão «Der Spiegel».

Rzedkowski é casado com uma cidadã da Alemanha Federal e foi a mulher que há três dias pediu para ele o asilo político, qe lhe foi concedido imediatamente.

George Bush em digressão

O vice-presidente americano, George Bush, chegou domingo à noite a Rabate, para uma visita de 48 horas a Marrocos, primeira escala de uma ronda, que o levará em seguida a Argélia, à Tunísia, à Jugoslávia, à Romênia, à Hungria e à Áustria.

Bush exprimiu satisfação por começar por Marrocos, país com o qual os Estados Unidos mantém as relações mais antigas do mundo.

O caso do "Boeing" das KAL

URSS recusará indemnizações pedidas por Washington

-consideram peritos jurídicos

O pedido norte-americano de indemnização pela morte de 61 cidadãos norte-americanos que viajavam no aparelho sul-coreano derrubado há 10 dias será provavelmente rejeitado por Moscovo — afirmaram no sábado peritos jurídicos.

O pedido, que está a ser preparado por advogados da Secretaria de Estado, será hoje apresentado aos soviéticos por canais diplomáticos.

Mas o Kremlin não tem nenhuma obrigação de a aceitar — indicam os especialistas.

Em caso de desacordo, os Estados Unidos poderiam recorrer ao Tribunal Internacional de Justiça ou ao Tribunal Permanente de Arbitragem, com sede na Haia.

Mas, para isso, Moscovo teria que aceitar a jurisdição de um desses tribunais, o que se considera muito pouco provável.

A falta de tratados ou acordos internacionais vigentes sobre indemnizações em caso semelhante complica consideravelmente o assunto.

Relato do piloto

A televisão soviética apresentou no sábado à noite o piloto que em 1 de Setembro abateu o «Boeing» 747 sul-coreano.

O aviador, cujo nome não foi indicado, confirmou durante a breve entrevista, ter «recebido ordem» para abater o avião.

«Recebi ordem. Uma ordem clara e determinada», declarou textualmente, sem porém confirmar que a executou.

A televisão apresentou, no seu boletim informativo da noite, três pilotos que participaram na operação sobre a ilha de Sacaline, incluindo o autor do disparo.

Cerca de 50 anos, grisalho, jeans e blusão de aviador castanho, este tinha anteriormente descrito as manobras para tentar entrar em contacto com o «Boeing» das KAL.

«Fiz batimentos de asas com o meu avião para o avisar», explicou o piloto soviético. «Ele poderia ter-me respondido e aterrar num aeródromo mas prosseguiu o voo sem modificação do trajecto e da altitude».

«É bastante difícil falar nas emoções que experimentei. Tive tarefas bem determinadas. Procurei cumpri-las o melhor possível. A tarefa de combater representa todo o sentido da minha vida», prosseguiu.

Á questão de saber se estava em presença de um avião inimigo, o piloto respondeu:

«Sim, pensei nisso, e quando ele penetrou no nosso espaço aéreo fiquei ainda mais certo disso. Mais certo de que é um avião inimigo que violou o nosso território, que por assim dizer sobrevoou a minha casa, que quase passou sobre a nossa base.»

«As pessoas dormiam tranquilamente, e ele prosseguiu o seu voo tendo a espionagem por missão. Tudo o que fiz num primeiro tempo foi aproximar-me do avião e fazer sinais luminosos. Vi que tinha bastante tripulação que deveria ver os nossos sinais luminosos.»

«Disparámos», prosseguiu o piloto, «quatro cargas de balas tracejantes mesmo à frente do nariz deles, devem tê-las visto, estou certo. Quatro cargas de balas mesmo à frente do nariz vêem-se de noite, mesmo a vários quilómetros, e nós estávamos perto dele.

«Fiz batimentos com as assas do meu avião. Nos regulamentos internacionais isso quer dizer que ele se encontrava em infracção. Isso também deve ter sido visto. Ele devia ter-me respondido que estava efectivamente em infracção e eu teria podido ajudá-lo se tivesse problemas.»

Confusão na NATO

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich-Genscher, criticou indirectamente os membros da NATO que não se associaram às sanções contra a URSS na sequência do caso do «Boeing» sul-coreano.

«Apenas posso lamentar que todos os membros da NATO não tenham conseguido decidir-se a apoiar, por um sinal político, as nossas reivindicações relativamente ao esclarecimento da destruição do avião, às sanções contra os responsáveis e às garantias de que tal incidente não se repetir , declarou ontem o ministro numa entrevista ao jornal dominical «Welt am Sonntag».

A França, a Grécia, a Turquia e a Espanha recusaram-se, na passada sexta-feira, em Bruxelas, a alinhar com o movimento de boicote dos voos com destino e procedentes da URSS durante quinze dias, a partir do próximo dia 15, decidido pelos outros membros da NATO como «sinal político».

Entretanto, os países membros da NATO negoceiam actualmente a preparação de uma «nota a Moscovo» sobre o caso do Boeing segundo anunciou no sábado o porta-voz adjunto do Governo de Bona, Juergen Sudhoff.

«As capitais dos países membros da Aliança estão actualmente em contacto para decidir sobre a forma dessa nota a Moscovo», acrescentou. Se necessário os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE poderiam decidir da forma definitiva desse «sinal aos dirigentes soviéticos» durante a sua reunião de hoje, em Atenas, no quadro da cooperação política europeia, precisou Sudhoff.

Por outro lado, dois membros importantes do Partido Trabalhista britânico Judith Hart e Franck Allaun, disseram ontem que «o Ocidente embarcou» na tese americana relativamente ao caso do Boeing.

Numa moção que será submetida amanhã ao comité internacional do «Labour», Judith Hart e Franck Allaun «lamentam profundamente a perda de vidas humanas no caso do avião sul-coreano e salienta que o Presidente Reagan deve responder a perguntas primordiais».

Os autores da moção perguntam «por que razão o avião estava a 300 milhas do seu corredor, numa região extremamente sensível.

Por que razão o Presidente Reagan não disse durante quatro dias que havia um avião espião americano nas proximidades e por que razão disse-o depois com muita hesitação». Também perguntam «por que razão os controladores aéreos japoneses e coreanos não avisaram o avião de que se tinha afastado da sua rota» e se o avião sul-coreano «transportava material de espionagem» de qualquer espécie».

«Pedimos ao secretário-Geral das Nações Unidas», acrescenta a moção, «que ordene urgentemente um inquérito completo sobre o desastre e pedimos a todas as partes interessadas que não deixem o assunto interferir nas negociações actuais sobre os armamentos».

Na Áustria

Papa falou das relações Igreja-Estado

João Paulo II reafirmou ontem à noite, em Viena, que a Igreja «não é uma autoridade política», sublinhando ao mesmo tempo que ela tem o dever de tomar partido no dompinio dos Direitos do Homem.

O Papa falava ao Governo e a altas personalidades políticas austríacas, entre as quais se contavam o antigo secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, e o ex-chanceler, Bruno Kreisky.

A Igreja – disse o Sumo Pontífice – respeita a «responsabilidade do Estado, sem intervir nas suas atribuições políticas». É em cooperação «concertada com os Estados que a Igreja se deve empenhar no respeito pela dignidade humana e numa defesa eficaz da ordem moral na família e na sociedade», prosseguiu João Paulo II.

Por outro lado, o chefe da Igreja citou o exemplo da Áustria para agradecer aos Estados dispostos a acolher os cidadãos de outros países «que tenham sido privados, nos seus países, da liberdade de religião, da liberdade de expressão ou do respeito pela sua dignidade humana».

Recebendo, mais tarde, o corpo diplomático, na Nunciatura, João Paulo II declarou que a Igreja e a Santa Sé concedem um «apoio solidário» à acção dos diplomatas pela causa da Paz.

Considerando que «o clamor que exige a Paz» parece justificar os receios daqueles que julgam que se aproxima «uma nova fase anterior à guerra», o Papa declarou que o mundo tem necessidade de uma «diplomacia hábil» que se esforce «por responder à voz da violência com a voz da razão».

«Embora as decisões propriamente ditas sejam tomadas, no fim de contas, à escala política», os diplomatas têm a possibilidade «de influenciar positivamente as decisões dos seus Governos», concluiu João Paulo

Comício-alternativa

Na altura em que o Papa João Paulo II se avistava, no sábado à noite, no Parater (recinto do Stadion), com a Juventude Católica Austríaca, um milhar de membros das juventudes socialistas de Viena realizava um comício colocado sob a palavra de ordem «alternativa do tam-tam pontifício» em Oberlaa, nos arredores da capital.

Esta iniciativa foi desaprovada pelo estado-maior do Partido Socialista.

Durante o comício, o vice-presidente dos Combatentes Socialistas pela Liberdade, Josef Hindels, sublinhou que a reunião «respondia às necessidades dos homens que não tencionam deixar as suas opiniões críticas no vestuário».

Josef Hindels e o chefe de fila dos «JUSOS» de Viena, Werner Faymann, fizeram severos requisitórios contra a política do Vaticano e da Igreja, estigmatizando o papel desempenhado pela hierarquia católica austríaca no aparecimento do nazismo, e denunciando a atitude de João Paulo II perante a situação que se regista na Améica Latina. Os mesmos oradores fizeram igualmente votos para que o Papa se pronuncie contra o estacionamento dos mísseis na Europa.

nas

Registaram-se este fim-d
combates na montanha d
drusas de Wallid Jumblat e o
milícias falangistas. O recod
bates no Líbano, levou a que
convocasse para hoje uma re
do Conselho de Segurança
onde se espera que seja ap
cesar-fogo entre todas as pa
combates.

OS confrontos iniciaram-se no passado sábado, quando as forças do Partido Socialista Progressista (PSP) avançaram sobre a cidade de Beittedine, nos montes de Chouff. Durante a manhã, as milícias drusas de um lado e o Exército libanês e as forças falangistas, do outro, continuaram com confrontos de artilharia pesada. Os projécteis crusos atingiram sobretudo as posições do Exército libanês em Khalde, a Sul de Beirute, a zona do aeroporto e áreas

Bai
em

Graves confrontos entre a população e os carabineiros estão a registar-se nos bairros pobres em volta da capital chilena, informaram hoje as emissoras de Santiago.

As primeiras notícias indicam a existência de um «número indeterminado de feridos e detidos».

A agência EFE refere-se a uma «espécie de insurreição popular» em curso nos Bairros de La Victoria, Santa Rosa, Pudahuel, Quinta Normal, San Pablo, Carrascal e El Pinar, cujos habitantes ergueram barricadas e acenderam fogueiras.

O chefe da Polícia de trânsito de Santiago fez um apelo pela Rádio para que seja facilitada a circulação das ambulâncias, o que criou um novo ambiente de forte tensão na capital chilena.

Estudantes e trabalhadores organizaram «comícios relâmpagos» nos bairros pobres, exigindo «democracia, já» e «pão e trabalho», dispersando-se rapidamente perante a intervenção das forças de choque do corpo de carabineiros.

De acordo com a Rádio, os comícios degeneraram em «verdadeiras batalhas de rua» entre a população e os carabineiros.

Entretanto, duas pessoas morreram em incidentes verifi-

O «New York Times», anunciou na sua edição de domingol que os negociadores americanos nas conversações de Genebra, a respeito dos euromísseis foram autorizados a fazer novas concessões.

Citando fontes governamentais que não identifica, o diário

Durante o fim de semana no Líbano

Violentos combates nas montanhas do Chouf

-Conselho de Segurança da ONU reune hoje

ste fim-de-semana violentos
ha do Chouff entre as forças
blat e o Exército libanês e as
) recdodescimento dos com-
u a que o Governo de Beirute
e uma reunião de emergência
urança das Nações Unidas,
seja aprovado um apelo ou
as as partes envolvidas nos

am-
ado,
tido
SP)
e de
de
, as
e o
ças
nti-
ar-
teis
o as
nês
te, a
reas

civis de Baanda, no Leste da capital libanesa.

A seguir ao cerco e à tomada de Beittedine, não conformada pela emissora falangista Voz do Líbano», as forças militares drusas cercaram durante o dia de ontem, após um prolongado duelo de artilharia, Shuk El Garb, a sete quilómetros para Sueste de Beirute.

As movimentações dos crusos, segundo observadores citados pela EFE, propõem-se separar Beirute da zona Sul do país. No seu avanço as forças do PSP tomaram duas pequenas povoações até então controladas pelas falanges cristãs de direita.

Entretanto, a cidade de Deir El Qamar encontra-se cercada desde o fim da tarde de sábado passado pelas forças drusas que não atacaram a cidade por desejo expresso de Jumblat, que prometeu respeitar a vida dos seus habitantes.

Ontem, o dirigente druso deu ordem aos seus milicianos para permitirem a entrada na cidade às colunas sanitárias da Cruz Vermelha Internacional. A informação foi prestada pelo porta-voz do Partido Socialista Progressista, Ghazi Aridi, durante uma conferência de Impresa.

Aridi indicou que informou o chefe da delegação do Comitée Internacional da Cruz Vermelha em Beirute acerca das ordens de Jumblatt, não precisando, contudo, quando a operação de socorros deve começar. Recorda-se que, segundo os últimos cálculos da Cruz Vermelha, estão refugiados en Dair El Quamar entre 5 a 6000 habitantes.

Também se registaram confrontos entre milícias drusas e falangistas na licalidade de Ras El Mant, e em Khalde que, segundo o Governo libanês, provocaram a morte de «numerosos civis».

Por seu lado, a emissora falangista «Voz do Líbano» assegurou que, desde o início dos confrontos, o número de vítimas ultrapassa as 500 (cálculos de sábado). A mesma fonte acusou as forças drusas de praticarem uma chacina na pequena povoação de El Birah, a 20 quilómetros de Beirute. Os drusos negaram qualquer acto de retaliação em El Bireh afirmando que a «população é amiga» e que até agora vivia sob o controlo das forças falangistas de direita.

Conselho de Segurança reúne hoje

O Conselho de Segurança da ONU reúne hoje a pedido do Governo libanês para apreciar o agravamento da tensão militar em Beirute. Segundo fontes bem colocadas das Nações Unidas deverá ser aprovado um apelo de cessar-fogo a ambas as partes.

No entanto, as notícias veiculadas pelo Governo libanês de que os reconhecimentos aéreos dos aviões da Força Multinacional de Interposição provaram a existência de uma coluna de blindados iranianos, com fotografias do «ayatollah» Khomeini, deverá trazer novos dados e acesa discussão.

A Televisão libanesa declarou que os soldados iranianos vêm da cidade de Ballek, no vale de Bekkaa, onde desde á invasão israelita do Líbano se teriam aglutinado em volta da figura de um líder religioso xiita dissidente do Movimento Amal, o «ayatollah» Musawi.

Em Espanha

Estátua de Franco gera violência

A desmontagem de uma estátua equestre do general Francisco Franco, sexta-feira, em Valência, (leste de Espanha) no meio de violentos incidentes que fizeram pelo menos dois feridos, marca o regresso da já longa guerra das estátuas de Franco.

Reviravolta porventura decisiva, calculam os observadores, dado que muitas outras estátuas, equestres ou não, do ex-ditador, esperam ainda nos quatro cantos de Espanha a acção dos antigos republicanos.

Por pudor ou por receio de represálias da parte dos nostálgicos do «caudillo», várias municipalidades, mesmo de esquerda hesitam há anos na decisão de regularizar, de uma maneira ou de outra, a sorte dos«Francos», em bronze.

Mesmo em Madrid, uma grande estátua equestre do general ocupa ainda a entrada principal do vasto complexo governamental dos novos ministérios. Situado no coração da capital, o seu sono de pedra não foi perturbado até ao presente.

Como na guerra das bandeiras, cuja renovada chama havia oposto este Verão, no País Basco, independentistas e forças da polícia, agora também se trata de um símbolo.

Sexta-feira em Valência, a clivagem entre a esquerda e a direita fez-se atavés de actos violentos. Uma violência de que toda a Espanha foi testemunha, feliz ou indignadamente, quando a televisão mostrou a pesada queda dos mil e oitocentos quilos deste «Franco» de bronze, primeiro o busto, depois o cavalo.

O que chocava nas imagens como nas fotos, que aparecem nas primeiras páginas dos jornais de sábado, foram as carapuças que escondiam os rostos dos operários encarregados da tarefa, uma dúzia de militantes da esquerda e que se apresentaram como voluntários.

A operação durou 12 horas na presença de uma multidão dividida em dois campos e que não parou de se afrontar, uns aplaudindo a desmontagem outros protestando com insultos ao rei e ao presidente da Câmara. A polícia teve de carregar sobre vários grupos, fazendo seis prisões.

Segundo o jornal, de extrema-direita, «El Alcazar» um antigo membro da divisão «azul», combatente ao lado das tropas hitlerianas na frente de leste, morreu de emoção fulminado por um enfarte.

Este caso não fica por aqui, pelo menos em Valência. Sábado de madrugada, desconhecidos derrubaram ao jeito de «represália», uma estátua do libertador Simão Bolivar, herói da independência latino-americana.

Talvez que a guerra das estátuas esteja apenas no princípio.

Desde esta manhã no Chile

airros pobres de Santiago n confronto com a Polícia

po-
tão
res
in-
de

am
in-
eti-

a
po-
de
da-
blo,
abi-
s e

sito
pela
la a
, o
de
na.
pres
am-
exi-
ão e
api-
ição
rpo

os
ver-
ntre
os.
oas
erifi-

cados domingo, na comemoração do décimo aniversário da instauração do regime militar na povoação de Santa Corina no município de Pudahuel – informou a Polícia.

O jovem Pedro Mariu Novoa, de 19 anos, morreu em consequência de um disparo feito por um desconhecido a partir de um camião em marcha. A outra vítima recolhida pela Polícia e levada a um centro assistencial não foi identificada nem foram dadas informações sobre as circunstâncias que provocaram a sua morte – disse a mesma fonte.

Pessoal da brigada de homicídios deslocou-se ao local para investigações.

Com estas duas mortes elevam-se a nove as vítimas por ferimentos de bala desde que se iniciou a quinta jornada de protesto nacional na passada quinta-feira.

Morreram ainda uma mãe e cinco filhos menores carbonizados num incêndio cujas causas não foram ainda esclarecidas mas que, segundo fontes policiais, foi provocado pelo lançamento de um «cocktail molotov» sobre o tecto de uma vivenda de condição humilde.

Protestos contra «prisão de Seguel

O Comando Nacional de Trabalhadores e a Federação dos Trabalhadores do Cobre protestaram contra a detenção do dirigente de ambas as organizações, Rodolfo Seguel.

Rodolfo Seguel foi convocado para prestar declarações em Tribunal e posteriormente remetido para a prisão pública sob a acusação do Ministério do Interior de injúrias ao chefe do Estado.

A acusação do ministério do Interior baseia-se em declarações prestadas por Seguel ao diário mexicano «Excelsior» posteriormente reiteradas na Imprensa chilena, nas quais o sindicalista criticou o general Augusto Pinochet.

Rodolfo Seguel tinha sido condenado duas vezes por supostas infracções à Lei de Segurança do Estado, ao convocar o primeiro e o segundo protestos nacionais.

Antes desta detenção, a situação do dirigente chileno era de liberdade sob fiança, depois de ter passado 35 dias na prisão.

O Comando Nacional de Trabalhadores, que agrupa cinco sindicatos considerou que «os trabalhadores estão convencidos de que os graves problemas do país não podem ser solucionados com a detenção de dirigentes sindicais».

O Comando Nacional de Trabalhadores acrescenta que «a pretensa abertura política ultimamente publicitada, assume formas de hipocrisia, uma vez que o governo desconhece que os trabalhadores, cujas conquistas são legítimas estão interessados em propor soluções de fundo para a crise económica, social e política que se vive no país».

A Confederação dos Trabalhadores do Cobre refere que «a atitude da autoridade, que diz facilitar o diálogo e a abertura política não tem outra consequência senão o agravamento da situação que afecta a nossa organização».

«O julgamento político do regime não pode ser constitutivo de delito, mormente quando são as maiorias do país que põem em causa a sua gestão e expressam a sua oposição».

Manifestação em Madrid

O vice-presidente do governo, Alfonso Guerra, três ministros, o presidente do Congresso e dirigentes de todos os partidos, à excepção da Aliança Popular, participaram ontem em Madrid numa manifestação de apoio à liberdade no Chile.

Isabel Allende, filha do último presidente constitucional chileno, Salvador Allende, os secretários-gerais das duas centrais maioritárias, União Geral de Trabalhadores e Comissões Operárias respetivamente, Nicolas Redondo e Marcelino Camacho, o alcaide de Madrid, Tierno Galvan, diversos intelectuais, o presidente da Academia da Língua, Pedro Lain, e o defensor do povo, Joaquin Ruiz Jimenez, participaram na manifestação.

O acto foi encerrado com palavras de Isabel Allende e do vice-presidente do governo, que lembraram a figura de Salvador Allende e denunciaram a ditadura do general Pinochet. Destacaram que «a opressão fascista está à beira do fim, pela via pacífica» — afirmou Alfonso Guerra.

«O povo que mais tem sofrido os horrores da opressão e do fascismo está dando passos decisivos para abrir o caminho da esperança para a liberdade e o socialismo» — afirmou a filha de Salvador Allende, derrubado há dez anos pelo golpe do general Pinochet.

Participaram na manifestação 250 000 pessoas, segundo os organizadores e a Polícia.

França

Extrema direita ganha municipais de Dreux

A extrema-direita francesa, que fez uma campanha eleitoral subordinada ao tema da expulsão dos estrangeiros para os seus países de origem, alcançou no domingo êxito importante nas eleições municipais da cidade de Dreux (região parisiense), em associação com a oposição neo gaulista (RPR) e liberal ao Governo da união da esquerda.

A «lista unida de oposição» que compreendia, designadamente, 13 candidatos da pequena organização da extrema-direita «Frente Nacional», obteve perto de 10 pontos mais que a lista da «União da Esquerda» e assumiu, assim, o domínio duma cidade com várias dezenas de milhares de habitantes, cerca de um quarto dos quais são trabalhadores imigrados, dirigida até ao presente por uma coligação de esquerda. Com efeito, a lista da oposição reuniu 55,3 por cento dos votos e a do presidente do município socialista cessante, 44,6.

Este resultado era geralmente esperado perante os números da primeira volta de domingo passado que viram a lista da «Frente Nacional» alcançar com geral surpresa 17 por cento dos votos e da oposição RPR-UDF, 42-

Logo na segunda-feira, o RPR-UDF, e a FN constituíram uma lista comum, que provocou veementes reacções tanto à esquerda, onde a oposição se via acusada de «preparar o terreno ao fascismo e ao racismo» como nas suas próprias fileiras.

Foi o caso da antiga presidente do Parlamento Europeu Simone Veil, que viveu o racismo aos 16 anos, no campo de extermínio nazi de Auschwitz, e que declarou desaprovar a aliança de Dreux. Veil declarou ainda que se residisse naquela cidade se absteria de votar.

Houve choques sérios mal foram proclamdos os resultados tendo sido quebrados vidros da sala onde estes estavam a ser centralizados e sofrido ferimentos diversas pessoas.

Passaram a ter assento na Conselho Municipal de Dreux quatro membros da «Frente Nacional».

MOBÍLIAS

MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUÍS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.

FACILITAMOS PAGAMENTO
E TROCAMOS AS SUAS USADAS

ARMAZÉNS
MÓVEIS JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(Junto Igreja dos Anjos)

Segundo o New York Times

Americanos farão concessões em Genebra

un-
ngol
ica-
Ge-
mís-
azer

nen-
ário

nova-iorquino diz que o presidente Reagan deu na semana passada luz verde ao chefe dos negociadore americanos, Paul Nitze, para avançar neste sentido.

Os responsáveis americanos, interrogados a este respeito foram em geral de opinião que as novas iniciativas americanas poderiam produzir progressos quanto a certas questões importantes, mas não a uma evolução espectacular nas negociações.

Segundo o «New York Times», a margem da manobra de Nitze poderá ir até ao abandono da exigência duma «igualdade global» do número de mísseis de alcance intermédio instalados.

Em vez disso, Washington insistiria na paridade apenas na Europa a um nível de aproximadamente 300 cabeças nucleares de ambos os lados. Pela sua parte, a URSS deveria aceitar congelar o número dos seus mísseis apontados para a Ásia ao nível actual de 324 cabeças nucleares distribuídas por 108 mísseis SS-20 ou a consentir numa redução modesta. Os Estados Unidos, acrescenta o diário, obteriam o reconhecimento da «igualdade de direitos para desenvolver o número equivalente de cargas nucleares.

«Isso permitiria aos soviéticos conservar a sua superioridade na Ásia, mas congelando-a e como de qualquer modo, não temos nenhum plano para lhe dar remédio, isso não nos incomoda e limita a ameaça para os nossos aliados asiáticos».

CHILE, DEZ ANOS DEPOIS • CHILE, DEZ ANOS DEPOIS • CHILE,

Gabriel Valdes, presidente da Aliança Democrática:

O regresso à democracia passa pela queda de Pinochet

Santiago do Chile (IPS) – Assinalando a passagem do décimo aniversário do golpe de estado militar que levou o general Pinochet ao poder no Chile, a agência IPS promoveu uma entrevista colectiva a Gabriel Valdes, presidente da «Aliança Democrática» e da Democracia Cristã. O seu depoimento reveste-se de particular importância neste momento que se vive uma situação de protesto nacional no Chile. As perguntas foram elaboradas por diversos órgãos de Informação de diferentes países, incluindo o «Diário de Lisboa». Este tipo de entrevistas, em que a IPS serve de intermediária entre o entrevistado e múltiplos jornais de vários continentes clientes da IPS, já foi experimentado por esta agência com o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar. No futuro a IPS irá promover mais entrevistas do género com destacadas figuras da política internacional. Esta entrevista é publicada em rigoroso exclusivo em Portugal pelo «DL».

PERGUNTA do jornal «El Nacional» (Caracas, Venezuela): *O senhor concorda que uma das razões por que o general Pinochet se mantém no poder é o alegado controlo que ele exerce sobre a hierarquia militar? Que espaço político tem a direita chilena (que colaborou com Pinochet e que agora o rejeita) no processo pendente ao regresso à democracia?*

GV – O controlo que o general Pinochet exerce sobre a hierarquia militar provém do facto de ser ele o comandante-chefe do Exército. Quanto ao espaço político da direita chilena, que colaborou com Pinochet e agora o rejeita, há uma percentagem muito elevada de pessoas que inicialmente colaboraram com o actual governo e que estão agora convencidas de que estavam enganadas ou de que têm razões para mudar. Muitas dessas pessoas estão ou poderão estar no futuro decididas a regressar à democracia. Temos que conceder portanto um espaço político aos arrependidos, e a direita no Chile deve ter um espaço político como sempre o teve na história do país. É importante que haja uma direita democrática.

«El Nuevo Diário» (São Domingos, República Dominicana) – Que papel acha o senhor que cabe à democracia cristã chilena na recuperação da democracia, que essa corrente ideológica ajudou, de uma forma ou de outra, a destruir em 1973? Produziu-se alguma mudança de atitude, alguma autocrítica?

«Hoy» (Quito, Equador) – *A democracia-cristã sente ou não remorsos por ter apoiado o pronunciamiento militar que no dia 11 de Setembro de 1973 derrotou o presidente democraticamente eleito, Salvador Allende?*

GV – A democracia cristã chilena não mudou de posição. Foi sempre um partido defensor da democracia. Foi-o desde a sua fundação e tem continuado a sê-lo. Entre 1964 e 1970 manteve uma democracia exemplar durante a Administração do presidente Eduardo Frei Montalva, e lutou pela democracia, por meios pacíficos, no Parlamento, na imprensa, contra os excessos do governo da Unidade Popular. É, portanto, inaceitável a afirmação contida na pergunta segundo a qual a democracia cristã ajudou a destruir a democracia chilena em 1973. A história sabe, cada chileno sabe qual a posição que cada um teve nessa altura. Não há portanto nenhuma mudança de atitude. Desde o início deste regime militar (surgido do golpe que derrubou Salvador Allende a 11 de Setembro de 1973) que temos vindo a reclamar o regresso à democracia.

As exclusões

Revista «Semana», Bogotá (Colômbia) – *Por que motivo a Aliança Democrática exclui algumas forças políticas (por exemplo o Partido Comunista) que tiveram um notável papel nos últimos 20 anos no Chile, contribuindo assim para debilitar a frente antiditatorial?*

«Diário de Lisboa» – *Como encara o senhor a solução do problema chileno sem os comunistas e como avalia o actual diálogo entre Governo e oposição se nele não se incluem oficialmente os socialistas?*

GV – A Aliança Democrática é um pacto político entre forças políticas maioritárias no Chile que têm uma posição comum acerca da democracia. O facto de nessa aliança não estarem incluídas todas as organizações políticas chilenas é consequência de uma decisão voluntária que tomámos todos quantos adoptámos essa aliança. Trata-se de um pacto com vista a lutar pelo regresso à democracia, mas é um pacto de acordo com o qual nos manteremos unidos no processo de transição que se destina a apoiar o primeiro Governo constitucional que seja eleito. Nesse pacto figuram os partidos socialista radical, social-democrata, a democracia cristã e o partido republicano de direita. Estes partidos são livres de escolher os parceiros que quiserem para esta experiência de democratização do Chile e para apoiarem um novo Governo. Nenhum destes partidos exclui o Partido Comunista da vida política chilena. O Partido Comunista Chileno tem uma existência ilegal (como a nossa hoje) teve anteriormente uma existência legal e há-de voltar a tê-la. Mas a Aliança Democrática não se constituiu apenas para lutar contra este regime: formou-se fundamentalmente para apoiar o período de transição, o período constituinte e o posterior.

«Sri Lanka News», Colombo, Sri Lanka – *Quais são os seus planos para fazer regressar a democracia ao Chile, meta dos sindicatos e de alguns grupos políticos? E na ordem internacional, o senhor compartilha da posição da Administração Reagan, segundo a qual Cuba e a Nicarágua, e possivelmente a União Soviética, estão a ajudar a desestabilizar alguns países centro-americanos? Há provas claras disso?*

GV – Quanto aos planos que temos para o regresso da democracia ao Chile, estão expressos num documento publicado a 22 de Agosto onde se propõe a constituição de um Governo provisório que tenha por objectivo a convocatória de uma assembleia constituinte para estudar e promulgar, através de um plebiscito aprovado pelo povo, uma nova constituição que retabeleça a plena democracia no Chile. Somos partidários resolutos da via pacífica e consideramos que connosco está a grande maioria do povo deste país, que quer regressar a uma democracia exemplar como foi aquela que vivemos no Chile de 1830 a 1973. Quanto à política da Administração Reagan na América Central, somos partidários de que sejam os próprios países latino-americanos a procurar uma solução sem ingerências nos assuntos internos, de nenhum sector, e que se encontrem fórmulas para a criação de democracias pluralistas que eliminem a violência, a agressão externa e que mantenham a América Latina fora da luta das grandes potências.

Apesar da feroz repressão, o povo manifesta-se

América Central

«Diário de Marka», Lima, Peru – *Como encara o atentado que custou a vida ao intendente de Santiago, com a mobilização maciça e pacífica que realizam os partidos opositores ao regime do general Pinochet? O Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) que reivindicou o atentado, segundo informaram as agências, não coordena as suas acções com os restantes partidos da oposição? Qual foi a reacção dos partidos que intervêem na mobilização popular e pacífica face à acção reivindicativa pelo MIR?*

GV – Os partidos democráticos chilenos condenaram unânime e categoricamente o atentado que custou a vida ao intendente de Santiago, major general do Exército, Carol Urzua. Somos firmes inimigos do terrorismo, qualquer que seja a sua origem, e de todas as formas de violência social e política, de modo que pedimos ao Governo o pronto esclarecimento sobre este atentado e sobre outros assassínios que se têm verificado nos últimos anos no Chile, entre os quais o do importante dirigente sindical Tucapel Jimenes (25 de Fevereiro de 1982).

«Libération», Paris, França – *Considera o senhor que os movimentos alternativos surgidos nestes últimos dez anos e que têm desempenhado o principal papel na luta contra o regime do general Pinochet estão a ser recuperados ou poderão vir a sê-lo pelos partidos tradicionais? Que relações existem entre a Aliança Democrática e a Igreja Católica? E em matéria internacional, como define as suas relações, se estas existem, com os Estados Unidos, e que espera, no actual momento político, da França e do Governo de François Mitterrand?*

GV – Estou convencido de que os partidos políticos tradicionais chilenos estão a representar as grandes maiorias do povo. A democracia cristã tem hoje entre as suas fileiras a grande maioria dos dirigentes sindicais do cobre, dos caminhos-de-ferro, do petróleo, dos bancos, dos serviços, dos transportes, de modo que abrangemos um sector muito importante no campo social. Outros partidos, socialista, radical, social-democrata têm também um vasto espectro de participação social. De modo que quando a democracia regressar ao Chile estará representada pelos partidos tradicionais que correspondem a correntes históricas do pensamento chileno. As relações entre a Aliança Democrática e a Igreja Católica são as relações que podem existir entre um pacto político formado por partidos políticos e uma organização religiosa. No Chile desde 1925 que existe a separação entre a Igreja e o Estado. De modo que as relações entre nós e a Igreja são muito cordiais, mas como se trata de entidades de natureza diferente, não existe entre elas uma relação orgânica.

Como Aliança Democrática, não temos relações com os Estados Unidos, porque se trata de um pacto de partidos políticos. O Governo norte-americano está plenamente informado dos problemas e das finalidades da Aliança Democrática, que visa restabelecer a democracia. Da França e do governo do presidente François Mitterrand esperamos apoio, compreensão para a hora difícil que se vive no Chile. E esperamos também que quando a democracia regressar ao Chile, o povo francês e o seu governo tenham a generosidade para ajudar a reconstruir uma democracia, que vai exigir a cooperação externa e particularmente dos países como a França, que ocupam um lugar muito especial no coração de todos os chilenos.

O protesto dos familiares de presos e assassinados

As mudanças

«El Dia», Cidade do México, México – *No passado recente, o seu partido aliou-se ao partido nacional então presidido por Sérgio Onofre Jarpa, para actuarem em conjunto na oposição ao governo do presidente Salvador Allende. Agora o senhor como presidente da Democracia Cristã, participa num diálogo com Jarpa, ministro do Interior de Pinochet, para discutir a abertura do regime. Está o seu partido disposto a apoiar a exigência da oposição que pretende a renúncia de Pinochet para alcançar um regime plenamente democrático, ou aceitará o seu partido a oferta do regime que se dispõe a antecipar o disposto na Constituição de 1980 a qual conduz àquilo a que se chama «democracia protegida» e à manutenção de Pinochet no poder até 1989?*

GV – Tanto a Democracia Cristã como os restantes partidos da Aliança Democrática mantêm firmemente e estamos dispostos a manter as propostas que formulámos no dia 22 de Agosto deste ano, isto é, o regresso à democracia no Chile tem de ser rápido e exige profundas transformações. Estas transformações profundas são: a constituição de um governo de transição dirigido por uma pessoa que dê amplas garantias de paz e consenso a todos chilenos, pessoa essa que não pode ser o general Pinochet. Esse governo transitório terá como única finalidade convocar eleições para uma assembleia constituinte, uma vez que a actual Constituição não é aceite pela maioria dos chilenos e porque qualquer nova Constituição tem de ser ratificada pela opinião pública num plebiscito a fim de se criar um regime democrático de plena participação.

«Die Tageszeitung», Bona, República Federal Alemanha – *Não acha o senhor que um futuro governo democrático deverá contar, pelo menos na primeira etapa, com a participação de todas as forças políticas, incluindo o Partido Comunista? Isso não conferiria maior estabilidade ao regime político que um governo de centro confrontado com uma forte oposição de esquerda, possivelmente liderada pelo Partido Comunista?*

GV – Na Aliança Democrática entendemos que representamos a maioria do país. Constituímos uma aliança política para criarmos a base de apoio a um go-

DEZ ANOS DEPOIS • C

O ditador chileno

verno transitório e também para lançarmos as bases de uma nova Constituição e apoiarmos o novo governo constitucional. Os partidos que compõem a Aliança têm uma concepção idêntica da democracia. De acordo com a tradição chilena e com a nossa própria filosofia, cremos que o Partido Comunista tem direito de existir no Chile, desde que aceite a Constituição, o pacto dos direitos humanos e as normas do límpido jogo democrático, isto é, o respeito pelas maiorias e pelas minorias. Propusemos uma lei especial à opinião pública, lei que tem sido discutida durante os últimos dois anos entre os componentes da Aliança. Isto significa que se aceitam no Chile a expressão de todas as ideias filosóficas e políticas mas que se condenam e ficarão sujeitos ao rigor da lei aqueles que pratiquem actos antidemocráticos, terroristas ou de violência. Consideramos que os esforços no campo económico e social deverão ser suportados por todos, mas consideramos que as definições que o Partido Comunista tem assumido face à violência e à rebelião e a sua estreita dependência do estrangeiro não podem convertê-lo em membro da Aliança Democrática. De modo que nesta matéria somos muito claros e estamos todos de acordo no interior da Aliança.

«Stockholnstidmingen», Estocolmo, Suécia – *O senhor acha que a aliança opositora pode abarcar também toda a esquerda ou que haverá contradições entre uma posição «moderada» e outra de esquerda?*

GV – A Aliança Democrática definiu aqueles que devem estar no seu interior e que são os partidos com a mesma concepção de democracia. Definimos que somos os partidos republicanos de direita, a Democracia Cristã, o Partido Socialista e o Partido Social Democrata. Cremos que esses partidos representam 75 ou 80 por cento da opinião pública politicamente organizada do Chile. Se na extrema-esquerda há outras forças que não aceitam a democracia, cairá sobre elas a sanção legal porque a democracia chilena tem de ser construída com aqueles que querem a democracia como método, como sistema e como prática.

O diálogo

«Tribuna de Imprensa», Rio de Janeiro, Brasil – *O mundo inteiro está a seguir com grande interesse o diálogo entre a Aliança Democrática e o governo, mas o facto de permanecerem fora desse diálogo, por parte da oposição, as forças que integravam a Unidade Popular, inclusivamente socialistas e comunistas, é motivo de apreensão. Não será perigoso para o futuro do Chile que um regime em desagregação, sem representatividade, insista em manter um controlo sobre o seu próprio processo de desintegração, determinando que existe um tipo de oposição na qual se pode confiar? E não será isto prejudicial para a imagem política do Partido Democrata Cristão que em 1973 teve um papel ambíguo durante a conspiração golpista.?*

GV – A pergunta contém um erro, porque o Partido Socialista que fazia parte da Unidade Popular, está integrado na Aliança Democrática. A Unidade Popular dissolveu-se, de modo que o Partido Socialista, os Partidos Social-Democrata, a Democracia-Cristã, o Partido Radical e o Partido Republicano de Direita representam a maioria das forças políticas chilenas. O facto de não incluir outros sectores de esquerda foi uma decisão unânime da Aliança Democrática que é um pacto não só para lutar pelo restabelecimento da democracia, mas também para apoiar um governo de transição e para apoiar o primeiro governo constitucional depois desse regime. No decurso do processo veremos que outras forças possam participar nos mesmos métodos de paz e de não violência e na mesma concepção de democracia para que venham a fazer parte da Aliança. Quanto à questão de saber se existirá no Chile uma oposição de confiança e outra não de confiança, só posso responder que existe no Chile um imenso número de democratas que se exprimem através dos partidos representados na Aliança. Esses partidos merecem absoluta confiança no que toca à sua devoção pelos princípios democráticos e há um sector de extrema-esquerda que não merece confiança quanto às posições democráticas de modo que nos entendemos todos aqueles que defendem a mesma concepção de democracia. Claro que há a extrema-direita e a extrema-esquerda, que não acreditam na democracia, não a praticam e contribuem para criar condições favoráveis à manutenção do regime autocrático. O Partido Democrata-Cristão não teve em 1973 um papel ambíguo, e, nos últimos anos, durante este regime, tem desempenhado um papel predominante, preponderante, juntamente com outros partidos democráticos, na luta pela reconstrução da democracia.

Exclusivo IPS/«DL»

Lojas saqueadas no Rio de Janeiro

Brizola acusa a direita de incitar à pilhagem

APESAR das medidas de segurança decididas por Leonel Brizola, governador do estado do Rio de Janeiro, foram saqueados mais de quarenta estabelecimentos e supermercados na última semana no arrabalde norte do Rio de Janeiro, o mais pobre da cidade. Só no domingo foram pilhadas quinze lojas sem que surtisse qualquer efeito o facto das forças da ordem estarem de prevenção.

Tal facto levou Brizola a marcar para hoje, uma audiência com o chefe do Estado, o general João Figueiredo. Leonel Brizola, membro do Partido Democrático Trabalhista (social-democrata) manifestou intenção de pedir ao presidente auxílio financeiro para melhorar a situação da população.

O governador do Rio de Janeiro acusou, além disso, a direita de haver fomentado as perturbações dos últimos dias. Segundo os observadores políticos, estes devem ser postos em paralelo com os tumultos que eclodiram há alguns meses em São Paulo. Nos dois casos, a oposição assegurou que agitadores incitavam a pilhagem aproveitando-se da situação da extrema miséria duma grande parte da população, a fim de desestabilizar a situação nos Estados governados pela esquerda.

A situação no Estado do Rio de Janeiro é tanto mais importante no contexto brasileiro quanto é certo que Brizola é um dos principais dirigentes políticos da oposição e o símbolo de toda a geração de homens políticos cujos direitos cívicos foram suspensos com a chegada ao poder dos militares em 1964.

A repetição das cenas de sangue, ignorando o dispositivo das forças da ordem nos bairros populares, seria, pensam os observadores, de natureza a dar argumentos de peso a todos aqueles que, à direita do xadrez político e mais particularmente no interior das forças armadas, pensam que os dirigentes da oposição apenas podem provocar o caos nos Estados por eles governados.

Quando dos tumultos de São Paulo, o exército não fora obrigado a intervir para fazer regressar a ordem às ruas e o governador do Estado, Franco Montoro, conseguiu, quando as tropas já estavam de prevenção, impedir mais manifestações. Mas no caso do Rio de Janeiro, as inúmeras declarações de Brizola na rádio e na Imprensa não lograram até hoje impedir os actos de violência.

Entre os dias 3 e 10 deste mês foram presas cerca de 100 pessoas, depois da pilhagem de mais de vinte supermercados da zona rural do Estado do Rio de Janeiro e dos arredores da capital por bandos de milhares de desempregados, mulheres e crianças. Nessa região, onde vivem numerosas pessoas que não têm emprego, a maioria da população não recebe sequer o salário mínimo.

Os assaltantes, que deixaram nas paredes dos edifícios inscrições como «Temos Fome» ou «Procuramos Comida», levaram principalmente produtos alimentares — designadamente, arroz, um alimento de base — e bebidas alcoólicas.

Segundo a polícia, cerca de duas horas antes de cada assalto, grupos de indivíduos não-identificados percorrem as «favelas» (Bairros da Lata) da região para indicarem quais os estabelecimentos que devem ser atacados.

Entre as pessoas detidas figuram, designadamente, delinquentes e traficantes conhecidos da polícia, um dos quais já foi condenado a dez anos de prisão. Os agentes também indicaram que encontraram uma parte da mercadoria roubada em casa de um deles.

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) exprimiu a sua preocupação face a esses actos e afirmou que há «um interesse evidente em querer desestabilizar o governo do Estado (do Rio de Janeiro) ao se incitar a população mais desfavorecida».

Cientistas belgas estudam fotografias do virus do SIDA

A Bélgica enfrenta o desafio lançado pela SIDA (Síndroma Imuno-Deficitária Adquirida), conseguindo pela primeira vez no mundo fotografar as partículas virais provavelmente responsáveis por essa doença misteriosa que infunde terror dos Estados Unidos à Europa.

Paralelamente às pesquisas feitas, sobretudo em homossexuais, nos Estados Unidos e no Instituto Pasteur, em França, pelo professor Montagnier, a Bélgica é o único país a ocupar-se da origem africana desta «epidemia do século».

«Noventa por cento das 40 pessoas atingidas por esta infecção, na Bélgica são originárias da África Central», declararam à AFP os drs. Nathan Clumeck e Walter Feremans, do hospital Saint Pierre, que conseguiram esta estreia mundial: uma foto de identificação, obtida graças a um microscópio electrónico, do agente3 provavelmente responsável pela SIDA.

Para o dr. Clumeck «assistimos à primeiríssima epidemia de imuno deficiência da história da medicina». «Contrariamente à peste e à cólera, sublinha, o virus da SIDA, insidioso, não mata por si mesmo, mas por meios interpostos, destruindo o nosso próprio sistema de defesa.»

A SIDA matou doze pessoas na Bélgica desde que o primeiro caso foi detectado, em Setembro de 1982, e 917 nos Estados Unidos, onde o número de casos duplica em cada seis meses.

«De início acreditámos erradamente que essa doença, que se transmite pela via sexual e pelo sangue, atingia sobretudo os homossexais, os heróinomanos, os hemofílios e os haitianos, «O Clube dos Quatro H» segundo o termo utilizado pelos anglo-saxónicos. «Mas na Bélgica, diz o dr. Clumeck, detectámos que três casos apenas respeitavam a homossexuais, dois dos quais morreram».

«Os homossexuais têm, certamente, entre nós, uma vida mais regrada», sublinha o doutor. «Vivém em casal, sem multiplicar os seus relacionamentos sexuais e têm uma relação muito escassa com os Estados Unidos».

Evitar a doença por uma boa higiene, fugindo à promiscuidade da droga é «de qualquer forma um prémio para os bons costumes», sublinha o doutor, que reconhece que a importância que a SIDA alcançou nos «media» se deve a uma dimensão psicanalítica e moralizadora da doença: «Três palavras explosivas estão aqui reunidas, diz: o sangue, o sexo e a morte».

As fotos obtidas na Bégica em sete doentes de África mostram as mesmas particulas virais no interior de glóbulos brancos, quer os doentes estejam numa fase avançada ou no início da doença. «Isso permite pensar que se trata do virus responsável pela SIDA e não da sua consequência», sublinha Clumeck.

O virus belga é um parente próximo do descoberto pelo professor Gallo, nos Estados Unidos, e conhecido pela sigla «HTLV». Mas está longe ainda de deixar de ter segredos: colocado em cultura, terá ainda de ser isolado e identificado. Será idêntico ao vírus americano? Registou mutações? Segundo o dr. Clumeck, a SIDA poderia existir no estado endémico em África e uma missão belga deslocar-se-á a partir do início do próximo ano à África Central para aí prosseguir as investigações.

«Se ao menos beneficiassemos de alguns créditos», lamenta-se o dr. Clumeck, pois nenhum orçamento especial é afectado na Bélgica à investigação da SIDA. Contrariamente aos investigadores americanos, que beneficiam de dezenas de milhões de dólares «nós temos de pagar as nossas investigações do nosso bolso», sublinha o dr. Feremans.

Em Outubro próximo, Feremans deslocar-se-á como delegado belga – a expensas suas – à reunião europeia de especialistas em Sida que terá lugar no Instituto de Investigações sobre o Cancro, em Aarhus, na Dinamarca, designado recentemente pela Organização Mundial de Saúde como Centro Europeu de Combate à SIDA.

Catástrofe foi há sete anos

Comuna de Seveso aceita 1 milhão de contos de indemnização

A comuna de Seveso (Itália do Norte), onde se produziu a catástrofe ecológica de Julho de 1976, receberá cerca de 75 milhões de francos franceses (mais de um milhão de contos) a título de indemnizações do grupo Givaudan, ao qual pertence a fábrica de onde se escapou uma nuvem altamente tóxica de dioxina.

O conselho municipal da cidade lombarda, soube-se ontem de fonte segura, aprovou, com efeito, em princípio, tal transacção e deu autorização ao presidente da câmara, Guiseppe Cassina, para a assinar. A assinatura efectiva deverá ter lugar nos próximos dias em Lausane (Suíça).

Ao assinar tal transacção, a comuna de Seveso renuncia a desenvolver qualquer acção jurídica.

A decisão do conselho municipal de aprovar tal transacção foi tomada por 16 votos a favor e 12 contra, suscitando polémicas no seio da coligação municipal, composta por democratas-cristãos, sociais-democratas, liberais e republicanos.

A catástrofe de Seveso produziu-se a 10 de Julho de 1976. Nesse dia, a válvula de segurança de um dos reactores da fábrica Icmesa (grupo Givaudan-Hoffman Laroche) saltou, e uma nuvem altamente tóxica de dioxina (largamente utilizada no Vietname como desfolhante) escapou-se. Quatro municípios foram atingidos: Meda, onde se situa a fábrica, Seano Maderno, Desio e Seveso, a mais afectada.

Setecentas e trinta pessoas tiveram de ser evacuadas, 193 casos de cloroacne (grave alteração da pele) foram oficialmente recenseados. Entre as pessoas afectadas muitas eram crianças. Milhares de animais tiveram de ser abatidos e várias centenas de hectares de terreno foram contaminados.

O processo penal de cinco pessoas consideradas responsáveis pela catástrofe, abriu em Abril passado em Monza, em plena época dos «barris», quando vários países europeus procuravam encontrar os 41 barris contendo dejectos tóxicos extraídos do reactor da fábrica.

DESPORTO

Nacional de futebol

Sem surpresas: 28 golos

O Varzim registou a sua 3.ª derrota consecutiva no campeonato de futebol da 1.ª divisão, ocupando o último lugar da tabela classificativa ao fim da 3.ª jornada. Este facto poderá não preocupar muito os varzinistas, já que o campeonato está ainda no princípio e os jogos até agora disputados foram perante adversários em que a derrota não espanta: Guimarães, Sporting e Portimonense. Preocupante para a equipa nortenha poderá ser o facto de ainda não ter marcado qualquer golo o que, aliás, acontece também com o Águeda.

O Varzim baqueou em Portimão (por 0-2, com golos de Norton de Matos e Fernando Martins), enquanto o Águeda perdeu perante o Braga, no seu próprio terreno, por igual marca, com golos de Wando e José Abrantes.

As «goleadas» da jornada pertenceram ao FC Porto, Guimarães e Setúbal, que venceram o Espinho (4-0), o Salgueiros (4-0) e o Penafiel (5-0), respectivamente.

O «bota de ouro» Gomes, ao marcar três golos, foi a figura mais em evidência no encontro em que o FC Porto ganhou (naturalmente) ao Espinho. O outro tento portista foi de Jaime Magalhães.

O Guimarães com o seu avançado Eldon também em plano de destaque (dois golos) levou vencida os salgueiristas, pouco habituados a números tão desnivelados, principalmente depois, de, há duas semanas, terem perdido penas por0-1, com o FC Porto no estádio das Antas. Paquito e Fonseca rubricaram os outros dois .

O Setúbal, depois de ter perdido os dois primeiros jogos da competição, desforrou-se frente ao Penafiel, ganhando por 5-0: golos de Freire, Formosinho, Roçadas, Jorge Plácido e Artur.

O Benfica que, em conjunto com o Sporting e o FC Porto, lidera a classificação, foi ao Estoril bater a equipa local por 4-1, números também pouco habituais em encontros disputados no campo da Amoreira. A novidade foi a presença do dinamarquês Michael Manniche na equipa benfiquista, jogando todo o encontro e marcando o último golo.

Facilidades não teve o Benfica, embora os números pareçam apontar para elas, já que, ao intervalo se registava empate a um golo: tentos de Carlos Manuel, e José Pedro.

Depois, a turma de Eriksson (via Nené, Carlos Manuel e Manniche) resolveu a questão.

O Sporting teve extraordinárias dificuldades para ganhar ao Boavista (por 3-2) no Estádio de Alvalade. Ao intervalo perdia por 1-0 (tento de Queiró) mas, na 2.ª parte, tudo se modificou com a entrada do jovem Futre, jogador a tornar-se a grande revelação da actualidade do futebol português. Em apenas 20 minutos o Sporting virou um resultado desfavorável de 0-1, para um vantajoso 3-1, com golos de Manuel Fernandes, Virgílio e Jordão. Quase no termo do encontro o Boavista ainda reduziu para 2-3 com um golo de Jorge Silva.

O Rio Ave venceu o Farense, por 1-0 (golo de N'habola) num jogo assinalado pela 2.ª expulsão de um jogador neste campeonato: aconteceu com Alexandre Alhinho (do Farense) emquanto sábado, Frederico (Boavista) viu também o cartão vermelho que o obrigou a ir mais cedo para as cabinas.

Resultados

Resultados completos da 3.ª jornada: Estoril-Benfica, 1-4 (1-1, ao intervalo); Rio Ave-Farense, 1-0 (1-0); Setúbal-Penafiel, 5-0 (3-0); Portimonense-Varzim, 2-0 (0-0); Águeda-Braga, 0-2 (0-1); Guimarães-Salgueiros, 4-0 (3-0); Sporting-Boavista, 3-2 (0-1) e FC Porto-Espinho, 4-0 (2-0).

Marcadores

Manuel Fernandes (Sporting) isolou-se no comando dos melhores marcadores do campeonato. A lista é a seguinte: 1.º Manuel Fernandes (Sporting) 4 golos; 2.º José Rafael (Farense) Eldon (Guimarães), Gomes, FC Porto) Jordão (Sporting) e Carlos Manuel (Benfica) 3; 7º Filipovic (Benfica), Dito (Braga), Walsh (FC Porto), Branco (Penafiel), Jorge Plácido (Setúbal), Virgílio (Sporting) e Freire (Setúbal), 2.

Classificação

	J	V	E	D	G	P
FC Porto	3	3	–	–	7- 0	6
Sporting	3	3	–	–	9- 3	6
Benfica	3	3	–	–	8- 3	6
Guimarães	3	2	1	–	6- 0	5
Braga	3	2	1	–	4- 1	5
Farense	3	1	1	1	4- 4	3
Portimon.	3	1	1	1	8- 5	3
Rio Ave	3	1	1	1	2- 2	3
Setúbal	3	–	2	1	8- 5	2
Boavista	3	1	–	2	3- 4	2
Salgueiros	3	1	–	2	1- 5	2
Penafiel	3	1	–	2	2-10	2
Espinho	3	–	1	2	1- 6	1
Estoril	3	–	1	2	1- 5	1
Águeda	3	–	1	2	0- 4	1
Varzim	3	–	–	–	0- 4	0

Próxima jornada: Braga-Porto, Benfica-Águeda, Farense-Estoril, Penafiel-Rio Ave, Varzim-Setúbal, Boavista-Portimonense, Salgueiros-Sporting e Espinho-Guimarães.

Otto vai embora?

Segundo informam do Rio de Janeiro, parece que o Vasco da Gama pretende os serviços de Otto Glória.

Águeda: outro brasileiro

O Recreio de Águeda está em negociações com o avançado Dentinho (do Botafogo, do Rio de Janeiro) com vista a integrá-lo na equipa. Por outro lado, o Águeda desinteressou-se, do concurso do médio Valter (ex-Amora) com quem existiram também conversações.

TOTOBOLA a chave

Estoril-Benfica	2
Porto-Espinho	1
Sporting-Boavista	1
Agueda-Braga	2
Rio Ave-Farense	1
Setúbal-Penafiel	1
Portimonense-Varzim	1
Guimarães-Salgueiros	1
Arsenal-Liverpool	2
aston Villa-Norwich	1
Leicester-Tottenham	2
Sunderland-Southanpton	2
Wolverhamptopn-Birmingham	x

Na sua agenda

ATLETISMO: o Clube União Artística Benaventense (Benavente) vai organizar, no dia 18 do corrente (dia de feira anual) o 4.º «Grande Prémio de Estrada CUAB», integrado nas comemorações do 88.º aniversário da colectividade. Inscrições até às 24 horas do dia 16, na Rua João Sabino d'Almeida Fernandes, 2130 Benavente.

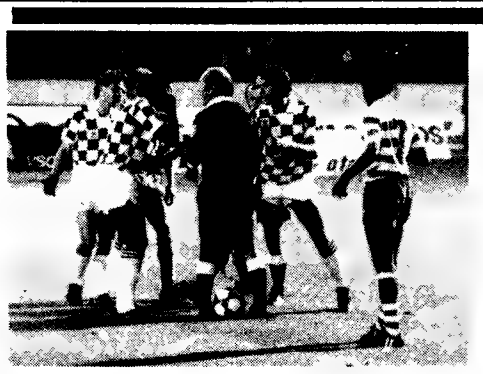
Podem concorrer praticantes de todos os escalões etários.

Setúbal: nova demissão directiva

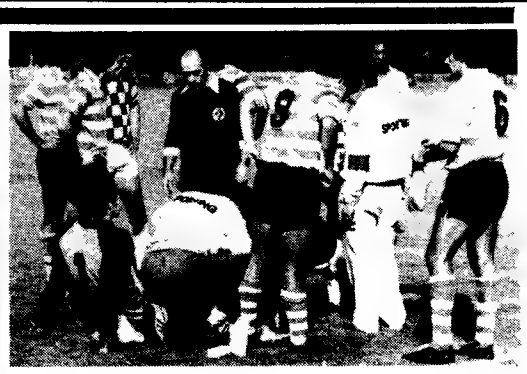
Mário Picoto Flores, dirigente do Vitória de Setúbal, apresentou após o encontro Vitória -Penafiel, a sua demissão do cargo. Segundo aquele dirigente, tal atitude foi tomada somente após a vitória da equipa para que não se dissesse que saía devido aos resultados negativos alcançados pelo Vitória de Setúbal nas duas jornadas anteriores Mário Picoto Flores justificou esta sua tomada de posição pelo desinteresse do presidente da direcção (Fernando Pedrosa) pelos assuntos do clube devido à sua vida profissional e particular.

De recordar que, ainda recemente, outro membro ligado ao clube, José Manuel Pedrosa, familiar do presidente sadino, se demitiu do cargo de responsável pelo futebol juvenil apresentando idêntica crítica a Fernando Pedrosa.

Esta demissão poderá levar um grupo de associados do clube setubalense a requerer uma assembleia geral extraordinária para que os sócios sejam postos ao corrente da situação directiva do clube, que parece não ser saudável.



A expulsão de Frederico foi contestada



O «toque» de Coelho na perna direita de Katzirz

Sporting, 3-Boavista, 2

Futre de bisturi operou à vontade

Verdade que o excelente árbitro Rosa Santos meteu água por todos os lados, mas não foi por aí que o Sporting muito sofreu até ao lavar dos cestos, naquele Alvalade que chegou a estar mais calado que ratinho à saída da toca.

É que o Boavista-Boavistão da 1.ª parte, aproveitando excelentemente descalabro dos centrais defensivos lisboetas (Kikas em fracasso e Zezinho à deriva, sem atinar com o posto) colocou-se no comando e foi um sarilho para ser desalojado do poleiro, pois não apenas Katzirz era obrigado a ter mil olhos e braços como polvos mas, ainda, não fora a severa e drástica vigilância de Romeu a Alves, e, a esta hora, outro galo cantaria à turma nortenha de Valentim Loureiro.

O remate certeiro de Queiró apenas deixou de boca aberta os que acreditam naquele bloco de «backs» sportinguistas, onde o magnífico Gabriel está em muito má forma e o jovem e ousado Mário Jorge fica amedrontado quando não pode descer pelo flanco. O pior (para os axadrezados) é que existe no Sporting um novo Chalana, esse menininho Futre que não está com conversas e, mal ouviu o cornetim para o trabalho, ei-lo que entra a retalhar de tal modo todo o corpo branco-negro que só pasmou a marca não ter subido em proporção da velocidade exibida por leões totalmente diferentes da etapa de abertura. E chegou a ser um regalo (também) a magnífica réplica boavisteira: Reinaldo, Bruno, Nelinho, Almeida, Teixeira, Borota, Queiró, João Alves, todo o «onze», diga-se, com exclusão daquela infeliz tripla atitude de Frederico que iria valer-lhe a lógica expulsão. Primeiro atirou pelos ares um parceiro sem a menor cerimónia. Logo após ter visto o **ictericia** pontapeou a bola para longe, fazendo ouvidos de mercador ao apito do juíz. Mais tarde, repetindo o chuto de aborrecimento, tinha de ir para o duche, é claro.

E, veja-se como são as coisas, foi então que o Boavista tornou a ripostar ao labor **verde:** de tal modo que colocou o placard em 2-3 só não chegando, mesmo em cima do último segundo, ao toque nas malhas do hungaro porque Jorge Silva escorregou no instante do deslumbramento, ao som do silvo.

Romeu foi a permanente sombra de Alves

O Sporting emergiu de uma situação de tristeza e apatia para o melhor fulgor logo que abdicou de Kikas em favor da maravilhazinha chamada Futre. Depois, foi só esperar que o tempo corresse: Lito, Virgílio, Mário Jorge, Jordão e Manuel Fernandes, já para não falarmos no esforço de Romeu e na segurança dada por Katzirz, escreveram a subida do degrau, ante um Boavista que, no dia em que segurar os nervos em espartilho, entra directamente na Europa que tão bem conhece.

Por seu lado, com Festas e Futre, o técnico Venglos pode ensaiar todos os esquemas capazes de derrubarem o Sevilha: acautelando a defensiva, abrir depois a vanguarda. Mas, de lições estará ele farto, numa carreira bela que exige respeito e chapéu na mão.

NEVES DE SOUSA

Mário Garcia (ao lado de Venglos) substitue no banco dos responsáveis sportinguistas, Jaime Lopes (que pediu férias..).

Arbitragem (muito deficiente) do bejense Rosa Santos, que esteve acompanhado por Marcolino Baptista e Francisco Lobo.

Sporting: Katzirz; Zezinho; Gabriel, Kikas (Futre na 2.ª parte), Virgílio (Festas, 73) e Mário Jorge; Lito, Oliveira e Romeu; Manuel Fernandes e Jordão.

Boavista: Borota; Queiró, Bruno, Frederico e Nelinho; Carlinhos; Almeida (Jorge Silva, 80) Alves e Teixeira; Coelho e Reinaldo.

Expulsão de Frederico. Golos por Queiró (14 minutos), Jordão (48), Virgílio (51), Manuel Fernandes (68) e Jorge Silva(88).

MICROSCÓPIO

Boxe de 1.ª

Larry Holmes reteve o título mundial de pesos pesados, pondo fora de combate Scott Frank ao minuto e meio do 5.º «assalto». Holmes, defendendo pela 16.ª vez o título, foi claramente superior ao adversário, o 10.º da classificação do Conselho Mundial de Boxe. O combate foi suspenso pelo juiz Tony Perez face à impotência de Frank para suster o devastador ataque de Holmes que, segundos antes, o fizera cair de joelhos na lona e queixar-se de corte no olho direito. Nos segundos finais do 4.º «assalto», Holmes assestou duas fortes direitas na cabeça do rival, minando a resistência de Frank que, até sábado à noite, não perdera nenhum dos 21 combates profisionais em que entrara.

Entretanto, o americano Aaron Pryor conserva o seu título de campeão do Mundo na categoria de super-leves (versão WBA), ao bater, em Las Vegas, o nicaraguaio Alexis Arguello por K.O. quando decorria o 10.º assalto. Esta derrota põe fim à carreira de Arguello (de 31 anos) triplo campeão do mundo (pluma, super-pluma e leves) que é o primeiro boxeur na história que ganhou quatro títulos numa categoria.

Basquetebol: franceses no torneio "Pioneer"

A «Pionner», empresa que apoia financeiramente a equipa de basquetebol do Queluz, voltará a organizar este ano o seu torneio (o 3.º), com objectivos (evidentemente) publicitários, não deixando, entretanto, de investir uns largos milhares de escudos, com a deslocação das equipas, nomeadamente a do Stade Français.

A prova disputar-se-á entre os dias 19 e 24, nos pavilhões do Queluz (onde decorrerá a fase final), Antas e Luz, Restelo, Sangalhos e Olivais de Coimbra.

Jogos da jornada inaugural (dia 19) Benfica-Belenses e Queluz-Imortal de Albufeira (pavilhão do Queluz); Sangalhos-Olivais de Coimbra e FC Porto-Stade Français (no pavilhão das Antas).

Porto em Espanha: vitória e derrota

O FC Porto venceu um e perdeu outro dos dois primeiros jogos que disputou em Espanha de preparação para a época que se avizinha. No primeiro encontro, ops «azuis e brancos» bateram (81-58) o Desportivo felo, (da 2.ª divisão) e perderam claramente o segundo (72-105) frente ao Estudiantes de Madrid, uma das mais poderosas formações do país vizinho.

O técnico portista (prof. Jorge Araújo) experimentou nos dois jogos o norte-americano Gregory Jones, que algumas referências (não confirmadas) o indicavam como possível substituto de Charles Payton, um dos sustentáculos da equipa que o ano passado conquistou o título nacional. Mas não aprovou e Gregory Jones terá que procurar outras paragens para conseguir emprego. O FC Porto entretanto, não desarma de conseguir um profissional de talento para a sua equipa, de preferência norte-americano, já que o mercado português está esgotado.

Federação interditou três campos

Após as férias, a direcção da Federação Portuguesa de Basquetebol retomou a sua actividade e debruçou-se sobre processos de disciplina que tinha em carteira, sobre ocorrências (da época passada) nos pavilhões das Antas, Tapadinha e Sangalhos. Aqueles recintos foram interditos por quagro, quatro e três jogos, respectivamente, pelo que os clubes proprietários (FC Porto, Atlético e Sangalhos) terão que efectuar os Primeiros desafios do próximo campeonato a 30 quilómetros de distância, como manda o regulamento. Mas aquelas penas serão certamente compensadas com jogos dos campeonatos regionais, ou simples torneios distritais oficializados, que se realizarão antes do início do «nacional».

DESPORTO

Piquet ganha em Monza

Classificação oficial do «Grande Prémio de Itália de Fórmula Um», disputado no circuito de Monza (301,600 km): 1.°, Nelson Piquet, Brasil, Brabham-BMW, 1 h 22 m 53,871 s; 2.°, René Arnoux, França, Ferrari, a 10.212 segundos; 3.°, Eddie Cheever, EUA, Renault, a 18,612; 4.°, Patrick Tambay, França, Ferrari, a 29.023; 5.°, Elio de Angelis, Itália, Lotus--Renault, a 53,680; 6.°, Derek Warwick, Alemanha Federal, Toleman- Hart, a 1 m 13,348; 7.°, Bruno Giacomelli, Itália, Toleman-Hart, a 1.33,922; 8.°, Nigel Mansell, Grã-Bretanha, Lotus-Renault, a 1.36,035; 9.°, Jean Pierre Jarier, França, Ligier, a uma volta; 10.°, Marc Surer, Suíça, Arrows, a uma volta; 11.°, Keke Rosberg, Finlândia, Williams, a uma; 12.°, Johnny Ceccoto, Venezuela, Theodore, a duas; 13.°, Roberto Güerrēro, Colômbia, Theodore, a duas.

Tabela actual do campeonato mundial de condutores: 1.°, Alain Prost, França, 51 pontos; 2.°, René Arnoux, França, 49; 3.°, Nelson Piquet, Brasil, 46; 4.°, Patrick Tambay, França, 40; 5.°, Keke Rosberg, Finlândia, 25; 6.°, John Watson, Irlanda, 22; 7.°, Eddie Cheever, EUA, 21; 8.°, Niki Lauda, Áustria, 12; 9.°, Jaques Laffite, França, 11; 10.°, Michele Alboretto, Itália, 10.

Rali Ilha Lilás

A equipa Horácio Franco-Rui Torres (em Ford Escort RS 1800) venceu o Rali Ilha Lilás disputado na Terceira (Açores). Em 2.° lugar classificou-se a equipa Rui Ferreira-Decq Mota, (em Ford Escort RS 2000) e em 3.° Luis Franco-Luis Resendes, (em Ford Escort RS 1800). O Rali Ilha Lilás disputou-se numa extensão de 437 quilómetros, com 23 provas classificativas, tendo alinhado à partida 21 equipas.

Motocross em Águeda

Fernando Neves (em Suzuki) ganhou a prova de 125 centímetros cúbicos do Grande Prémio Internacional Outono em Portugal, disputado em Águeda. Na prova a contar para o campeonato nacional de juniores, 80 centímetros cúbicos, a vitória foi para Rui Carvalho, em (Suzuki).

Classificação em 125 cc: 1.° Fernando Neves, Portugal, Suzuki, 30 pontos; 2.° Pascal Bernard, França, Yamaha, 24; 3.° Jorge Leite, Portugal, Yamaha, 15; 4.° Miguel Romão, Portugal, Yamaha, 11; 5.° António Oliveira, Portugal, Yamaha, 10. Em 80 cc: 1.° Rui Carvalho, Suzuki, 30 pontos; 2.° Mário Ferro, Suzuki, 24; 3.° José Rodrigues, Suzuki, 20,11; 4.° Joaquim Carvalho, Sachs; 5.° António Boavista, Sachs, 10.

Placard

Vela: mundial de Snipes

Classificação final do 31.° campeonato mundial de Snipes, que terminou em Leixões: 1.° Torban Grael (Brasil) 34,4 pontos; 2.° Craig Martin (EUA) 37,4; 3.° Jorge Haenelt (Espanha) 42; 4.° Paulo Santos (Brasil) 42,7; 5.° Juan Mac Call (Argentina) 57,8; 6.° H. Bjurston (Finlândia) 62; 7.° Félix Gancedo (Espanha) 62,7; 8.° Garcia de Soto (Espanha) 76; 9.° Jeff Lenhart (EUA), 87; 10.° T. Hartmann (Noruega) 89,4; 16.° Domingos Borralho (Portugal) 125; 17.° António Roquete (Portugal) 125; 27.° Raul Xavier (Portugal) 179.

Atletismo: Máximo

A sportinguista Teresinha Vaz conseguiu novo máximo no lançamento do dardo: 53,46 metros.

Gomes: «penaltie» dá golo e abraços.

Porto, 4-Espinho, 0

"Bota de Ouro" brilhou

O encontro entre portistas e espinhenses ficou assinalado pelo reaparecimento (como «goleador», subentenda-se) do «bota de ouro» Fernando Gomes que, à sua conta, facturou três dos quatro golos da equipa. O primeiro foi de «penalty», a punir uma falta sobre Jaime Pacheco, quando iam decorridos apenas 13 minutos de jogo, e os outros dois tentos foram obtidos de cabeça, bem ao jeito inglês.

Desta feita, poucos foram os espinhos que o FC Porto encontrou no caminho para levar de vencida a turma da Costa Verde: esta equipa do Espinho. Não só a defender, mas também a contra-atacar. Perante um assédio permanente da equipa «azul e branca», a equipa da Costa Verde abriu brechas sem conta, sobretudo no período complementar e depois da entrada de Frasco. Sofreu quatro golos como podia ter contabilizado sete ou oito, pois oportunidades não faltaram. Preocupada como estava em defender a sua «cidadela» a turma espinhense acabou por desprezar completamente o contra-ataque que, em princípio, estaria confiado a Moinhos e Móia. Por isso, Zé Pacheco o grande dinamizador, «Motor» do conjunto. Julgamos, porém, que o FC Porto valeu, sobretudo, como um todo, pelo que será talvez irrelevante destacar um ou outro jogador.

Atento e de bloco de notas em punho, Mercovic (técnico--adjunto do Dínamo de Zagreb) dir-nos-ia no final dos 90 minutos, como espectador do vasto anfiteatro portista: **o FC Porto está a praticar um futebol prático e com dimensão europeia. Daí os bons resultados obtidos perante equipas que se fecham na defesa. Gostei, sobretudo do conjunto, mas não posso deicar de manifestar o meu agrado pelo trabalho desenvolvido por Sousa, Jaime Pacheco e Frasco.**

Mas, voltando ainda ao sistema de jogo adoptado pelos «azuis e brancos», será de salientar a propensão para o jogo aéreo, em busca de uma cabeça que poderá ser a de Waslh ou Gomes, sistema que em certa medida, pode causar enfado e fomentar o descontentamento da plateia. No entanto, até agora tem dado bons frutos e, como diria Pedroto **jogar bem nem sempre resulta.** A propósito, o técnico portista não escondia certa satisfação quando no final o abordámos para nos dar o seu ponto de vista: **a minha equipa demonstru hoje, aqui, que está bastante personalizada e que desfruta de excelente saúde física e anímica, predicados que espero ver confirmados frente ao Dínamo de Zagreb, na próxima 4.ª feira.**

Foi a pensar no próximo ensaio europeu que o FC Porto procurou economizar energias, uma vez alcançada a vantagem de dois golos, ainda antes do intervalo. Tudo o mais veio por acréscimo e por força das circunstâncias.O teste foi positivo, já que, para além dos dois pontos, os portistas chegaram ao fim com todas as suas «pedras» em perfeitas condições.

Sobre o trabalho de Raul Nazaré pouco haverá a dizer, visto que cumpriu bem a sua tarefa, mesmo quando assinalou o «penalty» contra os espinhenses que o contestaram sem grande convicção.

Manuel Neto

Porto a caminho de Zagreb

Pouco antes do meio-dia de hoje, partiu do aeroporto de Pedras Rubras, com destino à Jugoslávia, a turma do FC Porto que ali vai defrontar, depois de amanhã, a equipa do Dínamo de Zagreb. A comitiva portista é chefiada por Jorge Nuno Pinto da Costa (presidente da direcção) e dela fazem parte mais 25 elementos: o técnico José Maria Pedroto, o médico dr. Domingos Gomes, o chefe do departamento de futebl (Fernando Vasconcelos) o secretário-técnico Luís César, o massagista Vítor Hugo, o roupeiro Agostinho e os jogadores Zé Beto, Amaral, João Pinto, Lima Pereira, Eurico, Inácio, Quinito, Rodolfo, Sousa, Jaime Pacheco, Walsh, Gomes, Teixeirinha, Eduardo Luís, Jaime Magalhães, Frasco, Costa e Jacques.

A caravana portista fará escala em Francoforte, onde deixará o avião da TAP para tomar assento noutro da Lufthansa até Zagreb, onde deverá chegar cerca das 17 e 45. A comitiva e os jornalistas ficarão instalados no Hotel Intercontinental, no centro de Zagreb, a cerca de meia dúzia de quilómetros do estádio de Maksimir, palco do encontro, com capacidade para 65 mil pessoas.

De referir que, na chegada a Zagreb, a turma portista deverá ter a aguardá-la o técnico adjunto António Morais, que viajou mais cedo a fim de poder assistir ao jogo que o Dínamo foi efectuar no terreno do Rijeka e do qual saiu derrotado (0-2).

na verdade, logo nos minutos iniciais se viu que o objectivo único dos espinhenses era evitar a subida rápida do marcador. Durou apenas 13 minutos a resistência. Nesse período, porém, os «tigres» tudo fizeram para fechar as vias de acesso à sua baliza, quer através de uma marcação cerrada aos aríetes portistas, quer povoando a chamada zona de «tiro».

Uma falta desnecessária acabou por abreviar a «sentença de morte» que desde o dealbar do jogo pesava sobre a cabeça dos pupilos de Carolino: e a propósito, cabe aqui referir que o técnico espinhense estava visivelmente descontente com a actuação da sua equipa: **tecnicamente a turma que dirijo jogou muito mal. Sobretudo no meio-campo, onde, como é sabido, se ganham ou perdem os jogos. Aí, a minha equipa falhou completamente.**

De facto, foi uma decepção Beto foi um mero espectador: ao longo dos 90 minutos apenas tocou no esférico duas vezes, uma para aparar com o pé um passe transviado e a outra para receber uma devolução de um companheiro. Elucidativo...

Tal como em Águeda (oito dias antes) o FC Porto adoptou um sistema de jogo «à europeia»: abandonou os «punhos de renda» e vestiu o facto de macaco para produzir, apenas, o essencial. Produção que teve em João Pinto e Inácio dois dos seus principais intérpretes (enquanto defesas-extremos) e em Jaime

Árbitro: Raul Nazaré (Setúbal) auxiliado por José Martins (arquibancada) e Lopes Galrinho (Bancada).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Quinito (Frasco, aos 73 m), Rodolfo, Jaime Pacheco e Sousa; Walsh (Jaime Magalhães, aos 60 m) e Gomes.

ESPINHO: Mendes; Dinis, Vítor Manuel, Raul, João Carlos e Vivas; Carvalho (Abel, aos 60 m), Pinto da Rocha e David; Móia (Babá, aos 63 m) e Moinhos.

Ao intervalo: 2-0. Marcadores: Gomes (13 m de «penalty», 29 e 65 m) e Jaime Magalhães (89 m).

Setúbal, 5-Penafiel. 0

Salmonetes na grelha

Salvo o devido respeito pelas boas gentes do Penafiel e pelo prestígio antigo do seu futebol, aquele «team» que apareceu no Bonfim não pode, de modo algum, ser a expressão exacta do que merece um técnico jovem e entusiasta como Fernando Tomé, já para não falar no que representa em desânimo para quem investiu boa maquia numa amálgama de homens que, ou roçam a veterania ou alinham em demasiada juventude mas, em bloco, pareciam que pela primeira vez entravam no futebol de alta competição.

É que, amigos, este grupo de penafidelenses foi uma tal **pêra doce** que serviu às mil maravilhas para restituir saúde e alegria a um Vitória setubalense que estava a ficar aborrecido com a carreira. Pois o Penafiel, sem defesa, sem meio-campo, totalmente sem ataque nem estruturação mínima entre os vários sectores, só não apanhou maior dose de golos porque Trindade ainda fez alguns impossíveis, na cobertura da baliza perante o corredor completamente rasgado por um rapagão chamado Leonel, que não conseguiu ganhar um lance em todo o tempo de trabalho. Mas, não foi apenas ele, pois todos os colegas, parecendo intoxicados ou calcados por qualquer mágoa muito recente, andaram para ali a arrastar-se enquanto o marcador ia subindo à custa dos nortenhos **Bombos de festa.**

Nem foi preciso, ao Vitória optimamente preparado física e tacticamente por Monge da Silva e Manuel de Oliveira carregar no acelerador: os golos sucediam-se como cerejas, os pés pesados de Joaquim Rocha e Ferreira da Costa já não podiam fazer os «milagres» de há meia década e toda a demais passarada, acobertada à sombra penafidelense, era apenas um belo prato de salmonetes para a plateia ávida de boa comida.

Acreditamos (plenamente) que foi uma tarde de botas trocadas, de azar até dizer acabou-se: mas, cuidado gentes de Penafiel, quem me avisa meu amigo é. De alto a baixo, façam pronta reciclagem no vosso embaixador futebolístico ou, negro futuro, horizonte muito nebuloso baterá prontamente à porta.

Já os vitorianos podem ficar tranquilos, muito embora alterosas ondas, pequena procela bata aqui e além à porta do Bonfim: os setubalenses possuem um «onze» que vende saúde e sabe de bola como poucos. Basta registar: Jorge Plácido, Roçadas, Freire, Vitinha, Nascimento, Formosinho, Nunes, Artur, Sobrinho, Jorge, o próprio Mota que pareceu inicialmente sorumbático: em conjunto, é «team» para grandes batalhas e bonitas aspirações. E, tal como se disse do Boavista (que está novamente de olhos virados para a Europa) o mesmo pode empregar-se no aplauso ao Vitória: desde João Lúcio à bonita empregada do Centro de Convívio, do jovem médico ao técnico, com bom passado, há uma formação que cresce e parece disposta a recriar o fabuloso **oitavo Exército** do Sado. Sobretudo se encontrar mais Penafiéis pela proa da sua traineira.

NEVES DE SOUSA

Regresso de Veiga Trigo (árbitro de Beja) que esteve acompanhado por Teixeira Correia e Manuel Burrica. O jovem juiz surgiu na deficiente condição física natural de quem esteve afastado destas andanças mas, rapidamente, pode regressar ao galarim.

Setúbal: Jorge; Mota, Artur, Nunes e Sobrinho; Vitinha, Nascimento (Rui Lopes, 81) e Formosinho; Freire (Cerdeira, 64), Roçadas e Jorge Plácido. Assobios da plateia para o treinador Manuel de Oliveira quando fez as duas substituições, face a Freire e Nascimento estarem em magnífico plano.

Penafiel: Trindade; José Eduardo, Leonel (Sena, na 2.ª parte), Fernando e Artur; Ferreira da Costa, Branco, Afonso e Álvaro; Joaquim Rocha e Babo (Tó Zé II, 61).

Cartão amarelo para Formosinho, Jorge Plácido, Branco e Joaquim Rocha. Golos por Freire (10 minutos), Formosinho (35), Roçadas (40), Jorge Plácido (58) e Artur (de grande penalidade, aos 82).

Jorge Plácido: uma «estrelinha» nasce.

Degner: o adeus

O alemão federal Hernst Degner, antigo campeão mundial de motociclismo, foi encontrado morto na sua residência em Arona, no Sul de Tenerife. Campeão mundial na categoria de 125 centímetros cúbicos (em 1961, 1962 e 1963) Degner foi encontrado morto por um filho seu que chegou a Tenerife para o visitar. A autópsia revelou que a morte fora motivada por causas naturais. O antigo campeão mundial estava divorciado e residia há pouco tempo em Tenerife.

DESPORTO

Golo do Estoril

Tento 3 do Benfica

Remate certeiro de Manniche deu festa

Estoril, 1-Benfica, 4

Campeões ao sol

Sem problemas: o Benfica obteve claro triunfo (4-1) sobre o Estoril. Carlos Manuel, que marcou dois golos e esteve na origem de outro, teve acção preponderante na vitória que os campeões de Portugal alcançaram na sua deslocação ao «António Coimbra da Mota».

Os estorilistas só equilibraram a partida no 1.º tempo, a justificar o empate (1-1) no final dos primeiros 45 minutos. Marcou primeiro o Benfica (aos 31 minutos) num livre directo convertido por Carlos Manuel, que fez o esférico entrar ao canto direito da baliza de Manuel Abrantes, sem defesa possível. O Estoril viu a sua réplica compensada com o tento do empate por José Pedro (aos 41 minutos) num remate também sem defesa para Bento.

A jogar contra o vento, a superioridade técnica e física dos «encarnados» foi irresistível no 2.º tempo, coroado com três tentos sem resposta.

Nené (aos 60 minutos) colocou os «encarnados» a vencer 2-1, concluindo de cabeça um livre apontado por Carlos Manuel. Volvidos três minutos, o mesmo Carlos Manuel, em novo livre directo, elevou a marca para 3-1. O resultado final (4-1) foi feito aos 78 minutos pelo dinamarquês Manniche, que se estreou na equipa principal do Benfica. Manniche, que se isolara na sequência de uma jogada que apanhou a defesa estorilista em contrapé, atirou a contar quando Manuel Abrantes saiu ao seu encontro, estreando-se com um golo muito festejado pelos companheiros.

Bela exibição de Carlos Manuel, Stromberg, Bento, Humberto, Álvaro e Maniche ao mesmo tempo que o técnico estorilista António Medeiros proclamava (para a «Gazeta dos Desportos»): **Benfica está pior que noutras épocas...**

Sob arbitragem de Albino Rodrigues (do Funchal) as equipas alinharam:

Estoril: Manuel Abrantes; Vieirinha, Fernando Santos, Amílcar e Teixeirinha (Diamantino, 72); Paulo. Isidro e Ernesto; José Pedro (Garcês, 67), Xavier e Vítor Madeira!

Benfica: Bento; Pietra, Humberto Coelho, Bastos Lopes ! (Oliveira, 36) e Álvaro; Carlos Manuel, Stromberg e Diamantino; José Luís (Shéu, 84), Nene e Manniche.

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem de 3500 a 4000 apostas com 13 resultados certos no concurso 34. Com 12 resultados certos prevêem-se de 52 000 a 55 000. Foram recebidas 960 353 matrizes, com um total de 14 247 507 apostas. O valor de cada prémio ee de 15 985 702 escudos e 50 centavos.

Para o quarto concurso extraordinário foram recebidas 232 925 matrizes, com 1 902 681 apostas, sendo o valor de cada prémio de 2 134 808 escudos.

Real Madrid goleado na estreia

Resultados da 2.ª jornada do Campeonato espanhol: Atlético de Madrid - Sevilha, 1-0; Valência - Valladolid, 3-2; Real Soedad - Gijon, 3-0; Barcelona -Osasuna, 1-0; Cadiz - Murcia, 1-3; Málaga - Real Madrid, 6-2; Salamanca - Maiorca, 1-1; Saragoça - Atlético de Bilbao, 1-2; Bétis - Espanhol, 4-1. Classificação: 1.ºs, Atlético de Madrid e Múrcia, 4 pontos; 3.ºs, Málaga e Valência, 3; 5.ºs, Atlético de Bilbao, Sevilha, Real Sociedad, Bétis, Maiorca, Salamanca, Real Madrid e Barcelona, 2; 13.ºs, Valladolid, Saragoça, Gijon e Osasuna, 1; e 17.ºs, Cádiz e Espanhol, 0.

Campeonato belga

Resultados dos Encontros da 6.ª jornada do Campeonato da Bélgica: Beveren--Liérse,l 1-0; Beringem - Liége, 1-1; Malinas -Waterschei, 2-1; Antuérpia - Círculo Bruges, 0-1; Standard Liége-Lokeren, 1-1; Kortrijk - La Gantoise, 0-3; Bruges - Beerschot, 1-1; Molenbeek - Waregem, 2-3; Seraing - Anderlecht, 1-1. Classificação: Beveren, 11 pontos; Seraing, Anderlecht, Lokeren e Bruges, 8; Ambers e Círculo Bruges, 7; Beerschot, Waterschei, Standar--Liége, Malinas e Waregem, 6; Kortrijk, Gantoise e Molenbeek, 5; Liérse, Liége e Beringen, 2.

Volta do Futuro: os portugueses lá vão andando

António Pinto é o ciclista português mais bem classificado na Volta à França do Futuro. António Pinto está em 27.º lugar, com 13 horas, 23 minutos e 58 segundos. Os outros ciclistas portugueses ocupam as seguintes posições: 29.º António Alves, 13.23,59; 32.º José Xavier, 13.24,14; 37.º Paulo Ferreira, 13.24,31; 67.º Manuel Cunha, 13.25,33; 70.º Carlos Marta, 13.25,40; 78.º José Marques, 13.25,54.

Volta à Madeira

Venceslau Fernandes, (Rodovil) venceu a 1.ª etapa de estrada da Volta à Madeira em bicicleta, corrida entre Machico e Funchal (87 quilómetros). O vencedor gastou o tempo de 2 horas, 43 minutos e 40 segundos, tempo também atribuído ao 2.º classificado, Marco Chagas (Mako Jeans). Na 3.ª posição classificou-se Isidro Miranda (Mako Jeans) que gastou mais dois segundos do que o vencedor. Por equipas o triunfo foi para a Mako Jeans que gastou 8 h 11 m 48 s, seguida da Rodovil com 8 h 22 m 44 s. A classificação geral individual é liderada por Venceslau Fernandes, com 2 h 54m 02 s, seguido de Marco Chagas, a 22 segundos e Manuel Zeferino (Mako Jeans) a 1 m 8 s do primeiro classificado. Colectivamente a geral é comandada pela Mako Jeans com um total de 8 h 44 m, seguindo-se a Rodovil com 8 h 53 m 56 s e a Águias, com 9 h 48 m 58 s. A 2.ª etapa disputa-se hoje entre Santa Cruz e Ponta Delgada, na distância de 68 quilómetros.

MICROSCÓPIO

Kasparov vencedor

O «grande mestre» soviético Garry Kasparov é o virtual vencedor do torneio de xadrez de Niksic (Jugoslávia). Kasparov tem agora 10 pontos, faltando-lhe disputar uma partida, enquanto o 2.º classificado, o dinamarquês Bent Larsen, tem menos um ponto mas já cumpriu todas as suas partidas.

Xadrez: campeonato português

Resultados da 8.ª jornada do torneio preliminar do campeonato português de xadrez: António Antunes, Tróia-Vítor Morais, Quimigal, 1-0; João Sequeira, Sporting-Pereira dos Santos, Rebelva, 0,5-0,5; Luís Galego, CDUP-António Fróis, Académica da Amadora, 0,5-0,5; Melão Pereira, Académica da Amadora-Silva Pereira, Sporting, 0,5-0,5; Sílvio Santos, CDUP-Horácio Neto, Sporting, 0,5-0,5; Marino Ferreira, Guarda-Álvaro Pereira, Tróia, 1-0; Vítor Cordeiro, Primeiro de Maio-Horácio Barra, Barcelos, 1-0 e Nuno Amaral, Benfica-João Cadillon, Foz, 0,5-0,5. Classificação actual: 1.º, António Antunes, 7 pontos; 2.º, Pereira dos Santos e António Fróis, 5,5; 4.os, Marino Ferreira, Melão Pereira, Silva Pereira, Luís Galego, Vítor Morais e João Sequeira, 5; 10os, Horácio Neto, Vítor Cordeiro e Sílvio Santos, 4,5.

Ténis: EUA

O norte-americano Jimmy Connors conquistou pela 5.ª vez (e 2.ª consecutiva) o campeonato aberto de ténis dos Estados Unidos, disputado em Flushing Meadow. Tal como na final do ano passado, Connors impôs-se ao checoslovaco Ivan Lendl ganhando este ano com os resultados de 6-3, 6-7, 2-7, 7-5, 6-0.

Pares-femininos: Martina Navratilova – Pam Shriver venceram Rosaly Fairbank/Cincy Reynolds (AFS: EUA) por 6-7, 5-7, 6-1 e 6-3. Pares mistos: Elisabeth Sayeres-John Fitzgerald (Aust.) venceram Bárbara Potter Ferdie Taygan (EUA) 3-6, 6-3 e 6-4.

Tiro: Taça de Portugal

O atirador João Torrinha ganhou a «Taça de Portugal» que decorreu no Clube Português de Tiro a Chumbo, em Lisboa. Classificação: 1.º João Torrinha 70/70; 2.º João Rebelo, 69/70; 3.º João Chambel 83/85. Na competição participaram 151 atiradores.

Hóquei: palestra

Uma comissão técnica da secção de patinagem do Centro Paulo VI (de Leiria) promove no dia 17, uma palestra sobre patinagem e hóquei em patins. A abordagem desse tema está a cargo do antigo «internacional» Francisco Velasco.

O Centro Paulo VI abriu, recentemente, uma escola de patinagem para diversos escalões etários a partir dos cinco anos e conta com a colaboração da Câmara Municipal, que resolveu proceder a obras de beneficiação do rinque da cidade.

O traço de Pargana

Inglaterra

Quinta jornada do Campeonato inglês: Arsenal - Liverpool, 0-2; Aston Villa - Norwich City, 1-0; Everton - West Bromwich, 0-0; Ipswich - Stoke City, 5-0; Leicester - Tottenham, 0-3; Manchester United – Luton, 2-0; Nottingham - Queens Park, 3-2; Sunderland - Southampton, 0-2; Watford - Notts County, 3-1, West Ham - Coventry, 5-2; Woverhampton – Birmingham, 1-1. Classificação: 1.º west Ham, 15 pontos; 2.º, Ipswich, 13; 3.º, Manchester United, 12; 4.ºs, Liverpool e Southampton, 11; 6.º, Aston Villa, 10; 7.º, Coventry, 8; 8.ºs, Luton, Nottingham e Birmingham, 7; 11.ºs, Notts County e Arsenal, 6; 13.ºs, Norwich, Watford, Tottenham, Queens Park, West Bromwich e Everton, 5; 19.º, Sunderland, 4; 20.º, Stoke City, 3; 21.º, Wolverhampton, 2; 22.º, Leicester, 0.

Itália

Resultados da 1.ª Jornada do campeonato de Itália: Avellino -Milão, 4-0; Catania - Turim, 0-0; Fiorentina - Nápoles, 5-1; Genova - Udinese, 0-5; Inter -Sampdoria, 1-2; Juventus - Ascoli, 7-0; Roma - Pisa, 2-0 e Verona - Lazio, 4-2.

Taça UEFA

O Inter de Bratislava «cilindrou» o Abat Ajax (de Malta) por 10-0 em jogo da 1.ª «mão» eliminatória nº 1 da «Taça UEFA», disputada em La Valletta.

Brasil

O Fluminense conquistou a Taça da Guanabara e a primeira volta do Campeonato de Futebol do Rio de Janeiro depois de derrotar o América, por 2-0. Restantes encontros: Bonsucesso, 0-São Cristóvão, 0; Volta Redonda, 2-Americano, 0; Goytacaz, 0-Campo Grande, 0; Bangu, 1-Botafogo, 0.

O encontro Vasco da Gama-Flamengo foi adiado em virtude de os seus jogadores se incorporarem na selecção nacional que, na próxima 4.ª-feira, enfrentará a selecção argentina em jogo da 2.ª mão para a Taça da América.

Classificação: 1.º – Fluminense, 20 pontos; 2.º – América, 16; 3.º – Bangu, 15; 4.º – Botafogo, 14; 5.º – Goytacaz, 11; 6.ºs – Flamengo e Volta Redonda, 10; 8.º – Campo Grande, 9; 9.ºs – Americano; Bonsucesso e Vasco da Gama,8; 12.º – São Cristóvão, 1.

A Portuguesa de Desportos venceu o Santos por 1-0 em jogo a contar para a 6.ª jornada da 2.ª volta do campeonato paulista. Outros encontros: Taubaté/São Paulo, 1/1; Internacional-/Guarani, 1/1; Taguaritinga-/Comercial, 0/0; Botafogo/São José, 3/0; Santo André-/Corinthians, 0/0; São Bento/XV de Jau, 0/0; Ferroviária-/América, 0/0; Ponte Preta-/Palmeiras, 1/0 e Juventus-/Marília, 2/1.

A classificação no grupo A: 1) Santos, 25; 2) Juventus, 24; 3) Ponte Preta e Marília, 23; 5) São José, 17. Grupo B: 1) Corinthians, 30 pts; 2) Taguaritinga, 23; 3) São Bento e Botafogo, 22; 5) Ferroviária, 21. Grupo C: 1) São Paulo, 35; 2) Portuguesa de Desportos, 30; 3) Internacional, 24; 4) XV de Jau, 23; 5) Taubaté, 20. Grupo D: 1) Palmeiras, 33 pts; 2) Santo André, 30; 3) Comercial, 25; 4) América e Guarani, 22.

Taça América

A selecção de futebol do Chile venceu a do Uruguai por 2-0, em jogo disputado em Santiago do Chile, a contar para a Taça América.

Olimpíadas

A contar para as eliminatórias do grupo 2 da zona Ásia-/Oceânia do torneio Olímpico de Futebol (jogos de Los Angeles) o Iraque empatou, em Bagdad, com os Emiratos Árabes Unidos (0-0).

Monti morreu

O antigo futebolista italo-argentino Luís Felipe Monti, campeão do Mundo com a equipa italiana (em 1934) faleceu em Buenos Aires, com 82 anos de idade, vítima de uma crise cardíaca. Reputado pela sua condição física, Monti nasceu em 15 de Maio de 1901 e fez parte da equipa nacional da Argentina, batida na final da «Taça do Mundo» 1930 pelo Uruguai, antes de ir jogar para a Juventus de Turim e de ser titular em 20 jogos, jogando ao meio centro, na selecção «azzura– vencedora do Mundial - 1934, em Itália.

Hinault ao lado de Ocaña

Bernard Hinault figurará numa próxima época numa equipa cujo treinador e director serão, respectivamente, o ex-corredor espanhol Luís Ocaña e Philippe Crepel (o antigo director desportivo da formação La Redoute Motobecane) anunciou o campeão bretão durante uma conferência de Imprensa dada no seu domicílio que Quessoy (Oeste da França). O quadruplo vencedor do «tour» indicou que continuam conversações para se encontrar um patrocinador o qual poderá ser de nacionalidade estrangeira.

Luís Ocaña (vencedor da Volta à França em 1973) dirigiu em Julho último a equipa da Colômbia, enquanto Philippe Crepel foi afastado das suas funções pelos responsáveis da equipa onde figurava no passado dia 16 de Agosto.

Frakstein na RFA

O jogador polaco de basquetebol Claudius Frakstein, que durante a semana passada pediu asilo político na Alemanha Federai, assinou contrato com o BC Giants de Osnabruck, foi Frakstein (50 vezes internacional pela selecção nacional polaca) tem 24 anos e 2,08 metros de altura. Jogou por vários anos no conjunto campeão da Liga Polaca de basquetebol, Zablebie Sosnivice. O jogador pediu asilo político na Alemanha Federal durante uma digressão da selecção nacional polaca de basquetebol.

Michelin reduz velocidade

A fábrica Michelin decidiu reduzir as suas actividades na fórmula Um. Na próxima época, a fábrica que equipa três marcas (Renault-Elf, Brabham BMW e Marlboro Mclaren TAG Porsche) trava a sua marcha. Esta nova orientação destina-se a diminuir as despesas: os responsáveis da Michelin estimam que não poderão fornecer pneus a mais de seis viaturas na próxima época, por razões de dificuldades financeiras da empresa.

A ilha dos cães

8

Desenho Florenci Clavé

Texto Guy Vidal

Continua

CENTRO INTERNACIONAL DE

LÍNGUAS

INSCRIÇÕES ABERTAS

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO

Av. Fontes Pereira de Melo, 25-1.º (Metro: Picoas) T. 538494

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175-1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

Retrato imaginário de Mirabeau

Continuação da pág. 2

Legrain, o criado de quarto ganhava 200 libras. As notas já se amarrotam no meu bolso, dinheiro frandulento, moedas que permitem penetrar por infracção nas alcovas adormecidas da linguagem. Legrain tinha o direito de se servir da roupa, três casacas, meias, corpulentas camisas, sapatos. Infelizmente os seus pés não eram iguais, nem a cabeça sob o chapéu. À falta de pão, o criado alimentava-se do vinho da Picardia.

Quando o patrão dizia **tu**, o tempo estava bom, o humor tranquilo, quando surgia o **você** era melhor guardar as distâncias, só se dirigia a uma pessoa abstracta, como se faz com o narrador de um romance demasiado organizado que esquece que a realidade hesita, não está bem à mesa, cospe na sopa.

Não ousava sentar-me. Estaria deitado? Um livro na ruela e esses amantes («pobre Mimi, vais ter hoje muito calor, vou morder a tua brancura, vou cobrir-te de beijos») a mimar talvez em minha intenção amores descompostos?

«Bela verdura, surges na altura em que eu parto», diz Mirabeau quase a expirar diante do florescer de Abril de 1791. Há anos que me cruzo com Gabril Honoré «Matamouros despenteado», quimera que rói as unhas, forçado que imaginamos preso no início de grandes esperanças. Lembrem-se da narrativa de Dickens, a região é pantanosa, o mar projecta-se a 20 milhas, o frio aumenta à noite, os antepassados estão ali enterrados. Por cima do cemitério campos cheios de água, de bruma, uma aldeia, a forja de uma amizade. De súbito, um condenado sai de trás de uma pedra tumular. Ouve-se o canhão, o homem foge de uma fortaleza. Tenho doze anos, treze, vai arrancar-me o coração, o fígado? Pede uma lima para se libertar dos seus ferros, comida, Dou-lhe tudo isso, os soldados procuram-no, ruído de espingardas, batalha de baionetas. Ele desintegra-se no vapor dos pântanos

Chateaubriand sentiu durante muito tempo no seu ombro a mão de fogo de Mirabeau. Como encontrá-la?, rejuvenescer, diminuir a idade? Nas **Ilusões Perdidas** de Honoré de Balzac Rubempré sentia-se dominado por Vautrin.

Demarcação de vinhos no Alentejo

Continuação da pág. 5

trada na CEE, é que a porca torce o rabo... Eles sabem que a maior parte dos bons vinhos se encontra no Sul, tirante algumas áreas nortenhas e ribatejanas de boa qualidade. Por outro lado, nota-se uma procura desusada de terrenos no Alentejo, por viticultores que não moram nem nasceram cá. O negócio, por modos, era próspero e fácil, mas a CEE não irá aceitar qualquer zurrapa! Daí o comprarem à pressa certas vinhas alentejanas porque sabem que deve abonar-se a autêntica qualidade do produto, para que possam ser vitoriosamente colocados no exterior

E aqui se chega à pergunta logica e desconfiada que fazemos:

— Quando se decidem os senhores secretários de Estado ou os senhores ministros a tomar à sua conta as decisões extremas, expressando ordens para que algumas das mais importantes regiões vinícolas do Alentejo sejam demarcadas? Porque se espera? E quem têm sido as criaturas que formulam os critérios contrários aos interesses do Alentejo e do País, determinando a exclusividade das regiões demarcadas, mas suspendendo *eternamente* a demarcação de alguns vinhos colhidos em boas zonas alentejanas?

É preciso saber, repete-se, se também aqui, haverá ou não uma *fixada* corrupção. E de que tamanho e feitio, meu Deus!

em duas palavras

Mais telefones em Famalicão

A rede telefónica de Vila Nova de Famalicão, Braga, vai ser brevemente melhorada permitindo a instalação de 2 400 postos telefónicos.

Este melhoramento, orçado em 350 milhões de escudos, vai permitir também, a médio prazo, a instalação de mais 4 000 novos postos telefónicos.

Protecção ao vinho doa Açores

A Secretaria de Agricultura e Pescas dos Açores anunciou ter sido criada uma comissão vitivinícola destinada a estudar a recuperação do sector na região.

A criação desta comissão vem na sequência da demarcação do vinho verdelho efectuada em 1980 nas ilhas Terceira, Pico e Graciosa e tem como objectivo integrar esta demarcação num plano orientado de recuperação e valorização de toda a vinicultura dos Açores.

A comissão fará ainda o estudo da regulamentação a aplicar ao sector, de acordo com as normas em vigor na CEE.

Contas de Monção em inquérito

A Câmara Municipal de Monção aprovou por unanimidade uma proposta onde se requer à Inspecção-Geral do Ministério da Administração Interna um inquérito às contas do município - soube a ANOP.

A proposta, apresentada pelo centrista Vieira Magalhães, presidente do município de Monção, baseia-se em alegadas irregularidades nas contas autárquicas.

O executivo camário decidiu igualmente proceder judicialmente contra os autores das alegadas fraudes.

V. R. St.º António e C Marim optam por lixeir comum

A construção da lixeira do município de Vila Real de S. António e Castro Marim, tem já concurso público aberto, sendo as propostas apreciadas no próximo dia 18 de Outubro.

A obra tem um custo estimado em 19 900 contos e fica localizada no concelho de Castro Marim.

A iniciativa foi da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, tendo ganho, após diligências para a obtenção do terreno, a adesão do município de Castro Marim e aprovação da Comissão de Saneamento Básico do Algarve.

XII Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

O Décimo Segundo Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, que desde sexta-feira se desenvolve, constitui «uma proposta de promoção do cinema reconhecimente progressista» – declararam os organizadores.

A edição em curso do Festival custa um orçamento que ronda os cinco milhões de escudos e tem garantida a presença diária de mais de três centenas de pessoas, entre individualidades convidadas, participantes profissionais e Comunicação Social.

Alguns observadores consideram o Festival como a maior mostra internacional de filmografia independente, dado que nele se apresentam algumas centenas de filmes do jovem cinema mundial.

A concurso ou em informação apresentam-se filmes de ficção,
imagens e documentos, películas infantis e curtas-metragens, cuja estreia se registou desde 1 de Janeiro de 1982.

Os filmes a concurso são apreciados por um júri internacional, eleito entre o público do Festival e abrangendo profissionais do cinema e da crítica, assim como animadores culturais.

«Para a Frente Brasil» do realizador Roberto Farias, foi o filme escolhido pela organização para inaugurar oficialmente o XII Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.

Esta película foi exibida a concurso, sábado, na secção de ficção.

Aguardado com curiosidade, a recepção que teve na Figueira da Foz foi controversa, para alguns bom e interessante, para outros deveras mau.

Datado de 1982, este filme é baseado no conto «Dark Room», do brasileiro Reginaldo Farias (irmão do cineasta). Inicialmente proibido pela censura por motivos políticos, «P'ra Frente Brasil» foi classificado pelos militares deste país como «calunioso e difamatório». Consequência da liberalização operada na sociedade brasileira, a sua estreia acabou realizando-se no Rio de Janeiro no pasado dia 15 de Março.

A película é protagonizada por actores bem conhecidos do público português: Reginaldo Faria, António Fagundes, Natália do Vale e Elizabeth Savalla, a banda sonora é da autoria de Egberto Gismonti.

Com a duração total de 110 minutos, «Pra Frente Brasil» decorre em1 1970 – ano politicamente difícil para o brasileiro e que Farias considerou «o momento mais agudo da repressão política no meu país».

Enquanto a selecção de futebol avança para mais um título no campeonato do Mundo (México) um cidadão comum é preso por suspeita de subversão pelos esquadrões da morte. Simultaneamente ao espectáculo de massas e alienação que é o futebol, um homem é torturado e praticamente condenado à morte sem julgamento.

Filme histórico, datado no tempo e no espaço, «Prá Frente Brasil» é uma proposta corajosa de reflexão político-social «em torno da emoção como uma expressão de uma atitude política».

Roberto Farias nasceu em 1932. Durante os anos 60, realizou dois filmes do chamado género «cinema novo». Já na década de 70, afastado desta corrente realista, faz diversas películas de índole comercial, como presidente da companhia Embrafilme, de 1974 a 1979, desempenha papel predominante no desenvolvimento da cinematrografia brasileira.

«Um pacto com o Diabo» (Querelle, no título original), de Rainer Werner Fassbinder, foi o filme em destaque no primeiro dia de programação do XII Festival Internacional de Cinama. Exibido cerca da uma hora da madrugada de sábado, foi aplaudido de pé pela assistência.

Última película do malogrado realizador alemão federal, «Querelle» é considerado pela crítica da especialidade como filme-testamento. O seu filme testamento (o que Olivier Assayas, crítico da revista francesa «Chahiers du Cinema», apontava como o filme ambicioso de um cineasta maduro), reflexo da personalidade do seu director, esta é uma película que, curiosamente, sai da linha habitual das obras de Fassbinder.

«Querelle», abordando a mesma temática, está longe da homossexualidade que caracteriza filmes como «As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant» ou «O Direito do Mais Forte à Liberdade», nele se narra a história de um marinheiro, do seu poder de fascinação e de sedução sobre aqueles que encontra, personagem narcisista, «Querelle» aparece-nos como um cavaleiro do Apocalipse cuja simples presehça pode atrair a morte dos que o rodeiam.

Pelo que os homicídios acontecem, ainda que despidos de violência, eis pois, uma película distante de uma «Terceira Geração». A acção situa-nos num porto francês (Brest), entre o bar e o bordel, o barco e a rua recorte das torres da cidadela em forma de sexo de homem. Tudo só um céu vermelho, luminoso, nada que afinal, faça lembrar o preto e branco decadentes de «a saudade de Verónica Voss» embora se sinta a sua presença.

«Um Pacto com o Diabo» é protagonizado por Brad Davis, Franco Nero e Jeanne Moreau, mesmo aqui Fassbinder esqueceu a protagonista habitual dos seus filmes e actriz preferida, Hanna Schygulla, com uma duração de duas horas, o seu argumento resulta da adaptação do livro de Jean Genet «Querelle de Brest» pelo próprio Fassbinder obra literária que «me parece ser o romance mais ousadamente extremista de toda a literatura mundial», diria a propósito aquele que é considerado como o maior expoente do novo cinema alemão e certamente o mais prolixo (um total de 43 películas).

Nascido em 1946, Rainer Fassbinder foi encontrado morto no seu apartamento a 10 de Junho de 1982, causa da morte: «Overdose» apresentado no Festival de Cinema de Veneza do ano passado, «Querelle» não receberia qualquer prémio.

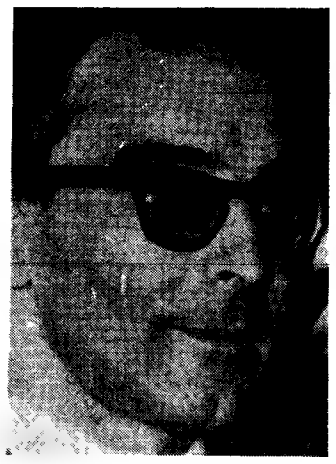
O festival foi marcado, no seu segundo dia de programação, pela presença de cinematografias desconhecidas do grande público, referimo-nos concretamente, a filmes provindos da China, Nova Zelândia, Índia e Irlanda.

Aguardado com bastante expectativa, «A Verdadeira História de AQ», do realizador chinês Cen Fan, não desiludiu, datado de 1982, esta película coloca-nos numa aldeia chinesa no período pré-revolucionário, girando em torno do maltrapilho que distante do cinema, militante cego das realidades, denuncia com uma ligeira e triste ironia a vida daqueles que serão sempre povo.

«O Espantalho» de San Pillsbury permitiu ao público presente na Figueira da Foz ter uma imagem de como é e se faz o cinema na Nova Zelândia. Primeiro filme deste país alguma vez apresentado em Portugal, saldou-se como um interessante cartão de visita.

Referência especial para a obra do indiano Mrinalsen «À Procura da Fome». A acção decorre numa aldeia de Bengala no Outono de 1980, uma equipa de filmagens prepara-se para rodar uma película sobre a fome que assolou a Índia em 1943 e cujo saldo se registou em mais de cinco milhões de mortos.

Godard vence Festival de Veneza



O filme «Prenome: Carmen», de Jean-Luc Godard, foi premiado, por unanimidade, com o «Leão de Ouro» da 40.ª Mostra de Veneza, que decorreu de 31 de Agosto até ontem.

O Grande Prémio Especial do Júri foi atribuído, também por unanimidade, a «Biquefarre», de Georges Rouquier (França).

Os outros prémios foram assim distribuídos:

Prémio para a melhor actriz: (por unanimidade) Darling Legitimus, pela interpretação na película «Rua das Casas Negras», de Euzhan Palcy (França-/República da Martinica); prémio da melhor interpretação masculina (unanimidade); ao conjunto dos actores do filme «Streamer», de Robert Altman (Estados Unidos): Guy Boyd, Georges Dundza, David Alan Grier, Mitchell Lichtenstein, Matthew Modine e Michael Wright; prémio especial do júri para os valores técnicos: Raoul Coutard, pela imagem, e François Musy, pelo som, no filme «Prenome Carmen», de Jean-Luc Godard; «Leão de Prata» para a melhor primeira obra: «Rua das Casas Negras», de Euzhan Palcy, por unanimidade.

Um certo número de organizações atribuíram prémios no final da 40.ª «mostra» de Veneza.

A FIPRESCI (Federação Internacional da Imprensa Cinematográfica) atribuiu um grande prémio especial por unanimidade a Ingmar Bergman, pela versão integral de «Fanny e Alexandre». Com este galardão, a FIPRESCI «pretendeu contribuir para a indispensável difusão desta versão integral no mundo». O seu prémio de crítica internacional foi atribuído a «Die Macht der Gefuehle» (O Poder dos Sentimentos) de Alexandre Kluge, RFA.

O prémio da OCIC (Organização Católica Internacional do Cinema) foi dado a «Rue Casse Negres» de Euzhan Palcy (França-Martinica). Foi atribuída uma menção especiala «Glut» de Thomas Korser (Suíça).

O prémio do CICT (Conselho Internacional do Cinema e da Televisão), dependente da Unesco, foi dado a «Une Femme pour mon Fils» de Ali Ghanem (Argélia).

AK Unicef deu o seu prémio a «Rue Casse-Negres».

O Prémio Venezia di Sicca, que recompensa o cinema italiano foi atribuído «ex-aequo» a «Summertime» de Massimo Nazzuco, e «Amore Tossico» de Claudio Calegari.

O Prémio «Fenice del Cinema», atribuído pelo Centro de Cultura do Palácio Grassi, reservado à melhor fotografia foi atribuído ao filme «Tisicrocna Vcela» (A Abelha Milenária), do checo Juraj Jakubisko, cujo director da fotografia é Stanislav Dorsic.

O Prémio Psinetti (dado pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas Cinematográficos Italianos) foi atribuído do seguinte modo: melhor filme: «Zelig», de Woody Allen;

Melhor actriz: Angela Winkler, em «O Diário de Edith», de Hans W. Geissendorfer; melhor actor: Carlo Delle Piane, em «Una Grita Scolastica» de Pupi Avati.

Prémio na Corunha para Fonseca e Costa

José Fonseca e Costa, pelo filme «Sem Sombra de Pecado», ganhou ontem o Prémio de Melhor Realizador, «exaequo» com o alemão Peter Schamonia, por «Sinfonia de Primavera», no Festival de Cinema de Comédia da Corunha.

A actriz espanhola Vitoria Abril recebeu o Prémio da Melhor Interpretação Feminina pelo seu trabalho no filme «Sem Sombra de Pecado».

O filme norte-americano «Local Hero», dirigido por Bill Forseyta, recebeu o Prémio de Melhor Filme do Décimo Festival Internacional de Cinema de Comédia de La Corunha, que terminou ontem.

O italiano Massino Troise foi premiado como o melhor intérprete masculino pelo trabalho no filme «desculpa-me o Atraso».

O filme checoslovaco «Saudações desde a Terra», dirigido por Oldrich Lypsky, recebeu o Prémio do Melhor Guião.

Feira da Moita/83: a cavalo e a pé de hoje a quinta-feira

Quatro espectáculos taurinos para todos os gostos compõem os cartazes da tradicional Feira Taurina da Moita do Ribatejo que de hoje a quinta-feira decorre naquela vila, a partir das 17 e 30. Nela participam os melhores cavaleiros portugueses (a única ausência é a de João Moura), os mais cotados forcados e, para além do nosso melhor matador, Vítor Mendes, duas figuras gradas de Espanha: Ruiz Miguel e Ortega Caño (que os aficionados portugueses tanto apreciam).

Espectáculo desta tarde (a partir das 17 e 30): Emídio Pinto, Joaquim Bastinha e António P. Teles numa corrida à portuguesa, com curro do Rio Frio, e os forcados da Moita e de Lisboa nas pegas. Amanhã, com toiros de Vale de Vida, uma «mista» em que pontificam MJ Oliveira e João Zalha Teles, a cavalo, e M. Coelho e Orteja Caño, a pé. Forcados Amadores de Vila Franca nas pegas.

Quarta-feira, a grande corrida (como se espera): Ruiz Miguel, Pepe Câmara (nascido na Madeira e naturalizado venezuelano) e Vítor Mendes na «picada» que o País merecia. E, 5.ª-feira à tarde, a última, também «à portuguesa»,com Mestre Batista, Luís M. Veiga e Zoio,

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2452, arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Portalegre, de um novo troço da linha aérea 6 KV para o posto de transformação da Radiotelevisão Portuguesa, na serra de S. Mamede, com 107 metros do poste n.º 22 do referido p.t.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 19 de Agosto de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Idanha-a-Nova, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2305, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Idanha-a-Nova, de uma linha aérea a 30 kv, com 3527 m, do poste n.º 104 da linha para o PT de Zebreira ao PT de SHALOM–Sociedade Cooperativa de Produção Agro-Pecuária, SCARL.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 19 de Agosto de 1983.

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6006, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha mista de 10 kv, com 2451 metros (parte aérea com 2291 metros, e parte subterrânea com 120 metros, e ainda parte subterrânea com 40 metros) entre o P.T.S. n.º 5024, sito no Bairro Social de Povos, e o P.T.S. n.º 5582.

Linha subterrânea a 10 kv com 810 metros, entre o P.T.S. n.º 5582 e o P.T.S. n.º 5530.

Linha Subterrânea a 10 kv com 150 metros, entre o P.T.S. n.º 5530 e o P.T.S. n.º 5529.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Agosto de 1983.

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Yes e sim

Um dia, quando quisermos recuperar a memória da «Décima Sétima», teremos de fazer a travessia desta **Viagem à memória do tempo,** de António Escudeiro, talvez se a «Décima Sétima» não existisse não existisse este filme. Assim se continua, entre nós, navegando um pouco ao deus-dará, o credo na boca, à espera dos favoráveis ventos pela popa.

É este um filme importante para a descoberta deste país donde se partiu à descoberta. Não falou de mais, não mostrou de mais, não calou de mais. Foi orgulhoso, não chauvinista. Nem saudosista, mas saudoso de destinos por cumprir. Do muito que demos (seguramente muito mais do que recebemos) revelou esta «travessia» o segredo: longe da Pátria construímos de modo a que, o que estava longe, o ficasse menos.

A informação copiosa não era objectivo deste filme, nem o será de nenhum trabalho que à televisão se destine. A beleza, a força de tantas imagens e de muitas palavras ficaram connosco, enriqueceram-nos. Isso é TV.

Labirintos

Dallas afunda-se no nojo de si próprio. Suicida-se à boa maneira americana: perde público. A provar que até a estupidez do chamado «americano médio» tem limites. Parece incrível, mas tem.

Quem faz negócio do labirinto acaba por não sair dele e transformar-se, ele também, em labirinto. O adolescente sai do labirinto, quer dizer: torna-se adulto. Para encontrar e resolver mais labirintos? Certo. Mas isso é já outra história.

Uma telenovela brasileira dura o que dura. Faz a história de um labirinto, bem ou menos bem resolvido, mas resolvido. As séries americanas duram o que dura a sua capacidade para fabricar dólares. Não acabam porque chegaram ao fim do que queriam contar; acabam, morrem, quando já ninguém as pode suportar.

Assim **Dallas** vai morrer. No nojo de si próprio. Quando os telespectadores já se sentem ofendidos da sua continuação. Ofendidos, quer dizer: diminuídos.

Quantos, mesmo, não ficarão diminuídos – para sempre?

Notas de domingo

● O Papa diz missa na Áustria. RTP transmite. Em condições deploráveis para o espectador português, durante horas e horas a nadar em seco. O comentador desculpa-se com deficiências não sei de quê. Dá por terminada a emissão uma data de tempo antes de ela acabar. Realmente, não estava ali a fazer nada...

● O «Espaço 1999» acabou. Repete-se aqui o fenómeno de «Dallas». A malta fatigou-se destas coboiadas no espaço intergaláxico, esse novo far west das novas americanices. Agora, parece que vamos ter umas tréguas. Depois, é mais que certo, as coboiadas intergaláxicas voltarão. Mais terríveis, mais de pesadelo. Sempre integradas no velho desejo ianque de colonizar os seus «amigos».

● Paula de Magalhães regressou. Mais eufórica do que nunca. Em conflito aberto com os milhares – os milhares do papa, do **Avante!,** da manifestação contra Pinochet, em Madrid. Diz que a festa do **Avante! «durante três dias reuniu milhares de visitantes...** Quanto às manifestações em Madrid, refere «dezenas de milhar» enquanto Vasco Lourinho, de Madrid, nos fala em «cem mil manifestantes». Maneiras de dizer, não é verdade?...

● Vimos no telejornal algumas imagens transmitidas pela televisão soviética, refererites ao caso do avião coreano. Do que na realidade se passou na televisão soviética, não houve informação isenta nem completa. Telejornal não quer fazer informação fria: quer fazer guerra-fria.

● Absolutamente repugnante o relato dos acontecimentos no Chile desde o 11 de Setembro de 1973. Pinochet é pintado num intragável e mentiroso cor-de-rosa. Enfim, os seus objectivos nem eram maus, tudo caminhou bem até 1982, a partir daqui é que as coisas começaram a complicar-se: inflação, desemprego, o nível de vida a baixar...

Reparem: que Allende caíra porque não tivera o apoio da classe média e dos Estados Unidos...

Telejornal reflecte a propaganda do Pinochet (que, pelo que se conclui, tivera o apoio da classe média, e que jnão tem e dos Estados Unidos, que tem ainda...) segundo a qual as manifestações no Chile são obra «de pequenos grupos de malfeitores...»

● A propósito: os telejornais do fim-de-semana já não são feitos por Carlos Pinto Coelho?

● **Sim, sr. ministro** tem dado com um sorriso brutamente amarelo, uma visão pessimista da sociedade inglesa em geral e da sua «classe política» em especial. Esta é apresentada como estúpida, venal, corrupta, capaz de tudo para conquistar os votos que lhe permitam continuar a ser corrupta, venal e estúpida...

A gargalhada mais veemente da banda sonora desatou-se quando os políticos ingleses se referiram à sua «integridade». Enfim, os espectadores já não percebendo porquê governantes actuais deste país não apreciam muito a série inglesa. De facto, esta matéria de **integridade** dá pano para mangas. Na Inglaterra, como em outros países, continua a ser matéria... explosiva.

Pois é...

Hoje

Na RTP-1 realiza-se a quarta sessão do Concurso Vamos Caçar Mentiras

15.05 **Matinée das Três e Meia** – «O Incerto Amanhã».
17.15 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
17.50 **Sumário**
18.00 **Tempo de Desporto**
18.25 **Cusro de Línguas** - Inglês: «Follow Me».
19.00 **Teleregioes**
19.25 **Tempo dos Mais Novos** – «Segredo dos Dedos» e «Pesa Papéis».
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Origens».
21.05 **Vamos Caçar Mentiras** – a quarta sessão deste programa apresentado por Fialho Gouveia.
22.40 **Último Jornal**

RTP 2

Na rubrica Teatro do Mundo, da RTP-2 representa-se esta noite a Peça intitulada «Bem Está o que Bem Acaba»

17.32 **Ténis** – transmissao em diferido, via Eurovisão, dos Campeonatos Open, dos Estados Unidos.
20.30 **Computadores**
21.00 **Teatro no Mundo** – «Bem Está o que Bem Acaba» (2.ª parte). Intérpretes: Celia Johnson, Ian Charleston, Michael Horderr Angela Down e Donald Sinden. Realizador: Elijah Moshirsky.
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **«Breakway, Demissão Adiada»** – intérpretes: Martin Jarvis, Glyn Houston e Derek Seaton. Realização: Paul Ciappessoni.

Amanhã

RTP 1

13.00: Desenhos Animados; **13.30**: Jornal da Tarde; **13.55**: «Pai Herói»; **15.00**: RTP/Brasil; **15.25**: «Novas Aventuras de Popeye»; **15.50**: Concerto Promenade; **16.50**: «Lucinda Brayford»; **17.50**: Sumário; **18.00**: Indústria, Hoje e Amanhã; **18.25**: Curso de Línguas – Francês; **19.00**: Teleregiões; **19.25**: Tempo dos Mais Novos; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Origens»; **21.00**: «Avenida Paulista»; **21.55**: Grande Reportagem; **22.45**: Último Jornal.

RTP 2

19.00: Desenhos Animados; **19.30**: TV/2 Notícias; **19.40**: 5.ª Dimensão, **20.10**: Cine-Clube/2 – com o filme «Quando Explodem as Paixões»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.35**: «Breakway, Demissão Adiada».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 Concurso Vamos Caçar Mentiras (21.05)

RTP 2 «Breakway, Demissão Adiada» (22.20)

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

SINDICATO TRAB. IND. CALÇADO, ART. PELE, MALAS, CORREARIA E SIMILARES DO CENTRO, SUL E ILHAS

ELEIÇÕES

Comunicamos que, terão lugar nos dias 4 e 5 de Novembro, as eleições para os Corpos Gerentes, para o próximo biénio. Assim, deverão todos os interessados entregar à Mesa da Assembleia Geral, até 4 de Outubro, as listas de candidaturas, as quais terão de ser subscritas, pelo menos, por 5% do número dos associados do Sindicato, segundo o disposto no art.º 79º dos Estatutos.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,
Sebastião Balbino Falido

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

Assembleia Geral Extraordinária (Repartida)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do art.º 1.º e da alínea C do artigo 6.º, do regulamento da Assembleia Geral e para os efeitos da alínea K do art.º 36.º dos Estatutos do Sindicato, convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores para uma reunião extraordinária a efectuar repartida por locais de trabalho, no período compreendido entre **29/9/83** e **7/10/83**, destinada a apreciar e deliberar sobre a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informações

2 — a) Discussão do processo reivindicativo dos T.F.P. para 1984.

— b) Aprovação das propostas com incidência pecuniária.

Lisboa, 8 de Setembro de 1983

O Presidente da Mag
Raquel de Matos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Salvaterra de Magos, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2423, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Salvaterra de Magos, de uma linha aérea a 30 kv, com 522 m, do poste n.º 23 da linha para o PT n.º 564-Mexeeiro/Salvaterra de Magos, ao Poste n.º 55 da linha Marinhais-Salvaterra de Magos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 19 de Agosto de 1983.

PEL'O ENGENHEIRO DIRECTOR
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2455, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Almeirim, de uma linha aérea a 30 KV, com 271 metros, do poste n.º 69 da linha Alpiarça-Almeirim, ao posto de transformação n.º 885 de Tróia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 19 de Agosto de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
Joaquim Gonçalves dos Santos

roteiro cultural

Música

«Das Ulsamer Collegium», grupo alemão federal dirigido por Josef Ulsamer, efectua hoje, às 21,30, na Igreja de S. Roque, um concerto em que interpretará obras alemãs e italianas do Renascimento.

Cinema

A Associação Cutural de Vilar de Perdizes, concelho de Montalegre, está a organizar a Primeira Semana do Filme Transmontano, que decorrerá de 30 de Setembro a 8 de Outubro.

O dinamizador desta jornada, paróco de Vilar de Perdizes, de seu nome António Lourenço Fontes, conta com o apoio da Associação do Nordeste Transmontano e da Coordenadora Distrital da Educação de Adultos de Vila Real, além das autarquias municipais da zona.

A presença de realizadores e de actores de cinema, nomeadamente dos participantes em filmes sobre Trás-os-Montes, ou que tenham a região por cénario, está a ser incentivada pela organização.

A Primeira Semana do Filme Transmontano irá abranger os concelhos de Chaves, Boticas, Montalegre, Ribeira de Pena, Vila Pouca de Aguiar e Valpaços e incluirá também sessões culturais, nomeadamente sobre etnografia e exibição de folclore.

Teatro

O «Novo Grupo de Teatro» apresenta no Teatro Aberto, de terça a sábado, às 21,30, «Comédia à moda antiga», peça do soviético Alexei Arbuzov, com encenação de Jorge Listopad, cenografia de Dalton Salem Assef, assistência dramatúrgica e tradução de Carlos Porto e interpretações de Carmen Dolores e Curado Ribeiro.

Exposições

Uma exposição sobre «Pintores da Escola do Porto-Séculos XIX e XX – nas colecções do Museu Nacional Soares dos Reis» vai inaugurar-se amanhã, às 18 horas, nas Galerias de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian. A exposição é constituída pela apresentação de um total de 70 obras de pintores como João Baptista Ribeiro, Augusto Roquemont, João Correia, António José da Costa, Silva Porto, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, Henrique Pousão, João Augusto Ribeiro, Sofia Martins, António Carneiro, Heitor Cramez, Dordio Gomes, Agostinho Salgado. Este grupo de paisagistas de meados do século XIX reveste-se de grande interesse para a História da Arte em Portugal, pois a sua influência nos nossos artistas virá a originar, por volta de 1880, uma corrente naturalista que tem como introdutores Silva Porto e Marques de Oliveira e que dominou qualquer outro género de pintura no final do século.

João Manuel Bernardo expõe «21 desenhos» na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes. A exposição estará patente até ao dia 29 do mês corrente, podendo ser visitada todos os dias das 14 às 20 horas.

«Raparigas Minhotas», de Agostinho Salgado, um dos quadros expostos na Gulbenkian, na mostra de pintores da Escola do Porto (Séc. XIX e XX).

«Simon Bolivar, o Libertador» é tema de uma exposição iconográfica hoje e amanhã à disposição do público no Palácio Foz, em Lisboa. A mostra é constituída por 62 reproduções fotográficas de pinturas e textos informativos sobre a vida e obra de Simon Bolivar, libertador das Américas.

Uma exposição de fotografias de artistas holandeses está patente ao público na Galeria Municipal de Arte de Évora.

O certame, aberto até ao próximo dia 15, é uma iniciativa da Cooperativa «Gesto-Arte», com o apoio da Câmara Municipal de Évora e da Embaixada Real dos Países Baixos, em Lisboa. Cerca de meia centena de trabalhos dos mais variados temas estão expostos com o objectivo de «mostrar além-fronteiras a nova fotografia holandesa».

Uma mostra de gravura internacional, com obras de artistas plásticos dos países representados no Trigésimo Primeiro Campeonato do Mundo de Snipes, a decorrer em Leixões, está exposta na Galeria Árvore, no Porto. Nas salas da Galeria, na Rua Azevedo de Albuquerque, figuram 60 obras de gravura, serigrafia e tipografia assinadas por artistas mundialmente conhecidos, entre os quais Vieira da Silva, Appel, Matisse, Sónia Delaunay, Max Ernest e muitos outros.

O artista plástico argentino Cohen Fus'e abriu no sábado, na Galeria de Arte do Casino do Luso, uma exposição do pintura que designa de «fantástica». A exposição é da iniciativa da Comissão Coordenadora do Programa de animação termal Luso-Buçaco.

COMISSIONISTAS

Grande Armazém do Distrito de Braga, especializado em roupas de cama, pretende 2 comissionistas para trabalharem nas Beiras e Alentejo.

Resposta a este jornal ao n.º 9901

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra ao condutor que deve abrandar a velocidade ao se aproximar de um grupo de peões que transitem nas bermas da estrada.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	86$50	92$50
ALEMANHA FED (marco)	45$95	47$05
ÁUSTRIA (xelim)	6$45	6$65
BÉLGICA (franco)	2$115	2$315
BRASIL (cruzeiro)	$050	$150
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	99$50	101$50
(notas de 5 a 1000)	100$00	102$00
DINAMARCA (coroa)	12$80	13$20
ESPANHA (peseta)	$772	$892
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	122$60	124$60
(notas de 5 a 1000)	123$10	125$10
FINLÂNDIA (marka)	21$35	21$95
FRANÇA (franco)	15$25	15$95
HOLANDA (florim)	41$00	42$95
INGLATERRA (libra)	184$00	188$00
IRLANDA (libra)	144$75	148$75
ITÁLIA (lira)	$070	$080
JAPÃO (iene)	$473	$508
NORUEGA (coroa)	16$45	16$95
SUÉCIA (coroa)	15$50	16$10
SUIÇA (franco)	56$50	57$60
VENEZUELA (bolivar)	7$05	8$05

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **22.30**: Madrugada e maresia; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.45: Árias de óperas; **16.35**: Música de tecla de autores portugueses; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Sinfonia n.º 4, em ré menor, op. 120, de Schumann; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Intérpretes portugueses; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Tudo isto e música também; **23.00**: Música; **23.15**: Sonatas; **00.10**: «Stabat Mater», de Pergolesi; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Transmissão directa do Santuário de Fátima das cerimónias do dia. Noticiários intercala res a todas as horas.

Rede Sul de FM

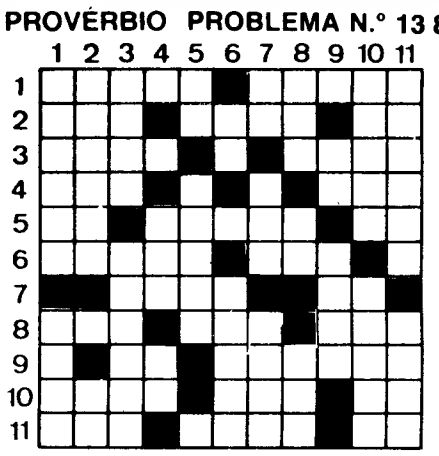
14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

NÃO entre na água após demorada exposição ao sol

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 832



HORIZONTAIS:

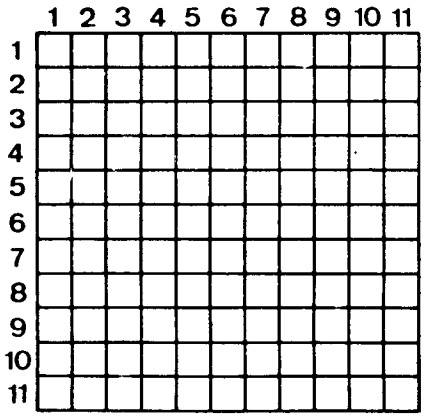
1 Cidade de França. Transferem para outro dia.
2 Jibóia. Lavrai. Níquel (s.q.).
3 Descerra. Artigo definido. Nascente de água.
4 Tanto. Discurso laudatório (inv).
5 Artigo definido (ant). Cidade de Itália. Solitário.
6 Peça circular destinada a mover-se (pl). Nome de mulher.
7 Rio da Russia. Depois de Cristo.
8 Pronome relativo. Conjunção. Tempo do verbo ir.
9 Pronome pessoal. Espiolhara.
10 Aneis. Ferro temperado. Niquel (s.q.).
11 Pêlos de certos animais. Pão de milho. Pertences.

VERTICAIS:

1 Matar. Quem.
2 Nome de peixe. Batráquio.
3 Invulgar. Composição musical executada por dois instrumentos ou por duas vozes.
4 Rio da Suiça. Pertences.
5 Apelido. Queimam.
6 Letra grega. Atar.
7 Autores. Vende a crédito. Bolsa.
8 Distrito da ex-índia Portuguesa. Serviço Nacional (Abrev). Corda de reboque.
9 Nota musical. Transfere para outro dia.
10 Cordeiros. Natureza animal.
11 Alburnos. Vais para fora.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9684



HORIZONTAIS:

1 Nome de mulher. Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas.
2 Alai. Aparelho para tecer.
3 Mover os remos. Conduzirá para cá.
4 Guarneceria de asas. crómio (s.q.).
5 Vossa Senhoria. Palmeira da Amazónica. Magnete natural.
6 Cério (s.q.). Maceravas. Batráquio.
7 Cantigas. Reles.
8 Moderato. Rio de Itália. Duna na Suécia.
8 Piedosas. Clima. Magnete natural.
10 Prefixo de negação. Prega.
11 Relativos a oásis. Transpira.

VERTICAIS:

1 Rio de Portugal. Mar interior nos confins da Europa e da Ásia.
2 Acético (abrev). Ler. Ilha do estado da Baía.
3 Ramagens. Magnete natural.
4 Irmãs das mães. Punhados.
5 Criscos. Duzentos em romano.
6 Nome de homem. Estaciono.
7 Pronome pessoal. Nomes de frutos.
8 Chamas a ti.
9 Mãe de Rómulo e Remo. Apupas.
10 Assinalariam.
11 Lavrar. Queimara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 831

HORIZONTAIS:
1 Abateras. Pi.
2 Are. Adiras.
3 Isar. Maga.
4 Abatia. Asar.
5 Nanos. Ro. Ra.
6 Eco. Pá. Aa.
7 Lo. NÃO. Suor.
8 Altar.
9 Serra. Sono.
10 Será. Cs. Res.
11 Amasso. Há.

VERTICAIS:
1 PANELA. Sá.
2 Ba. Baco. SEM.
3 Ariano. Pêra.
4 TESTO. Rãs.
5 Ais. Aar.
6 Rara. Polaco.
7 Ad. Rã.
8 Simão. Sãs
9 Aurora.
10 Pagarão. Ne.
11 Isara. Rios.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9683

HORIZONTAIS:
1 Raba. Regina.
2 Épico. Saras.
3 Na. Aprova.
4 Arara. Ia. Ad.
5 To. Co. Clã.
6 Qui. Calma.
7 Urra. Chaves
8 Piara.
9 Ogro. Ar. Cu.
10 Te. Lã. Adoro.
11 Casam. Sós.

VERTICAIS:
1 Rena. Quioto.
2 Apar. Ur. Ge.
3 Bi. Atirar.
4 Ácaro. Olá.
5 Ás.
6 Cacia.
7 Espiolharam.
8 Gara. Mar.
9 Iró. Cavacos.
10 Naval. Uro.
11 Asada. SM. Ós.

Proverbio: Não há panela sem testo.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS DESEJOS DE MELODY IN LOVE

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM
15.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS LADRÕES DO TEMPO
– N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
9.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CASSANDRA CROSSING
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O LOBISOMEN AMERICANO EM LONDRES

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
A CAMINHO DO TEXAS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
E A FELICIDADE VOLTARÁ

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 18 e 21.30
– M. 12 a.
MONSENHOR

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 e 21 30 – N. ac. men. 12 a.
O CANDIDATO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
O GRANDE DESAFIO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
60.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
» M. 6 a.
CONCA AVENTURA NA SELVA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 12 a.
MONSENHOR

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
SUPERMAN III

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O REI DA COMÉDIA
com Robert de Niro
e Jerry Lewis
– Para Todos

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.15
UNS E... OS OUTROS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O RAID DOS COMANDOS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A RAINHA DOS TÁRTAROS

POLITEAMA 326716

R. Portas S Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
EMMANUELLE
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 16.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
AVENTURA NAS CARAÍBAS

Uma cena do filme INICIAÇÃO CARNAL de Mike Nichols com Jack Nicholson, Candice Bergen, Arthur Garfunkel e Ann-Margaret, em Exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
QUINTET
Às 23.30
OS 11 IMPLACÁVEIS MENINOS DE CORO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30
OS PASSAGEIROS DO TEMPO

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 13 a.
ROMA CIDADE ABERTA
Às 23.30
O DUELO NO DESERTO

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 16 a.
INICIAÇÃO CARNAL
Às 23.30
TEOREMA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
GREASE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O SENHOR DO FERRO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
3.ª Semana

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST (Verão Indiano)
6.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
24.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30 e 17
–M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPARNASSE
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30
– N. ac men. 13 a.
SUPERMAN III

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS LADRÕES DO TEMPO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– Para Todos
ANNIE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Bad Boys», às 21.30 e 24.00 (16 anos)
ALFA-2 — «Os Três Dias do Condor», às 21,30 (13 anos)
ALFA-3 – «Aeroplano II», às 21.45 (13 anos)
RESTELO – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «O Desejo das Ingénuas», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «A Feiticeira do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PROMOTORA – «O Dragão Invencível», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)
CINESTÚDIO ACS – «O Senhor do Ferro», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Musica no Coração», às 21.00 (6 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine-Almada – «Artur, o Alegre Conquistador», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «A Vida é uma Festa», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Rosa Vermelha», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia –10 para a Meia-Noite», às 21 15 (18 anos)
SETUBAL – Júpiter – «Gandhi», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Fuga para a Felicidade», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Um Indomável Rebelde», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Três Homens a Abater», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Classe de 1984», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)
AMADORA – Lido – «O Último Harém», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Paraíso Azul», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Bairro da Lata», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «Brigadas Antigangsters», às 21 15 (13 anos)

Porto

LUMIÈRE-A – «Nasce uma Estrela», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Amantes de Verão», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21 30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Dinamite Johnson», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO – «Adeus Gringo», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «O Caso Danton», às 21.30 (12 anos)
BATALHA – «Superman III», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Turno da Noite», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Bobby», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «O Caçador», às 21 30 (13 anos)
RAIONE – «Madrugada Alucinante», às 21 30 (18 anos)
COLISEU – «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
BEBÉ – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Amantes de Verão», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Bad Boys», às 21 30 (16 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é uma Festa», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «A Rapariga de Trieste», às 21.30 (16 anos)
TERÇO – «O Regresso da Turma dos Malandros», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

ALCÂNTARA: Nogueira, R. Alcântara 5-A-B (T. 637563); **CAMPO PEQUENO: Alcântara -** , Av. da República, 74-A (T. 771379); **BAIRRO ALTO: Pinharanda**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Morais Soares, 91-D (T 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Setasbião**, L. São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19, loja, Urbanização Codivel; **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALVALADE: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **CAMINHOS DE FERRO: Vila-lobos Santos**, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO: Bastos Andrade**, C Santo André, 107 (T. 860450); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva**, zona n.º 2 de Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T 386255); **CONDE BARÃO: Açoreana**, L Conde Barão, 2 (T. 661330); **LAPA: Neves**, R Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R Prof Mira Fernandes, MAF (T. 880703), **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomaz Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, A-B (T. 885140); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque d'Ávila, 32-C (T. 43495); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **BRANDOA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos, T.Prioras (T. 2519939).**

Linha de Sintra

AMADRA: Confnça, AK. D. Nu Álres Peira, 15-(T. 9349). PRMANENTE **Jardm**, Av. Conde de OKIRAS, «º), Reboleira (T. 938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069) Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9[illegible]275). Até às 22 horas; **RONCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).
MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530037). Até às 22 horas

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, Lote A, r/C (T 441616). Até as 22 horas; **ALCIDECHE:arval**, B. João P. Correia, 48B (T. 2690363). Até às 22horas; **MALVEIRA DA SERRA: UZ**. Até as 22 horas; **PA DE ARCOS: Trindade Brá**, R. Cosa Pin, 184 (. ºº/ºº) Peanente: **OEIRAS: ODINHO**, R. Cânedo dos eis, 989t. 2430090). AÉ ÀS ºº HORAS; **CARCAVELOS: Central**, R 5 de Outro, 25 (T. 2470037) Permanente; **SÃO OMINGOS DE RANA: ODINHO DA Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T 260085) Até às 22 horas; **ÁREDE: Brandão** Av. da República, 77-C (T 247105 0. permanente; **easseoirosã amaral Sembleo**, Quinta da Encostas. AÉ ÀS ºº HORAS; **MDORNA: Madeira**. té às 22 hora--**AMOREIRA: Ameal Sembleno**, C VENDA Maria Crios ENJ (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: arques dos Santos**, R Ferreira J. A , 15 (T. 260116) Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Margil (T. 280078). Permanente

Outra banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Louro,** R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517); Permanente; **LARANJEIRO: Tovar Chaves,** R. Dr. António Elvas, 10-4-D (T. 2296119); FEIJÓ. Permanente; **COSTA DA CAPARICA: Chal,** Av. General Humberto Delgado (T 2403218). Até às 19horas; **SESIMBRA: Leão,** Av. da Liberdade, 13 (T. 22333471); **BARREIRO: Higiénica,** R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **AMORA: Matos Lopes,** R 1 º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho,** L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio,** R Almirante Reis, 93 (T. 2310035Ç); **MOITA: União Moitense,** Av. Dr. Teófilo Braga (T 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão,** R. Cândido dos Reis, 30 (T 204020); **ALCHETE: Nunes,** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **Bonfim,** Av Rodrigues Manito, 12 Permanente; **SETUBAL: Marques,** R. Arronches Junqueira, 169. Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100; **PADRÃO**, R Santo Ildefonso, 342; **SÁ**, R. de Vale Formoso, 181; **BOA-HORA**, R. da Boa-Hora. 80; **GUIMARÃES**, R. de Francos, 37

DE DIA E TODA A NOITE

PASTELEIRA, R. André de Rezende, 92; **SAMPAIO**, R. de Cedofeita, 636; **COSME**, R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL**, R 31 de Janeiro, 203.

Coimbra

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T 22837); **DIAS FERREIRA**, Bairro da Solum (T. 72120).

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

circule e viva.

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacção. Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro. 321154
Redacção: 320271/2/3

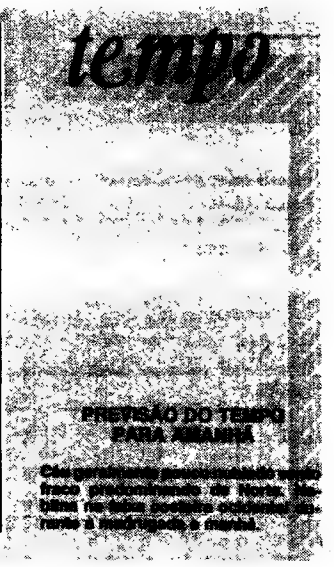
Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2 º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.50 **4,0 m** 12.25 **1,0 m**
19.10 **4,0 m** 24.52 **1,2 m**
Dia 19
7.33 **3,8 m**
19.56 **3,7 m** 13.10 **1,3 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	9º
BRAGANÇA	8º
VILA REAL	10º
PORTO	8º
COIMBRA	11º
CABO CARVOEIRO	–
PORTALEGRE	19º
LISBOA	13º
ÉVORA	12º
BEJA	11º
FARO	14º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	21º
FUNCHAL	20º



UMA LADRA COM AZAR foi reconhecida pela vítima quando ambos se encontravam no Piquete da Judiciária a apresentar cada um a sua queixa. Haviam-se conhecido num bar e combinado passar a noite em efémera lua-de-mel. Após o «devaneio amoroso» ele viria a descobrir haver sido despojado pela jovem desconhecida do dinheiro e documentos. Dirigiu-se à Judiciária e encontrou ali, também a queixar-se de um outro caso de que teria sido vítima. Logo denunciada e revistada por uma agente feminina, tinha consigo o corpo de delito; o dinheiro e documentos furtados.

GUARDAR DINHEIRO EM CASA é cada vez menos aconselhável como se pode ver no dia-a-dia da actividade criminal, em especial no que toca a assaltos a residências em que o dinheiro, seguido pelas jóias, é o alvo principal. A noite passada foi a vez de uma residência situada em Pedra de Douro, Alenquer, de onde os assaltantes levaram as economias do locatário: 630 contos em dinheiro.

UMA SEMANA DE PROTESTOS contra o comércio de armas principiou hoje no Reino Unido, por altura da inauguração da exposição de equipamento da armada real britânica, em Portsmouth. Membros da campanha contra o comércio de armamento formaram piquetes à entrada da exposição e vão continuar no local durante os próximos dias. No centro da cidade, onde se situa uma das principais bases navais da Grã-Bretanha, quatro membros da organização Mulheres para a Vida na Terra iniciaram outro piquete, ficando cinco dias em greve da fome, como protesto contra o comércio oficial de armas.

A POLÍCIA DE BUENOS AIRES deteve 350 pessoas que celebravam uma festa de casamento. Médicos, empresários, jornaistas e outras figuras de destaque na sociedade argentina foram detidas numa luxuosa residência do elegante bairro de Belgrano. A intervenção policial verificou-se porque os conjuges eram ambos do sexo masculino e a única peça obrigatória de vetuário para os convidados (homens e mulheres) era... o chapéu.

No seu relatório anual

FMI fala pela primeira vez de "melhores perspectivas" económicas

O Fundo Monetário Internacional considerou pela primeira vez, no passado sábado, existirem agora «melhores perspectivas» para a recuperação económica internacional. Num documento de 300 páginas divulgado em Washington, o FMI adverte porém para a persistência da inflação e do proteccionismo, que continuarão a dificultar a retoma no Mundo inteiro.

A recuperação económica deve ser alcançada de maneira duradoura através da luta contra o endividamento exterior e contra o proteccionismo, e também pelo restabelecimento do equilíbrio orçamental nos países industrializados, especialmente nos Estados Unidos, salienta o relatório anual do fundo.

Após um ano 1982, em que a produção total dos países industrializados diminuiu, e o volume das trocas internacionais baixou 2,5%, o FMI considera que «os progressos realizados pelos países industrializados na sua luta contra a inflação, a forte baisa das taxas de juro, a diminuição dos «stocks», o aumento dos lucros e a queda dos preços do petróleo» constituem «elementos muito encorajadores».

Por outro lado, o ajustamento das políticas dos países em desenvolvimento, que «se traduz a curto prazo por uma contracção da procura», oferece, segundo o fundo, «as melhores hipóteses de uma expansão controlável a médio e a longo prazo». Mas salienta o relatório, «as perspectivas económicas do conjunto dos países em desenvolvimento dependem actualmente de modo crucial dos progressos da recuperação nos países industrializados».

A este respeito o FMI afirma que, «se é portanto vital que haja um reequilíbrio o mais cedo possível nos países industrializados, é de igual modo indispensável que o crescimento seja aí duradouro e que não estimule a inflação». O FMI exorta assim esses países a manterem políticas monetárias prudentes, e salienta que «é crucial restabelecer o equilíbrio do orçamento nos principais países industrializados, especialmente nos Estados Unidos».

Redução das despesas públicas

«A recuperação económica não poderá ser doradoura, acrescenta o relatório, se a procura pública absorver um volume excessivo dos créditos, à custa da procura do sector privado, e provocar, desse modo, uma subida das taxas de juro».

O FMI nota por outro lado que em 1982-83 «o sistema das taxas de câmbio voltou a estar submetido a tensões consideráveis».

Assinalando a «diversidade dos pontos de vista das autoridades nacionais quanto à utilidade de intervenção nos mercados dos câmbios», o FMI diz que «os métodos de regulação monetária que utilizam a taxa de câmbio como indicador, são talvez mais eficazes do que a intervenção para aumentar a etabilidade das taxas de câmbio».

O FMI salienta igualmente a necessidade da cooperação internacional para fazer frente aos problemas da dívida, em especial permitindo aos países devedores terem acesso aos mercados de exportação.

Diminuição das reservas

Em 1982, pela primeira vez, após mais de duas décadasd de crescimento contínuo, as reservas internacionais, incluindo o ouro, deminuiram cerca de 1%. Esta diminuição ocorrida apesar de um crescimento de 15% das disponibilidades de reserva possuídas pelo FMI, deve-se essencialmente à baixa de 6% das reservas dos países exportadores de petróleo.

A baixa das receitas do petróleo, ao provocar a queda do seu excedente corrente, que diminuiu de 114 000 milhões de dólares em 1980 para 65 000 em 1981, acabando por desaparecer inteiramente em 1982, deu origem nesses países, nota o FMI, ao aparecimento de políticas de austeridade do orçamento.

A concluir, abordando as actividades do FMI durante o exercício de 1982, o relatório nota que o recurso às disponibilidades do Fundo atingiram montantes recordes: os compromissos de crédito do FMI atingiram 25 000 milhões de direitos de saque especiais (DTS – 1 DTS – 1,049 dólar) o que representa um aumento de 8800 milhões, todos eles a favor de países em desenvolviomento. O FMI supervisa neste momento 39 programas de estabilização, contra 24 no final do exercício precedente.

As dificuldades dos países exportadores de matérias-primas reflecte-se por outro lado no maior recurso aos mecanismos de financiamento compensatórios das exportações (1630 milhões de DTS) e de auxílio às balanças de pagamento (8700 milhões de DTS, contra 5000 milhões em 1981).

Para manter um nível suficiente de liquidez internacional, salienta por último o relatório, o FMI poderá proceder a uma nova atribuição de DTS. A última foi em 1981. O Conselho de Administração do Fundo estuda actualmente a possibilidade de efectuar novas atribuições.

"Não é nenhum fracasso!"

Jaime Gama avaliza Conferência de Madrid

Para Jaime Gama, «a Conferência de Segurança e Cooperação na Europa, que tem decorrido em Madrid, não é nenhum fracasso». De acordo com palavras produzidas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, pode-se concluir «antes pelo contrário». E isso porque as relações Leste-Oeste, mediante medidas de confiança, reunificação das famílias e liberalização de informação entre os países».

As afirmações de Jaime Gama foram produzidas, sábado, no aeroporto de Lisboa, à sua chegada de Madrid, onde participara na sessão de encerramento da Conferência de Segfurança e Cooperação na Europa.

Para além de sublinhar a importância do papel desempenhado pela conferência, Jaime Gama referiu os encontros que a reunião de Madrid lhe proporcionou com vários dos seus homólogos, de que realçou os que teve com os ministros dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Fernando Moran, dos Estados Unidos, George Shultz, da Holanda, Van Den Broek, e da Áustria, Erwin Lanc.

Sobre as conversações com Fernando Moran, declarou que elas abriram sérias perspectivas de desbloqueio do «dossier» das relações bilaterais nos vários domínios, com principal relevância para as pescas, a economia, os transportes, a cultura e a melhoria do Serviço de Fronteiras.

Quanto à questão das pescas, defendeu perante o seu homólogo espanhol um acordo de âmbito geral, ultrapassando a concessão do direito de pesca nas águas nacionais a terceiros e que e tome em conta a perspectiva da adesão dos dois países à CEE.

Base das Lajes Timor-leste

Acrescentou ter encontrado a maior compreensão da Espanha para a posição portuguesa e disse haver hipóteses de criação de um grupo misto para o estudo da questão.

O ministro considerou que as relações políticas luso-espanholas não se poderão consolidar se as relações económicas não forem impulsionadas. Observou, a propósito, que tanto os investidores como os portugueses parecem não se aperceber das potencialidades existentes nos mercados recíprocos.

Gama declarou que o seu encontro com o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, defendeu a aceleração e a conclusão, o mais rapidamente possível, do acordo sobre a base das Lajes, implicando uma contrapartida financeira em dádivas ou créditos para as Forças Armadas portuguesas e o desenvolvimento dos Açores.

Afirmou ter deixado bem vincado que portugal só apreciará pedidos dos Estados Unidos para o alargamento das facilidades a outros pontos do seu território depis de concluídas as negociações sobre as Lajes.

O diálogo sobre estes temas será desenvolvido quando, na próxima semana, acompanhar o Presidente Ramalho Eanes na sua visita aos Estados unidos — declarou.

Sobre o seu encontro com o ministro holandês dos Negócios Estrangeiros, Van Den Broek, Gama escusou-se a fazer revelações sobre as conversações relativas a Timor-Leste.

Avião sul-coreano

Limitou-se a declarar que, sendo a Holanda representante dos interesses portugueses junto da Indonésia, Lisboa tem interesse em ouvir informações sobre a situação na região.

A uma pergunta sobre as notícias de ataques indonésios em Timor-Leste, o ministro respondeu que Portugal continua empenhado em colaborar com o secretário-geral das Nações Unidas na sua acção contra a «prática de actos condenáveis» perante a consciência internacional.

Jaime Gama, que discutiu com o seu homólogo austríaco, Erwin lanc, as possibilidades de cooperação trilateral com as ex-colónias portuguesas de África, também teve encontros bilaterais com os chefes da diplomacia da Grécia, Itália e Grã-Bretanha, acera da adesão de Portugal à CEE.

Convidou os seus homólogos da Finlândia, Áustria e Itália a visitar Portugal e aceitou um convite para se deslocar à Hungria.

Interrogado sobre a posição portuguesa relativamente à destruição do avião sul-coreano por caças soviéticos, declarou que Portugal exprimiu a sua condenação geral, firme e inequívoca desse «acto inqualificável».

Isqueiros a gás encontrados na zona do sinistro

Sub-estação da EDP e diversas moradias estiveram em perigo num incêndio no Seixal

Diversas moradias e a subestação da Fernão Ferro da EDP estiveram em vias de ser atingidas pelo incêndio, ao que tudo indica de origem criminosa, que, entre as 20 horas de anteontem e as duas horas desta madrugada, alcançou uma extensão de nove quilómetros em matas situadas na zona do Seixal, na margem Sul do Tejo. As chamas foram combatidas por cerca de trezentos bombeiros das corporações de Almada, Seixal, Sesimbra, Trafaria, Cacilhas e da estação Sul-Sueste, tendo sido constantemente reactivadas pelo vento forte que soprava com mudanças bruscas de direcção.

O facto de terem sido descobertos vários isqueiros de gás espalhados pela zona do sinistro e a hora a que irrompeu, perto do Laranjeiro, «ninguém está a fazer piquenique àquela hora da noite» (expressão utilizada pelo subcomandante dos Voluntários da Trafaria), leva a suspeitar de fogo posto, pelo que o caso já está a ser investigado pela Polícia Judiciária de Setúbal.

A certa altura, um responsável da EDP, embora afirmando que a subestação de Fernão Ferro «se encontrava protegida contra ocorrências do género» chegou a admitir a necessidade de suspender o fornecimento de energia eléctrica nos concelhos de Almada e Seixal, o que não veio a acontecer.

Sete Ponto Sete

Brasil: os cemitérios da seca

Pág. 7

O Islão e os caminhos da liberdade

Pág. 4

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Genealogias

No Lago Baikal os segredos do planeta

Segundo uma antiga lenda siberiana, quando Deus criou a Sibéria deixou cair uma das suas melhores jóias, uma pérola de rara beleza. Vendo contudo como ela sobressaía no verde da taiga, Deus decidiu não a apanhar. Assim nasceu o lago de água doce mais profundo do planeta (1 620 m), o Baikal, que acumula um quinto dos recursos mundiais de água doce. Até hoje chamam-lhe «a pérola azul da Sibéria».

Os soviéticos excedem-se quando falam do Baikal, considerado como um dos fenómenos naturais do planeta. Dizem que a sua natureza combina o azul dos oceanos, a transparência de cristal dos lagos da Suíça, o esplendor dos cumes cintilantes do Pamir e a beleza das dunas de areia da costa báltica e dos prados alpinos.

Aqui, os gelos de 30 graus negativos no Inverno alternam com um calor de 30 graus positivos no Verão. As areias, as grutas de estalactites, as quedas de água, as miragens, as pinturas rupestres dos homens primitivos — tudo isso é o Baikal.

Se com os seus animais tão diversos a Austrália é considerada o museu da fauna terrestre, o Baikal pode bem ser qualificado de museu da fauna de água doce. Na sua região vivem mais de 2 500 espécies animais e vegetais, dos quais 75 por cento só se encontram aqui.

No lago Baikal o homem pode ver nascer ou desenvolver-se novas e originais formas de vida. Desde o início do nosso século, os cientistas pensam que no lago se escondem os misté-

Cientistas efectuam trabalhos no gelo do Baikal

rios da origem de toda a fauna de água doce do continente.

Mas o Baikal é também 23 mil quilómetros cúbicos de água muito pura e ligeiramente mineralizada. Um crustáceo minúsculo, quase invisível a olho nu, filtra a água, ao alimentar-se de algas, plânctons e bactérias.

O peixe vivíparo «Golomaenka» (Comephorus baikalensis) é uma das maravilhas de Baikal. O seu corpo, de 15 a 20 cm de comprimento, não tem escamas e é semi-transparente. Desloca-se rapidamente na vertical e desce até 1 500 metros de profundidade, onde nem uma bala de canhão conseguiria chegar devido à enorme pressão.

Campo de ensaio científico

O lago Baikal atrai a atenção dos cientistas dos mais diversos ramos pelos seus aspectos inesperados. A definição do Baikal como um campo de ensaio científico de importância internacional tem cada vez mais cabimento.

Assim, por exemplo, a superfície das águas frias do Baikal combinada com as altas cadeias de montanhas cria condições extremamente favoráveis para as observações astronómicas. Aproveitando esse facto, no domínio da física do Sol e da Terra.

Investigadores americanos

Uma reserva no «fim do mundo»: a maior população de renas selvagens encontra-se na reserva estatal de Taimyr, no extremo norte da Sibéria Oriental

efectuaram uma série de experiências em torno do único mamífero do Baikal — a foca. Robert Elsner, o cientista americano que chefiava a delegação, interessou-se pela capacidade deste animal em permanecer debaixo de água por uma hora ou mesmo mais, retendo a respiração. O facto tem interesse tendo em vista a criação de preparações biológicas para a prevenção de doenças de coração nos homens.

Uma expedição arqueológica conjunta soviético-americana ao território de Olkhon, principal ilha do Baikal, confirmou a hipótese segundo a qual teria sido precisamente daqui que os antigos índios, esquimós e aleutas teriam partido para se juntar aos seus irmãos do Alasca, que se converteu na sua segunda pátria.

O Baikal é também o único local conveniente na URSS para construir uma estação para detectar e registar a grande profundidade as partículas elementares de grande energia procedentes do espaço — os muões e ou neutrinos. A capacidade destas partículas em atravessar os corpos cósmicos, entre os quais o nosso planeta, ajudará a conhecer a estrutura do espaço e os processos que se operam no Universo.

Por tudo isto, desde há decénios que o Baikal se encontra sob observação permanente dos cientistas. Porém, continua a colocar novos enigmas, sendo raro o ano em que não se faça alguma descoberta sensacional.

Sabe-se por exemplo que os lagos duram, no máximo, algumas dezenas de milhares de anos. Ora, a idade do Baikal ultrapassa essa média algumas centenas de milhares de vezes. Obtiveram-se dados relativos às rochas sedimentares acumuladas desde o princípio da existência do lago, e elas constituem uma camada de cerca de 2 Km de espessura, ou seja, mais do que a própria profundidade do lago. Mas o Baikal não alterou a sua profundidade. Então cabe supor que o seu fundo está a baixar.

Este fenómeno é característico do fundo do oceânico. Todos os oceanos tiveram a sua origem em gigantescas fendas da crosta terrestre. Algumas dessas zonas permanecem invariáveis, outras desenvolvem-se, outras ainda estão em formação. A zona da fenda do Baikal, em cujo centro se situa o lago, é uma das mais importantes do planeta.

Os processos tectónicos são aqui muito activos. Em torno do Baikal registam-se anualmente perto de mil tremores de terra de diversa intensidade. Há dados sobre o alargamento das margens do lago em dois centímetros todos os anos. Multiplicando esses dois centímetros por centenas de milhões de anos (tempo de formação dos oceanos), obtêm-se milhares de quilómetros como resultado. Tudo isto levou os cientistas a formular a interessante hipótese de que o Baikal é, afinal, um oceano em formação.

O fundo do mar depósito de resíduos de alta radioactividade

UM plano para depositar resíduos nucleares de alta radioactividade no fundo dos oceanos vai ser analisado esta semana em Vigo (Galiza).

O oceanógrafo norte-americano Kenneth Hinga, professor da Unidaversidade de Rhod Island (EUA), explicará o «subseabed disposal program», no seu carácter de coordenador técnico do grupo de trabalho sobre o 'seabed', nos Laboratórios «Sandia», de Espanha.

O «subseabed» é um programa de invesigação internacional, que se realiza no âmbito da Organização de Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) e da Agência Internacional de Energia Nuclear, desde 1980. O seu objectivo é analisar a possibilidade de utilizar os fundos marinhos como depósito ou armazém de resíduos altamente radioactivos.

As normas internacionais nesta matéria regulam-se pelo Acordo de Londres, de 1972, que estabelece as regras ao abrigo das quais é possível despejar resíduos radioactivos e baixa e média radioactividade, proibindo porém expressamente os despejos de resíduos de alta radioactividade.

Os promotores deste programa entendem que o convénio de Londres proíbe os «despejos» de resíduos altamente radioactivos no mar, carecendo no entanto de indicações acerca do «depósito» ou «enterramento» desses resíduos directamente no fundo do mar, por «despejo» entendem o acto de lançar resíduos a partir dum barco ou dum avião.

O programa estuda a possibilidade de utilizar o subsolo marinho para armazenar resíduos, injectando-os, enterrado-os ou de qualquer maneira que venha a ser determinada.

Enquanto os resíduos nucelares de média e baixa radioactividade que foram lançados em bidões na zona de despejos do Atlântico norte, a 700kms das costas da Galiza, têem uma vida estimada entre 20 e 25 anos, os resíduos altamente radiactivos poderão continuar a ser radioactivos durante dez mil anos.

Perante esta situação e dado o estado avançado do programa «subseabed», os países mais preocupados com o assunto, entre os quais a Espanha, estão a tentar fazer com que se faça mais expressa a proibição do acordo de Londres, por forma a que a proibição se mantenha, inclusivamente para depositar ou enterrar os resíduos altamente radioactivos no fundo do mar.

O governo espanhol obteve a aprovação por maioria simples na conferência anual do acordo de Londres, em Fevereoro deste ano, duma resolução apelando ao fim dos despejos de baixa e média radioactividade que a Grã-Bretanha, a Bélgica, a Holanda e a Suíça que tinham previsto realizar no Atlântico Norte.

A resolução não tem carécter obrigatório para os países que votaram contra (os quatro que tinham previsto acções de despejos), por lhe haver faltado dois votos para atingir os dois terços. No entanto pouco depois a Holanda anunciou a suspensão definitiva dos seus despejos no mar.

A Grã-Bretanha, que pensava levar a cabo os seus a 11 de Julho último e a Bélgica e a Suíça que tinham os seus programados para 11 de Setembro tiveram de protelar os seus planos dada a impossibilidade de utilizar o barco especialmente preparado para o efeito, o «Atlatic Fischer», devido ao boicote declarado pelos sindicatos britânicos.

Nessa mesma reunião e com base numa proposta da Espanha e da República Federal da Alemanha, o acordo de Londres convocou uma reunião internacional para estudar a «clarificação eventual das circunstâncias nas quais o depósito no leito marinho de resíduos altamente radioactivos e outros igualmente perigosos poderiam ser contrários às providências» dessa convenção.

Essa reunião de peritos deverá informar a próxima reunião consultiva do acordo de Londres, depositário das conclusões e recomendações.

Ópera

BAYREUTH NO CENTENÁRIO DA MORTE DE WAGNER — 1

O momento mais consequente da reforma wagneriana

NÃO há na vida e obra de Wagner momento ao mesmo tempo tão consequente e tão contraditório como o da construção do Teatro dos Festivais de Bayreuth.

Wagner colocava-se **de fora** e **contra** «a praxis» operística tradicional. Não aceitava as regras do jogo de uma sociedade onde os teatros de ópera eram apenas elementos da rotina mundana: onde o ser visto era mais importante do que ver (e ouvir), onde por isso mesmo era sinal de fidalguia chegar só depois do primeiro acto, onde o «espectáculo da sala», que permanecia iluminada durante a representação — precisamente para que as pessoas pudessem continuar a ver-se, a observar-se, a coscovilhar-se — prevalecia sobre os atractivos da cena. O modelo de teatro italiano herdado do século XVIII e difundido por toda a Europa — com o palco num dos focos da elipse, o camarote real no outro e as ordens de camarotes envolventes — favorecia essa função essencialmente de representação social.

Se a instituição-ópera servia de pretexto ao exibicionismo mundano, o teatro, nas óperas que se cantavam, servia de pretexto à música e esta de pretexto aos cantores para, por sua vez, exibirem tanto os dotes vocais como até também o luxo das «toilettes»: a Patti, pela forma como se vestia e pelo valor das jóias que ostentava, desafiava no palco qualquer rainha sentada no foco oposto da elipse. O importante não era, pois, a representação, as personagens, a acção, o drama, o complexo dramático — musical com todas as suas implicações. E se isso era falado ou discutido, transposto mesmo, por vezes, para polémicas na Imprensa, era o quase sempre futilmente, em disputas que se esgotavam nas simpatias de grupo por tal ou tal cantor, em juízos de gosto a respeito de tal ou tal «vista» (cenário), em apreciações subjacentes acerca da «beleza» desta ou daquela ária.

A estrutura e o próprio conteúdo poético-literário dos libretos, por um lado, a tendência para fazer culminar em «passagens de bravura» vocal as energias músico-teatrais, por outro, tornavam o repertório italiano e a «Grand Ópera» então ainda na moda, particularmente expostos a esse tipo de recepção superficial da ópera como divertimento favorito da alta sociedade aristocrático-burguesa.

Do iluminismo ao drama musical

Contudo, já no século XVIII, na Alemanha, se desenvolvera tanto no plano teórico, nas obras dos principais representantes da **Aufklarung** (iluminismo), como na «praxis» teatral (por exemplo, com a música de cena «adequada à acção», que Johann Adolph Scheibe introduz na década de 30, e o **Singspiel** — isto é, «representação cantada» — que Mozart leva às últimas consequências em 1791), um movimento no sentido de considerar a ópera sob a perspectiva do teatro, de a considerar, enquanto **teatro musical,** a mais completa forma de teatro, ou seja, a mais poderosa e eficaz para levar à prática a missão que, nesse

Mário Vieira de Carvalho

quadro ideológico-cultural, era atribuída ao teatro: educar, **iluminar,** formar culturalmente um povo.

Ora, é esta tradição iluminista que Wagner retoma ao conceber e realizar o seu drama musical, que visa a transformação do género da ópera num organismo teatral coerente, onde texto e música se completam e se defrontam numa relação dialéctica (**Wort-Ton-Drama:** drama de palavra e som). Para tanto, não bastava, porém, escrever as partituras. Era preciso transformar radicalmente a estrutura de comunicação músico-teatral. Fracassada em 1849 a via da revolução social, da qual Wagner foi em Dresden um dos «cabecilhas», procurou ele concretizar ao menos num «exemplo prático» o modelo que competiria à revolução universalizar. Conseguiu-o com a ajuda de um príncipe que, na sua loucura romântica, estava de toda a evidência em conflito com a oligarquia endinheirada: Luís II da Baviera. Assim nasce Bayreuth em 1876.

Natureza e sociedade

Porquê um teatro numa colina, arredado do centro de uma pequena cidade, em contacto imediato com a Natureza? Precisamente porque a natureza é um elemento central do pensamento de Wagner (ou não descendesse ele do iluminismo). A Natureza situa-se para Wagner no pólo oposto àquilo que ele chama **Lebensgenuss** da sociedade do seu tempo (Lebensgenuss: «prazeres da vida»), simbolizado no **Venusberg** do «Tannhäuser» (1845), impiedosamente caricaturado no **jardim encantado** de Klingsor (1882).

Do conceito de **Lebensgenuss** fazem parte os elementos da vida fútil levada pela «alta roda» nas capitais europeias, com as suas noites de ópera, os seus salões, as suas «cocottes», enfim, a sua fauna característica que Offenbach implacavelmente ridicularizou nas suas operetas e Eça de Queiroz nos seus romances. **Legensgenuss,** no sentido pejorativo que lhe atribui Wagner, é o amor transformado em mercadoria ou «trabalho alienado», é a mulher-objecto oprimida e «possuída», é a propriedade como «roubo» e ostentação, é a desumanização gerada pelo ouro por detrás de uma aparência de prosperidade, é o «gozo» ou a «felicidade» ilusórios proporcionados por uma total inversão de valores: o reino do ouro que torna impossível o amor.

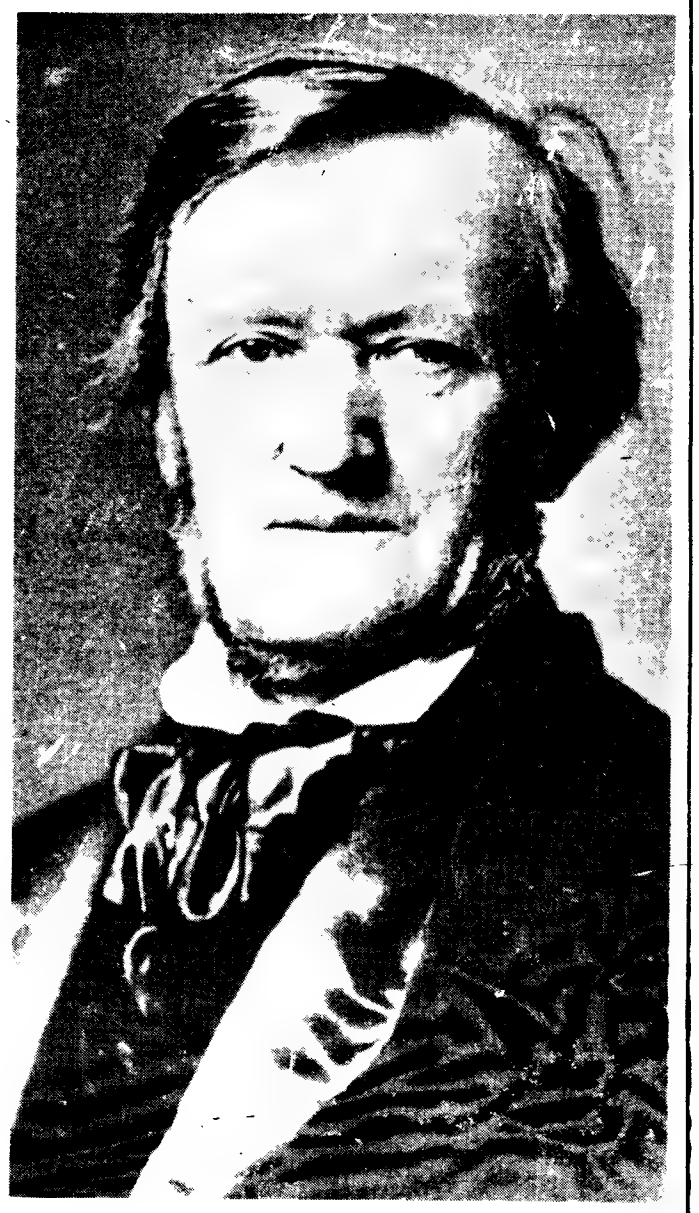
Bayreuth representava, assim, o repúdio das formas que o teatro assumia como componente desse modo de vida e a aspiração de, através da arte, lhe opor o caminho da reconciliação com a Natureza. Se a localização do teatro de Bayreuth já desvenda grande parte do seu significado, a concepção arquitectónica esclarece-o em definitivo: sala em anfiteatro (segmento de círculo), com mais de 1300 lugares em filas corridas de cadeiras de madeira; supressão de camarotes laterais; orientação exclusiva de todos os lugares para o palco (é o palco e não a sala, ou quem lá está, que se impõe à contemplação dos espectadores); **ocultação total** da orquestra e do chefe de orquestra, tornados assim absolutamente invisíveis para qualquer espectador.

Teatro que se queria cinema

Todos estes traços característicos e, em especial, o último, estão ligados a um princípio fundamental do drama wagneriano, a saber: o de fazer concentrar no **Können** dos actores-cantores (na capacidade de realização vocal-cénica dos papéis que lhes estão destinados) toda a atenção dos espectadores. Por isso mesmo, e pela preocupação de tirar o máximo partido dos recursos técnicos aplicados à ilusão cénica, é que se adoptou em Bayreuth, ao contrário da prática então corrente nos teatros, o princípio de suprimir totalmente a iluminação da sala durante a representação.

Mas para Wagner não bastava ocultar a orquestra. O ideal seria tornar invisível também o próprio palco, o que deve ser entendido como premonitório do «écran» cinematográfico. Wagner queria pessoas numa sala às escuras, absorvidas por um complexo audiovisual que lhes desse a perfeita ilusão de personagens e acontecimentos realmente vividos, ou seja, no fundo, queria que os seus dramas musicais actuassem no espectador e fossem por este recebidos segundo o modelo de comunicação hoje banalizado pelo cinema.

A clara percepção das «palavras» proferidas por cada uma das personagens em cena era imprescindível.



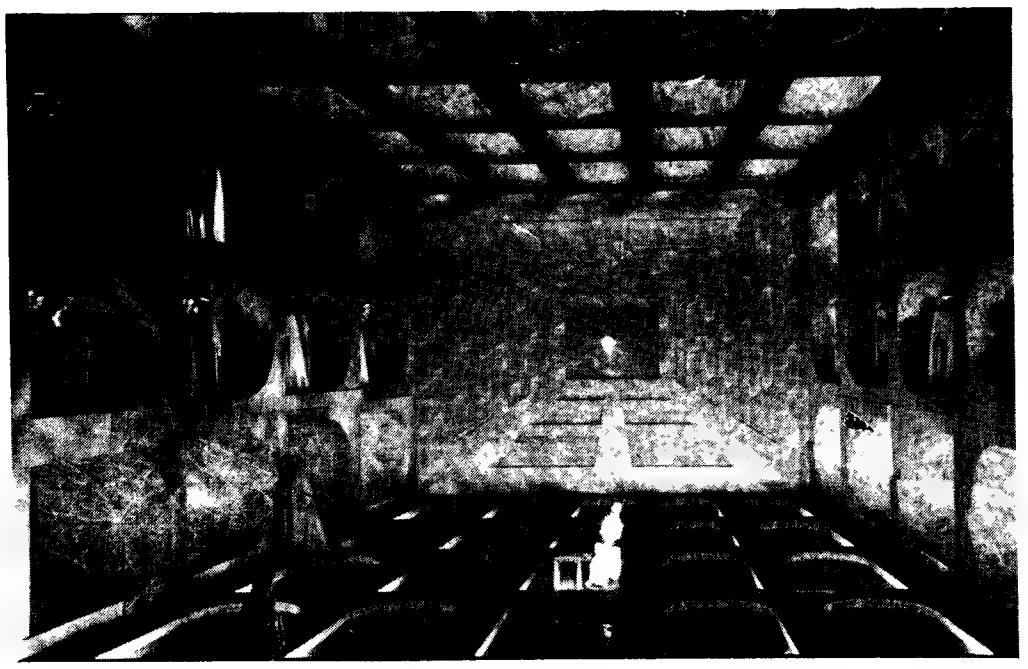
Richard Wagner

No **Wort-Ton-Drama** o **texto** (poético) era, pelo menos, tão importante como o **contratexto (da orquestra). Uma das funções do fosso de orquestra de Bayreuth, concebido em sucessivas plataformas, descendo cada vez mais fundo por debaixo do palco, consiste em assegurar o equilíbrio sonoro entre ambas essas componentes. Os instrumentos da orquestra encontram-se aí ordenados segundo a graduação da sua potência sonora: com os violinos na plataforma superior, os trombones e tubas, por exemplo, na plataforma mais profunda. Daí uma acústica privilegiada, onde os tutti** da orquestra são sempre transparentes e os **fortissimi** — sem deixar de ser **fortissimi** — jamais abafam a voz dos actores: condição indispensável para que o drama musical não se degrade em mero teatro de emoções, em «música absoluta».

Em Portugal: comemoração contra Wagner

Tudo isto — vem a propósito observá-lo — é ainda novo e revolucionário para nós, portugueses. Ao contrário das duas Alemanhas, da França ou da Itália, dos países escandinavos e da Europa de Leste, o público português desconhece o drama musical, desconhece a ópera como **teatro.** Continua a receber a ópera como «música de ópera». Lamentável sinal desse atraso alegremente assumido foi a naturalidade de que se revestiu a recente estreia em Lisboa do filme «Parsifal» de Syberberg, **sem legendas.** Achou-se que, tratando-se de uma «ópera», isso das legendas era um pormenor de somenos. Quer dizer: no centenário da morte de Wagner não se comemorou em Portugal a reforma pela qual ele sempre lutou, reforma que hoje triunfa em toda a linha para todo o reportório, nos países onde existe cultura músico-teatral. Em Portugal comemorou-se, sim, com foros de grande acontecimento cultural, a «praxis» reaccionária que Wagner já combatia há mais de cem anos.

A SEGUIR:
«O MOMENTO MAIS CONTRADITÓRIO DA REFORMA WAGNERIANA»



«Parsifal»: o templo do Graal (1.º acto). No primeiro plano, Parsifal (Peter Hofmann), à esquerda Gurnemanz (Hans Sotin), ao centro Amfortas (Simon Estes), ao fundo Titurel (Matti Salminen), sob as arcadas os Cavaleiros do Graal

O Islão e os caminhos da liberdad

Ernesto Sampaio

No Islão, a inteligência é a essência do homem. Só por ela é possível a revelação de Deus, o qual, embora exista em si mesmo como absoluto, é um absoluto criado activamente pela ideia humana. Em absoluta liberdade, o homem pode aceitar ou rejeitar essa ideia que a sua inteligência lhe impõe, mas se a aceita, se consegue abolir a incerteza, obriga-se ao cumprimento de uma lei implacável que é, por assim dizer, a agente e a agida da sua vontade. Esta vontade tem um valor inapreciável porque é por ela que o homem prova a si mesmo estar à altura da graça que a sua inteligência lhe concedeu. No Islão só a inteligência e a vontade fazem o homem. Para um muçulmano, só a sua inteligência possui força e poder sacramental. Por outras palavras: um muçulmano salva-se mercê da sua capacidade de compreensão do absoluto. Elevar-se até à compreensão de Deus equivale a descobrir o caminho da sua liberdade; escolhê-lo, é obrigar-se a fazer com que a sua vontade conquiste concretamente essa liberdade. O deus muçulmano não cria, manifesta-se (*«Aquele que deseje ver a Glória de Deus, que veja uma rosa vermelha»*), *a* a sua suprema manifestação, aos olhos do homem, é a palavra, a palavara feita de inteligência e de vontade: conteúdo e acto, imaterial e sensível, onde o sopro do homem se une com Deus e a graça de Deus ilumina o coração do homem. Pela palavra, o muçulmano assume e dirige a oração inarticulada de todos os seres, impulsiona-se até um um espaço e um tempo de certeza e de equilíbrio. Esta fé na capacidade mágica da palavra não era possível se o Islão não concebesse uma imagem antropomórfica de Deus e teomórfica do homem. O Corão é bastante explícito a este respeito, ao dizer de Adão: *«Quando o tiver formado segundo a perfeição e lhe tiver insuflado uma parte do Meu Espírito, cai diante dele posternados»*.

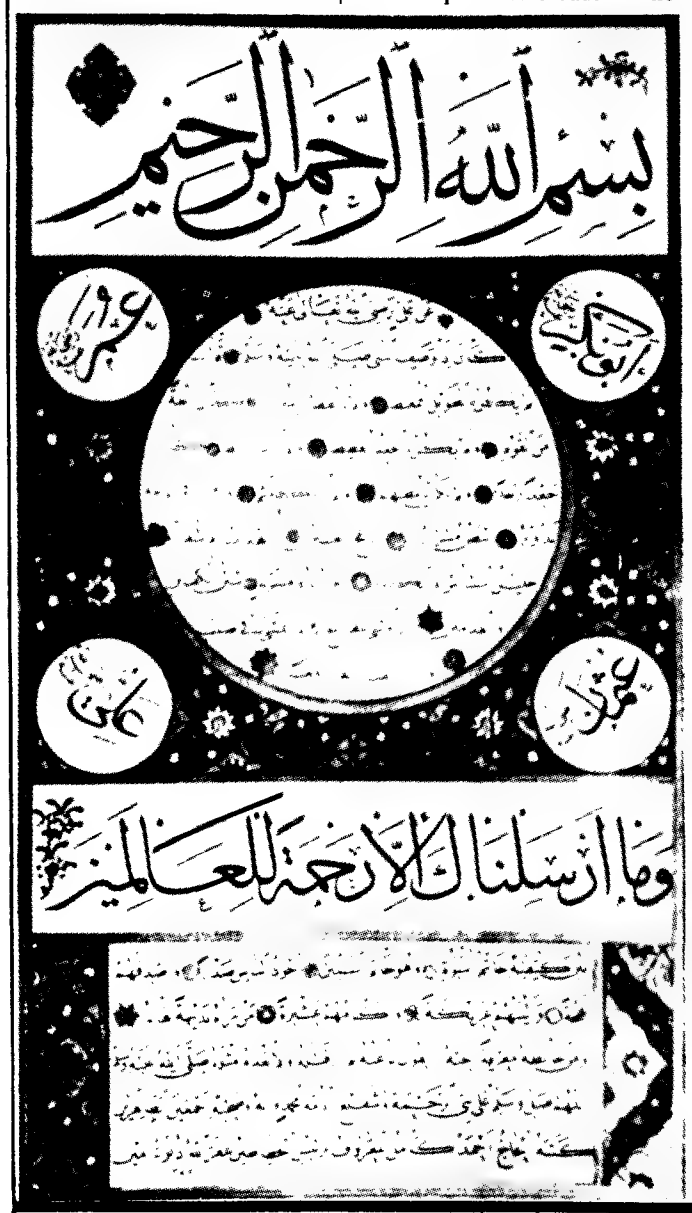
Dentro do monoteísmo semítico, o que diferencia o Islão é, sobretudo, o fazer do conhecimento da unidade e do absoluto a única perspectiva capaz de revelar ao homem a sua natureza transcendente, operando a identiicação da inteligência com o seu conteúdo divino e verificando que a divindade — no plano esotérico — não é essencialmente outra coisa senão um apelo que incita o homem a transformar-se no sentido duma liberdade total.

Foi justamente este aspecto do Islão que nos levou, embora não sejamos adeptos de nenhuma religião, a escrever estas linhas. Isto e o verificarmos que sob o aparente rigor intolerante da lei e do dogma muçulmanos se oculta uma belíssima concepção da *possibilidade* e do amor humanos. *«Um instante de amor vale mais do que setenta anos de adoração sem amor»*, diz-nos uma sentença árabe. Outra afirma que *«o exterior da Lei é impiedade disfarçada, e* o real *da impiedade é sabedoria divina»*. Poderíamos continuar a ilustrar a nossa opinião sobre o sentido *aberto* da religião muçulmana com mais citações extraídas dos textos árabes, mas preferimos passar a um outro aspecto do Islão que, para nós (e confessamo-lo: dentro do quadro estrito das nossas preferências e preocupações próprias), se reveste duma importância muito especial.

O esoterismo islâmico opõe a ideia de «individualidade» à de «personalidade» (esta distinção nada tem a ver com o «personalismo» de Mounier). Personalidade, para um iniciado muçulmano, é um princípio transcendente e contínuo que se manifesta em múltiplos estados do ser. O ser humano, aos seus olhos, não passa duma forma transitória e contingente entre as muitas que manifestam a personalidade. Esta ideia duma *força* pode falar-nos deste contraste personalidade - individualidade de que nos estamos ocupando agora: *«À personalidade, quando se exerce sobre o composto, sobre o agregado individual humano, dá-se o nome de personalidade humana; mas tal estado não passa duma medida temporária do seu valor. A personalidade aplica-se hoje ao composto humano, ontem aplicava-se ao composto que o precedeu, amanhã aplicar-se-á ao composto seguinte; é sempre igual a si própria porque a natureza e as determinantes duma força são independentes do seu ponto de aplicação. Temos assim que o indivíduo é proteico e contingente, mas a personalidadeé imortal, contém a indefinida sucessão dos indivíduos»*.

A cada indivíduo abre-se uma possibilidade infinita de estados do ser,mas para isso é preciso que a individualidade se disponha a aniquilar os seus próprios limites, começando por repudiar uma imagem ondulante e arbitrária do homem com toda a sua gama de tiques, de experiências, de vontades de poder, para assim se aproximar duma imagem rectilínea: o único estado em que o homem pode desenvolver a sua preciosa faculdade de servir o abosluto, libertando o que em si clama por libertação, o que em si sofre soterrado debaixo das falsas naturezas que lhe impuseram um mundo interessadíssimo na sua imobiliade e uma história deleitada no seu terror.

Para além das particularidades de qualquer religião, interessa-nos uma gnose, o conhecimento duma verdade que seja medicina e realização. Esta verdade,que transforma quem a conhece, é muito possível que se encontre no topo do esoterismo tradicional, verdadeiramente uno e universal. Não cabe aqui uma especulação mais vasta sobre assunto tão magno. Contudo, desejo ainda fazer notar que a gnose acima referida é concebida, no Islão, princi-



superior ao estado humano e à individualidade — superior como a eternidade é superior ao tempo — já vem de muito longe, do taoísmo e da religião hindu. Os árabes recolheram-na das antigas tradições orientais, bem assim como a muitos outros motivos centrais da metafísica oriental. É mesmo por isto, pr causa desta tendência gnósticos que o Islão revela ao aproveitar uma infinidade de símbolos e de ideias de outras religiões, constituindo-se, assim, o mais fiel depositário, no Ocidente, das grandes cosmogonias antigas, que muitos iniciados na «ciência perene» se têm convertido ao islamismo. René Guénon, um destes conversos e uma das vozes mais autorizadas em matéria esotérica e tradicional, melhor do que ninguém

Lembranças da ilha a

Três «terroristas» do Congresso Nacional Africano acusados de ter morto polícias foram enforcados no dia 9 de Junho, em Pretória. Grande número dos seus camaradas de combate estão a sofrer pesadas penas em Robben-Island. Eis um testemunho que recolhemos em Moçambique, sobre a vida na ilha-prisão.

Jean-Pierre Langellier

«Vais rebentar aqui, Coolie!» Com este grito de ódio dos carcereiros, o «Coolie» Indres Naidoo, de vinte e seis anos, trava conhecimento, num dia de Outubro de 1963, com Robben-Island, a ilha penitenciária do país do «apartheid». É, desde sempre, um local maldito. A terra estéril contém os ossos dos príncipes negros escravizados pelo colono holandês, dos escravos revoltados e dos leprosos proscritos. Uma fortaleza cinzenta e lúgubre, ao largo da cidade do Cabo, tórrida no Verão, batida de Inverno por um oceano gelado.

Indres pertence a uma das famílias de origem indiana mais intrépidas da África do Sul. No início do século, seu avô militava ao lado de Gandhi. O Mahatma tratou como filhos adoptivos, seu pai e os seus três tios. Todos eles conheceram a prisão, o exílio ou ambas as coisas. Três gerações de lutadores contra o racismo e pela igualdade dos direitos. Indres e sua irmã Shanti, que este pedigree político predestina ao ardor militante, descobrem, muito jovens, a injustiça e a acção. Aos dez anos Indres vende jornais às escondidas.

Prisioneiro número 885/63, Indres recusa-se a perder a alma ao mesmo tempo que a liberdade, e dá um combate sem tréguas juntamente com os seus amigos da ANC. Lutam por uma alimentação nenos abjecta, por um trabalho menos deprimente, por roupa menos suja. Mas também pelo direito de cantar e de ser informado, pela inteligência e pela dig-

de

palmente como um apelo no sentido duma iluminação interior cujo objectivo é a realização em cada um de nós do homem universal. Para isso, é preciso subirmos até às origens da vida e identificarmo-nos com elas, entrando nos domínios duma sabedoria «não-humana» que exige a ultrapassagem de todos os estados limitados até ao centro do labirinto cósmico. Compreender o Islão, para além da sua exterioridade, é entender isto e compreender também que o cosmos é uma manifestação da Realidade e que não há outra realidde senão essa Realidade. A verdade metafísica dos muçulmanos é a de que *«em todas as coisas apenas subsiste a Face de Deus»*. Traduzindo para uma linguagem mais conforme aos nossos hábitos mentais, isto quer dizer que cada ser é um abosluto relativo, um reflexo da Perfeição. Dentro desta perspectiva, abre-se para o ser humano uma Via ilimitada que é a estrada real da sua possibilidade infinita. Isto nos basta para considerar o Islão um testemunho dum valor inapreciável.

Maurice Godelier

antropólogo

«É preciso transformar o papel do pai, remodelando a relação homem-mulher».

Guitta Pessis-Pasternak

A **imagem do pai** - pater familias - **ou Deus pai — símbolo de autoridade, provoca muitas vezes uma certa revolta. O que pensa dessa relação complexa, tantas vezes ambígua?**

Muitas pessoas da minha geração viveram o pai como o símbolo da autoridade. Levei muitos anos a compreender que toda uma parte de mim próprio se construíra e estruturara não á volta das minhas relações afectivas com a minha mãe, mas sim à volta de uma falta, de uma ausência de relações positivas com o meu pai.

Pertenço a uma cultura da França do Norte onde, como noutras regiões da Europa, era dantes proibido aos homens e considerado inconveniente manifestar ternura publicamente. Era sinal de menos virilidade, uma quebra do homem, uma paragem e até uma queda no Universo das mulheres. Todo e qualquer apelo íntimo para o pai ou do pai para os filhos era bloqueado, evitado pela força das normas que definiam a maneira conveniente de se conduzir. Sua maneira correcta de ser pai, que permanentemente mutilava uma parte do seu ser, mutilava igualmente a criança, cujos apelos ficavam sem resposta. Este silêncio, que estruturava em profundidade a afectividade de cada um, repetia-se de geração em geração. A morte do meu pai provocou em mim uma espécie de desespero, porque me dei conta de que, daí em diante, o desejo de comunicar intimamente nunca teria possibilidades de ser satisfeito.

— Essa comunicação, que não pôde realizar-se no plano afectivo, pôde sê-lo intelectualmente?

— Sim, dado que na minha cultura local a distância original entre o pai e os filhos tendia, com os anos, a transformar-se numa relação de homem mais velho e homem mais novo. A relação de paternidade que não pôde abrir-se à intimidade dava lugar, quando o filho se casava e ele mesmo tinha filhos, a uma espécie de fraternidade mais fácil de assumir. Mas nem por isso existia um lugar para deixar exprimir o desejo de amor recíproco.

— Não haveria outras relações «falhadas» que teriam podido explicar essa carência de estruturação afectiva?

— Claro que sim. O do filho ou da filha única, por exemplo, que comporta sempre em si a falta, a ausência da fraternidade familiar ambiente. O filho único está exposto — sózinho — em face dos pais; não tem possibilidade de fazer aliança, no seio da família nuclear, com outras crianças.

— Não tendo as relações com o seu pai sido propícias a uma real comunicação afectiva, pôde, em todo o caso, mantê-las com a sua mãe!

— Sim e não. Sim, porque a mãe se ocupa permanentemente dos filhos, «criava-os» e essa era a base de uma comuicação afectiva profunda, de uma intimidade recíproca real. Ela protegia-os contra o pai. Mas nessa relação com a mãe estava sempre permanente a presença do pai. De resto, apesar dos comportamentos formalizados entre pai e filhos, havia numerosas maneiras de manifestar um apelo íntimo através de um gesto furtivo, de um sorriso. Mas, quanto ao essencial, não havia via directa nem contacto imediato que tocasse efectivamente, que aumentasse. Tratava-se sempre de reduzir a intimidade, de a dominar.

Essa educação engendrava uma atitude ambígua, ambivalente, perante a afecção, a um tempo. de desejo e de recusa de alguém. A espectativa, o apelo do outro e o medo do outro, da sua presença, das suas exigências afectivas. Compreendi assim certas «ratoeiras», certas contradições que se encontram na vida de todos, obrigando a recusar o que o indíviduo mais deseja e o que se lhe oferece.

— Qual era a imagem ideal que esse pai queria, ou antes, se sentia obrigado a projectar?

— Para dizer as coisas muito simplesmente, o pai devia, em todas as circunstâncias, «ter razão», e isso impedia naturalmente o diálogo, levava-o a contorsões de que não saía engrandecido e que provocava um sentimento de injustiça e de mal-estar.

— Qual seria a sua concepção de um pai «ideal»?

— O problema não está em inventar um mundo «ideal», fora do alcance, irrealizável. Aquilo de que estou persuadido, porque vemos disso sinais percursores, é que, para transformar o papel do pai é preciso remodelar todas as relações entre os homens e as mulheres. É preciso repartir os papéis e as responsabilidades e impedir que se constitua incessantemente a oposição entre tarefas e valores femininos e tarefas e valores masculinos. Não só no Mundo da produção ou no do poder, mas na vida quotidiana, que contém e reproduz sem cessar relações de domínio e de dependência entre os sexos, e, claro está, entre as gerações.

— Acredita que se possa, na verdade, abolir ou ver desaparecer a relação dominador-dominado?

— Não se trata de abolir algo que logo renasceria sob outra forma. Trata-se, sim, de modificar profundamente uma divisão cultural e social entre os sexos e entre as gerações, que os mutila, que elimina uma multidão de possibilidades de expressão e de criação individual e colectiva.

Parece-me que desde a segunda guerra mundial alguns pedaços da antiga divisão sexual das tarefas e dos valores se apagaram das nossas mentalidades e dos nossos hábitos sociais. Há nas nossas sociedades um impulso na direcção de um reconhecimento da criatividade dos indivíduos, e de novos modos de apelo e de escuta do outro. Não se trata, de resto, simplesmente das relações homens-mulheres, mas também de relações entre homens e de relações entre mulheres, um campo que ultrapassa a família. Assiste-se diariamente a essas pressões sociais contrárias que, por um lado, encerram o indivíduo em si próprio, isolando-o cada vez mais da sociedade e por outro lhe entreabrem novas possibilidades de encontrar o outro dentro e fora das instituições que o modelam.

(Le monde)

acorrentada

nidade. Num livro de uma beleza inolvidável, **Island in chains** (Penguin Books, Londres) conta com sobriedade essa longa provação, em que as vitórias, minúsculas por vezes, sobre a desgraça e a barbárie, são fonte de uma alegria intensa.

O chicote e os cães

Dia após dia, a ilha ressoa com os seus ruídos familiares: o barulho das picaretas no caminho onde os forçados trabalham, o tilintar das correntes contra a rocha, o ruído do chicote, os berros dos guardas, os cães ferozes que ladram, e esses milhares de detestadas gaivotas que giram, gritando, sobre as suas cabeças e deixam cair os escrementos nas escudelas frias. Ouve-se por vezes o miar dos gatos selvagens, de olhos vermelho-sangue. Das celas sobem os cantos africanos, graves e tristes, saídos de cinquenta peitos. Cantos interditos mas sempre recomeçados.

Robben-Island é um mundo da dor. Nove prisioneiros em dez, por não haver sapatos da sua medida, andam sempre descalços. À noite, nas celas, nunca se apaga a electricidade. As sevícias são inúmeras e quotidianas. Cacetes e tubos com borracha estão sempre em acção. Para os guardas da ilha bater é simples rotina, mas a sua imaginação perversa não tem limites. Houve,

Continuação da pág. 6

Cinema

Spielberg e a arqueologia do amor perdido

O desdobramento da personalidade de Indiana, professor de arqueologia numa universidade americana, constitui o veículo psicológico para compreender a sua reacção ao amor, à mulher e ao sexo. Marion, a heroína de «Os assaltantes da arca perdida» de Steven Spielberg, aqui é filha de outro arqueólogo que fora mestre de Indiana e, com quem este, apesar de o admirar, teve litígios. Vive no Tibete, numa montanha perdida e cercada pela neve, onde tendo falecido o pai, ela assegura agora a gerência de um bar tipo «saloon» californiano. Apesar de fisicamente bastante feminina, ela acaba por masculinizar essa feminilidade e consolidar um temperamento fortemente explosivo e expansivo. Adquirindo hábitos de macho sedentário, tem agora por divertimento principal fazer competições alcoólicas com os clientes, ganhando neste caso por diferença de um copo uma aposta com um sebáceo humanóide, que cai perdido de bêbado diante de Indiana acabado de chegar. Este não a visitava desde há dez anos e pelo diálogo trocado nesta circunstância, presume-se que tenha havido uma forte ligação amorosa nessa altura.

No filme, o que anuncia a relação ao sexo, é a cena que imediatamente se segue à movimentada sequência de abertura. Nessa cena, Indiana — Indy para os íntimos — explica aos alunos na sua aula a descoberta de uma peça de arqueologia. Nesse instante, uma aluna situada na primeira fila pisca os olhos e mostra-nos por este acto, aparentemente inofensivo, um «I love you» escrito em cada uma das pálpebras. Por ser demasiado inesperada e rápida a curta acção, tanto o professor-herói como o próprio espectador só percebem definitivamente o significado desses sinais quando a aluna, mais lentamente, pisca de novo ambos os olhos. De resto, paradigmaticamente, é ao ritmo quase do piscar dos olhos do espectador que se sucedem os actos perigosos consequentes à profanação da caverna índia algures em 1936 na América Latina, tema e mote da sequência de abertura, em que Indiana já com a vitória na mão se vê subitamente desapossado da estatueta em ouro por parte de um arqueólogo francês, espécie de caricatura de Levy Strauss, que por falar a língua dos índios da região conseguira mobilizá-los e assim inverter a correlação de forças na competição científica. Será esse arqueólogo, Bellocq, que mais para diante e noutro cenário natural, o Egipto, aliado conjunturalmente aos nazis, se apossará de Marion, moeda de troca com ídolo de carne e, apaixonado por ela, a faz vestir de branco, anunciando assim os seus desígnios de casamento. Mas não antecipemos. Voltemos à sala de aulas da universidade americana. Logo a seguir ao final do curso de Indy, quando os alunos saiem, um deles aproxima-se da secretária e poisa uma maçã antes de se dirigir para a porta.

O director do departamento, presente, aproxima-se, apanha-a e enquanto começa a comê-la explica ao arqueólogo americano que dois agentes secretos o esperam para lhe comunicarem o teor de um telegrama interceptado aos nazis e que faz menção do nome do pai de Marion. Os nazis solicitavam a cooperação do velho cientista para a cedência de um medalhão metálico com inscrições indecifráveis e que ele descobrira anos atrás nos seus trabalhos de investigação. Esse medalhão conteria o segredo que depois de decifrado conduziria ao local em que no Egipto está enterrada a arca onde os hebreus encerraram a tábua de Moisés com os dez mandamentos. Quem estiver na posse dessa arca, obterá o poder absoluto, isto é, terá Deus do seu lado numa guerra mundial qué se avizinha. Desde aí, a temática metafísica envolvida em explicações científicas leva a supor que a ideologia amorosa do filme está recheada de moral protestante, certeiramente transgredida quando mais conveniente ao fluxo rítmico desta aventura filmada.

Manuel Carvalheiro

Indy parte num hidrovião da Pan-Am para o Tibete. Lá dentro, já se encontra um arqueólogo nazi, escondido atrás da leitura da «Life».

Será este estranho personagem, requintado, tarado, que logo após o primeiro encontro com Marion no bar da montanha asiática por parte de Indy, tentará torturá-la, aproximando-lhe da cara um ferro em brasa.

Mas o arqueólogo americano que entretanto saíra, após um desaguisado inicial com Marion como consequência da separação de uma década, volta de novo e trata de arrancar a engraçada rapariga das garras do malandro de alpaca. Marion é salva do bando do nazi, mas o bando de pestes humanas cerca Indy; a aventureira retribui a salvação evitando «in extremis» a morte do amante. O nazi arqueólogo não consegue levar o medalhão, mas tão só a marca produzida na sua mão por ter pegado nele não sabendo que estava em brasa.

Os espectadores respiram fundo e mexem-se um pouco na cadeira. A tez muito morena, com provavelmente sangue cigano, o seu físico de bailarina, fazem de Marion quase uma sósia de Debra Paget por breves momentos na doentia memória cinéfila, como para quem viu «O Tigre de Echnapur» e «O Túmulo Indú» de Fritz Lang, a quem Spielberg está certamente devedor como antecedente maravilhoso a moldar a fabricação de «Os assaltantes da arca perdida». No Egipto, para onde se dirigem de seguida, numa estrutura de acções encadeadas que muito deve à técnica de banda desenhada dos melhores livros de Tintin, Indy após um repouso sem história visualmente sentimental, vê a sua, de certo, futura noiva Marion raptada por uma alcateia de árabes que a entregam como uma odalisca em caldeirão de azeite ao arqueólogo francês, entretanto surgido em plena rivalidde de sátrapa cordial, agora como colaboracionista dos nazis, um pouco como qualquer personagem de fato branco e sapato negro tomando um daiquiri em cena de «cabaret» no «Casablanca» de Michael Curtz, outro mestre de aventura hollywoodiana que seguramente deliciou Spielberg nas antecâmaras do estúdio. Dentro de um palácio subterrâneo, Marion virá mais tarde a cair nos braços de Indy, empurrada através de um profundo buraco pelo arqueólogo nazi, contra a vontade do francês. Estão agora os dois unidos na adversidade, rodeados de cobras e serpentes de todos os feitios e sabores venenosos. Durante a queda, pelo buraco abaixo, Marion perde um sapato, como Cinderela. Um fluido símbolo sexual se impõe: como uma sílfide, uma serpente penetra pelo orifício que dá ar aos dedos no sapato extraviado. Indy, com o chicote, provoca o desmoronamento de uma parede do palácio e consegue sair com a namorada nos braços, cujos característicos gritos, ora de medo ora de prazer, lembram os da amada de Popeye nos filmes de animação. Mas antes uma pequena prova ainda para Marion, em busca do amor que a tanto obrigas: numa passagem cavernosa do palácio-túmulo, múmias de velhas, de imaginar como estará agora debaixo de terra a pobre da Margareth Mead, atravessam-se no caminho de pesadelo da moça.

Cá fora, segue-se agora uma cena antológica no aeroporto que os nazis improvisaram em pleno deserto, um deserto estranhamente sem camelos diga-se de passagem, com um leve toque de falsificação bem disfarçada. Cena essa lembrando, em certa medida, o incêndio e a explosão que se segue na bomba de gasolina de Bodega Bay em «Os Pássaros» de Hitchock.

Depois, numa fuga quase irrespirável, digna de uma tradição griffithiana de terceira geração cinematográfica, apenas com uma transparência mal feita no plano do despiste de um dos camiões nazis que com os seus homens também pelos ares se despenha por um abismo, fuga que conduz Indy e Marion ao navio do negreiro Katanga, um preto simpático sem nariz tchombésiano, mas que destapa o conservadorismo de Spielberg transplantado anti-historicamente. No camarote digno de um capitão Haddock em «Coke en Stock», nasce a primeira oportunidade no filme para uma cena de amor entre o par de heróis. Mas Indy está cheio de equimozes e profundamente cansado, sem força nem para pegar no cabo do chicote e matar um mosquito. Infeliz pela impotência conjuntural do seu herói, Marion tenta ainda estimulá-lo, mas Spielberg pela montagem dá um toque rapidamente puritano ao ambiente meloso, cortando para um plano em que nos mostra, qual alucinação de alcóolico em alto-mar, a arca resgatada, entretanto, no porão, dando-nos o ponto de vista dos ratos que por aí circulam. Novo corte e amanhece. Marion está deitada nua por debaixo dos lençois, como se depreende, coberta até aos ombros e ao lado de Indy que se levanta de tronco nu. Segue-se então o aprezamento do navio de carga clandestina por um submarino nazi e o nosso par amoroso é conduzido a uma ilha onde após várias peripécias, se encontram amarrados em suplício a dois postes numa gruta em que Belocq, o arqueólogo francês, paranoicamente promete fazer uma cerimónia histórica, abrindo a arca secular diante de todos. Indy pede então a Marion que feche os olhos no momento em que os ventos silfídicos, ciclonicamente divinos, saiem do interior da maldita e destroem, por electrocução e desintegraçõ corporal quase simultâneas, todos quantos de olhos abertos presenciavam ao acto, sedentos em absorver o poder metafísico, o mal a conta-gotas. De regresso aos Estados Unidos, os serviços secretos ordenam o arquivo da arca. Aborrecido, Indy desce umas escadarias washingtonianas, já sem o chicote e com a barba feita, em super-homem na versão democrática, à paisana. Marion consola-o, convidando-o finalmente a beber uns **drinks** na esquina mais próxima.

De notar toda uma ideologia sexualmente puritana, condimentada por símbolos como o plano da maçã, o do sapato de Marion penetrado pela serpente (do pecado), o do cansaço masculino antes do acto de posse no navio, o do acaso da queda da moça pelo buraco e nos braços do aventureiro científico, o do trauma constante das jovens mulheres americanas que para conseguirem disponibilidade afectiva para o coito têm necessidade de tomar bebidas alcoólicas, como forma sublimante de identificação entre a loucura e o acto sexual, na panóplia moralista dos filmes de aventura codificadamente americanizados, como este, sem dúvida, excelente «Os assaltantes da arca perdida». E que melhor retrato de Indy na primeira versão da sua personalidde, do que aquele angélico ar onde a sua timidez é manifesta e a sua ligação à mãe, que, embora não presente iconograficamente, está sempre omnipresente na estrutura amorosa deste filme, a que não resistimos contar a história de que é feito? Recordar também é viver, como se diz nas festas de aniversário dos clubes de bairro. Spiellberg, como não tem mais nada que fazer, faz colheres...

Lembranças da ilha adormecida

Continuação da pág. 5

por exemplo, um detido, enterrado até ao pescoço e que lhes recebeu a urina em pleno rosto.

Em Robben-Island chama-se ao guarda **baa** (senhor). Não há negros nem indianos nem mestiços mas **Cafres, coolies,** e **otnots** (1). Na linha de tiro onde se treinam, os guardas chamam aos seus alvos **cabeças de Cafres.** No coração da penitenciária triunfa o «**apartheid**» porque os pretos — é assim o regulamento — são menos alimentados do que os seus co-detidos.

Robben-Island e as suas alegrias? São raras e por isso mesmo preciosas: a água quente durante uma breve passagem pelo hspital, o cintilar das estrelas redescoberto numa noite de Verão, uma laranja memorável, único fruto saboreado em dez anos, o tabaco fumado às escondidas depois de mil estratagemas, a passagem de um avião, Concorde, por cima da ilha, acontecimento que foi discutido durante horas, e os arabescos dos golfinhos, ao largo, livres para todo o sempre. A alegria tão esperada tornou-se dor no dia em que, no ambiente barulhento do parlatório colectivo, Indres enraivecido, não conseguiu comunicar com a mãe, lavada em lágrimas, com o olhar fixo no crânio rapado do filho.

Um fio ténue

Em face de um sistema que, através de um isolamento sem mercê procura quebrar a sua resistência, os detidos políticos mantêm com salutar encarniçamento, o fio ténue que os liga ao mundo. Apanham no ar a menor notícia, devoram em poucos segundos qualquer artigo de jornal rasgado, memorizam, com método, dezenas de informações logo passadas aos companheiros de célula. Os jornais são a sua alimentação mais rica. Cada um deles lê à saciedade as **cartas** familiares de todos, proclamadas propriedade comum. Assim se conserva a alma em Robben Island.

No decorrer dos anos, os militantes da ANC impõem a sua força colectiva aos carcereiros. Graças a várias greves da fome vitoriosas, conseguem melhorar a sua sorte. Longe de serem pervertidos pelos presos de direito comum e de entrar nos seus **gangs,** eles começam a contaminar os seus co-detidos, que a pouco a pouco têm vindo a ser afastados da ilha. **Há uma única maneira de sobreviver,** escreve Indres. **Lembrarmo-nos todos os dias de que o nosso combate é justo.** Tal como Nelson Mandela, herói, e mártir dos Negros da África do Sul, cuja alta silhueta um pouco curvada surge ao longo do livro (2).

A sequência? Indres conta-a de viva voz em Maputo, Moçambique, onde é o número dois da ANC. A sua libertação num dia de 1973 é uma liberdade muito relativa. Porque logo é «banido» por cinco anos. Medida administrativa que pode ser renovada à vontade, o «banimento» é adoptado permanentemente com várias centenas de opositores sul-africanos, e transforma as suas vidas numa sequência de proibições e restrições.

O casamento do banido

Proibição de se fazer acompanhar por mais de uma pessoa que não seja da sua família, de abandonar o domicílio antes das 7 horas e de regressar depois das 19, de sair da cidade, de ir aos arrabaldes africanos. Proibição de discutir política, de aderir a qualquer organização ou simples associação cultural, de se encontrar com jornalistas, de ser citado na Imprensa. Proibição de entrar em qualquer edifício onde funcione uma fábrica, uma tipografia, uma escola, etc. (praticamente, o «banido» não tem acesso a numerosos imóveis de Joanesburgo). Obrigação de se apresentar à Polícia semanalmente, e de ficar em casa desde sábado ao meio dia até à segunda-feira pela manhã.

Essa liberdade em contagotas impede todo e qualquer trabalho fora de casa. Mas Indres tirou disso o máximo proveito. É uma questão de princípio e um ponto de honra. O cinema. Vai às «matineés». O teatro? Assiste aos ensaios. Os jornalistas? Como quem não quer a coisa fala com eles enquanto caminha, na rua. Antes de ter saído da prisão a mãe obteve para ele a autorização de ir ao templo hindu todos os domingos pela manhã. Uma escapadela de duas horas até ao outro lado da cidade. Que prazer conduzir, e, depois de uma oração rápida jogar futebol, só com o sobrinho, não podia ser de outro modo por causa do «banimento».

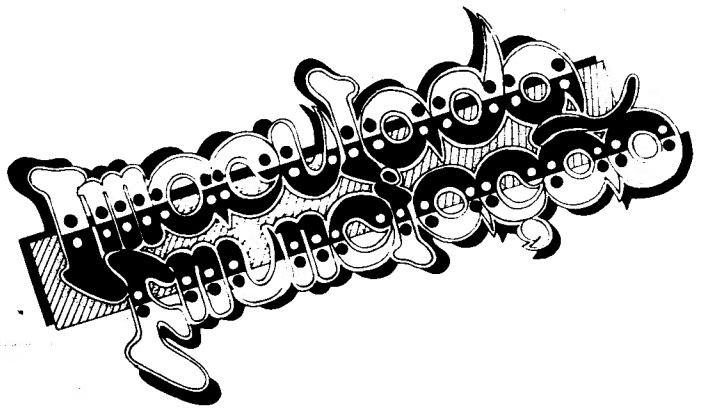
Indres vive na pequena casa familiar. Na porta do quarto escreveu: **É proibido entrar. Perigo!** «O aviso é de tomar em conta porque a **Special Branch** vigia. Um carro da **Polícia** está dia e noite ao fundo da **rua**. É espiado com binóculos — descobri-lo-ia tarde demais — de **um** edifício próximo. Às vezes os **polícias** surgem de improviso, chegam a contar os copos que estão **sobre** a mesa. O seu correio é interceptado. Quando os amigos da mãe vêm jantar, ele refugia-se no quarto.

Apesar dessa vigilância atenta, Indres continua um militante. Comunica com os camaradas na rua, nos jardins públicos ou nos supermercados. Depois da prisão de um dirigente socialista, Joe Gqabi — que será assassinado em 1981 em Harare — Indes recebe a ordem de abandonar imediatamente a África do Sul.

(1) Abreviação pejorativa de «Hotentotes», povo hoje desaparecido mas cujo sangue ainda corre nas veias dos mulatos do Cabo.

(2) Detido em prisão perpétua em 1964, Nelson Mandela, de sessenta e cinco anos, foi transferido em 1982 de Robben-Island para a prisão de Pollsmoor, junto da cidade do Cabo. Segundo a sua mulher, Winnie, nelson e mais cinco dirigentes da ANC foram praticamente «enterrados» numa cela húmida e abarrotada e há um ano que não têm autorização para sair.

(«Le Monde»)



Luís Andrade de Sá

PARA quê visitar a XVII se não se conhece a estrutura administrativa do País?

Repartição de Finanças do 9.º Bairro Fiscal de Lisboa. Pç. do Príncipe Real, 1.º andar. Aberta ao público das 9 às 12 horas e das 14 às 16.

O andar dos passos quando despreza o habitual passeio tipo postal ilustrado, afastando-se dos bairros giros, das ruas típicas e trocando as aguarelas de Botelho pelas avenidas incaracterísticas de betão nessa troca do «cliché» do bonitinho pela incerteza do monótono, de vez em quando é surpreendido por situações e lugares que não figuram em nenhum roteiro turístico mas que vêm assinalados em qualquer mapa da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, cujo guia informativo de autocarros e eléctricos é um dos dicionários de bolso indispensáveis à utilização da cidade.

No entanto, esse passo trocado da marcha que leva cada vez mais gente a embarcar no ecologismo de Alfama, do rio, da Lapa, do Castelo, não corresponde ao assumir de uma resposta, de uma posição face à pergunta: o que merece ser visto, a Rua de S. João da Praça ou os armazéns da Papelaria Fernandes?

Esta interrogação não é inocente e dela decorrem as diversas formas de utilização da capital, o mesmo é dizer, as várias modas pelas quais se pauta o consumo da capital. São utilizações diversas e concorrentes e a maior sublimação de uma impede o contacto com as outras, da mesma forma que quem institui hábitos de se passear em S. Vicente não frequenta a urbanização de Telheiras assim como o hábito adquirido de estar em bares profusamente decorados com quadros impede que se atribua o verdadeiro significado à austeridade das paredes nuas do «Frágil».

Quem produz a diferença são os lugares, mais do que os utentes eles têm em si a génese da desavença. Com efeito, se, aparentemente, se atinge a mesma meta ouvindo Edith Piaf e Joy Division, a morte que lhes está subjacente só se concretiza em «su sitio».

Dito isto, uma repartição pública pode adquirir o direito de ser visitada, deve ser jornadeada por divertimento, desde que ela encerre em si elementos de atracção. Ou de fé, fé na burocracia, fé no ramerame, fé na circulação de documentos.

Tal é o caso da Repartição de Finanças do Príncipe Real, cuja fachada não sugere sequer o espectáculo de decadência que lá vai dentro. No 1.º andar, uma multidão de funcionários singulares, memória do império ultramarino, circula em velocidade tropical por um chão de madeira que range a cada passo. Quando se lembram, atendem a clientela amontoada num balcão enorme, cuja tampa lembra a das secretárias das escolas da câmara, e que se agrupa, consoante o assunto que os levou ali, sob tabuletas pressas por guitas ao tecto. Do lado de dentro do balcão é uma babilónia: dezenas de caixas de papelão arquivam a mais diversa papelada e erguem colunas que dividem as secretárias segundo uma hierarquia impossível.

A todo o momento há funcionários que entram e saem, indiferentes ao mar de papel que lhes enche as secretárias e que, de vez em quando, alguém carimba displicentemente, com uma máquina que faz um barulho medonho. Volumosos «dossiers» com etiquetas escritas em caligrafia bastardinho francês do Curso Comercial surgem e desaparecem por entre as mãos; não há sol nem telefonias acesas, o calendário de parede não mostra nenhuma «pin up», parece que ninguém foi de férias, são rostos pálidos, mãos suadas, roupas género modelo do Imposto de Transacções, com bolsos para meter lápis, borrachas, óculos, réguas. E, mais, todo um vocabulário alheio ao futebol, ao Benfica, ao Mário Soares e ao Tollan, recheado de preciosidades técnicas, prazos, juros, moras, averbamentos rústicos, horizontais, impressos, locuções estereotipadas qie asseguram o diálogo de surdos entre os dois lados da contenda.

E, contudo, neste espectáculo de secretárias e cadeiras de pau, de paredes cheias de caliça, ausente de plantas que, hoje em dia, invadem o sector secundário, empestando de clorofila a correspondência comercial, neste espectáculo do salão atravancado de papéis, de antiquíssimo material de escritório - pesadas máquinas de escrever, apara-lápis de atarrachar às mesas, corta-papéis do tamanho de punhais, boiões de tinta permanente, chancelas, gerigonças que apõem selos brancos, números, nomes; tudo funciona como um relógio suíço. É a natureza: nada se perde, tudo se transforma.

É ainda no Príncipe Real que passa o eléctrico 24, cujo percurso sugere duas alternativas para quem cumpra o roteiro da Fazenda Pública: **a Alfândega de Lisboa e os mais sinistros corredores da cidade ou a Penitenciária de Lisboa.** Como edifícios não ficam a dever nada um ao outro, mas a Penitenciária leva a vantagem de proporcionar ao caminhante que se abrigue sob as árvores do Parque a conjectura dos planos de fuga que o edifício inevitavelmente inspira.

Quem se dedicar a tais raciocínios (e aconselha-se que o faça em grupo, no qual cada elemento, de uma forma convicente, apresentará a sua hipótese de fuga) terá, para dar consistência à sua tese, de se socorrer da bibliografia existente para tomar conhecimento com a planta do prédio.

Pode servir, por exemplo, **a descrição feita em 1934 por João Gonçalves, «os regimes prisionais e a tuberculose, a loucura e o suicídio», ed. da Cadeia Penitenciária,** já que este jogo inocente não depende do rigor dos pormenores.

Assim, de uma forma súmaria dir-se-á que a cadeia se compõe de um bloco central, redondo,de onde saem seis asas, cada uma composta por duas alas que se distribuem por três pisos. É nessas alas que se encontram as celas — na altura, 624 —, que têm uma capacidade de 27 metros cúbicos, tendo ainda uma janela «defendida por três possantes varões de ferro» cuja porta tem um postigo e um visor. O chão, esse, é de asfalto. O acesso às celas faz-se por varandas interiores, que comunicam por escadas com todos os pisos. Cada galeria está separada do Redondo por um portão de ferro.

Não deve ser dado relevo de maior aos passeadores, uma vez que, pela sua estranha disposição, o guarda, estrategicamente colocado, observa todos os presos que lá se encontram. Bom, estes, repete-se, são dados de 1934, se calhar, hoje, até já nem há recreio.

Para dar maior realismo ao jogo, aumentando-lhe a competitividade e o «suspense», o preso que se vai «ajudar» a fugir deve ser, segundo as estatísticas apresentadas no livro, jornaleiro, serviçal ou lavrador, as três profissões mais condenadas de 1885 a 1932, sofrer de tuberculose pulmonar, ter acentuadas tendências para o suicídio, ter cometido homícidio voluntário.

Então, entretenha-se a descobrir as estações do expresso da meia-noite.

José Venturelli: No habra olvido.

Os cemitérios clandestinos da seca...

Campas de terra remexida há pouco, à beira da estrada. Dezenas de cruzes de madeira num terreno vago ressequido pelo Sol.

Em Crateus, como na maioria das localidades do Nordeste do Brasil, a terra remexida dos cemitérios clandestinos é testemunho da verdadeira hecatombe provocada pela seca.

Crateus, a uma hora de bimotor da cidade de Fortaleza, a perto de 3000 km ao norte do Rio de Janeiro, encontrava-se há cinco anos no centro de uma região agrícola onde se colhia feijão preto, milho, algodão, e cujas pastagens alimentavam cerca de 50 000 cabeças de gado. A pequena cidade de 60 000 habitantes está agora rodeada por campos queimados pelo Sol, árvores calcinadas. Os habitantes da região não têm nada para comer.

A maior parte do Estado do Ceará, o mais atingido por este quinto ano de seca, apresenta o mesmo aspecto vista de avião, a terra dos «flagelados», destes «sinistrados da seca», dá a impressão de ter sido devorada por um imenso incêndio.

Esqueléticos, à beira das estradas, grupos de camponeses famintos pedem esmola aos raros automobilistas de passagem. Quantos morrem diariamente dos efeitos da desnutrição? Até agora não foi apurada qualquer estatística oficial acerca desta hecatombe, mas os serviços de Saúde do Estado do Ceará pensam que perto de 400 crianças em cada mil morrem antes de terem completado o seu primeiro ano de idade. Em Crateus os serviços sanitários pensam que 20 por cento das mortes registadas se devem à desnutrição.

«Enterram-nos todos os dias», indicou à Agência France-Press o presidente do Município de Crateus, Leandro Martinez de Souza, apontando as campas de terra mexida há pouco, à beira de uma estrada.

As campas, por vezes cobertas com pedras ou uma placa de cimento, «para evitar que se enterrem outros corpos por cima», explica Leandro de Souza, têm todas elas pequenas cruzes de madeira, e às vezes uns pequenos abrigos metálicos contra o vento. À noite os parentes dos mortos vêm acender velas em memória dos defuntos. Os cantares tradicionais terminam quase sempre, todos eles, com esta invocação: «Que Deus volte a esta T erra abandonada».

Há sete cemitérios clandestinos em Crateus. Os corpos são enterrados envoltos simplesmente num pano, depois de cavado um buraco no solo seco e duro como um rocha.

No Bairro do Castelo, ao sul da cidade, o cemitério, onde alguns «latinguera» (arbustos bravos) conseguem sobreviver ainda na poeira, é rodeado por alguns arames farpados. Cruzes e pedras, coroas de papel, cobrem o chão. «Há aqui centenas de corpos enterrados», diz o presidente do Município. Realmente, o chão está cheio de pequenas saliências. Quando já não há mais espaço num cemitério, enterram-se os mortos uns por cima dos outros, ou muda-se de lugar.

No Nordeste do Brasil, os cemitérios clandestinos proliferaram nos últimos anos.

Tal prática impede as autoridades de procederem a uma contagem exacta das mortes resultantes da desnutrição. No Estado do Ceará, calcula-se em 25 por cento o número dos mortos não declarados.

Os sinistrados não podem pagar as despesas do enterro.

Mas as cruzes de madeira dos cemitérios clandestinos, que têm escritas a tinta as datas do nascimento e da morte, não deixam dúvidas: há muitas crianças.

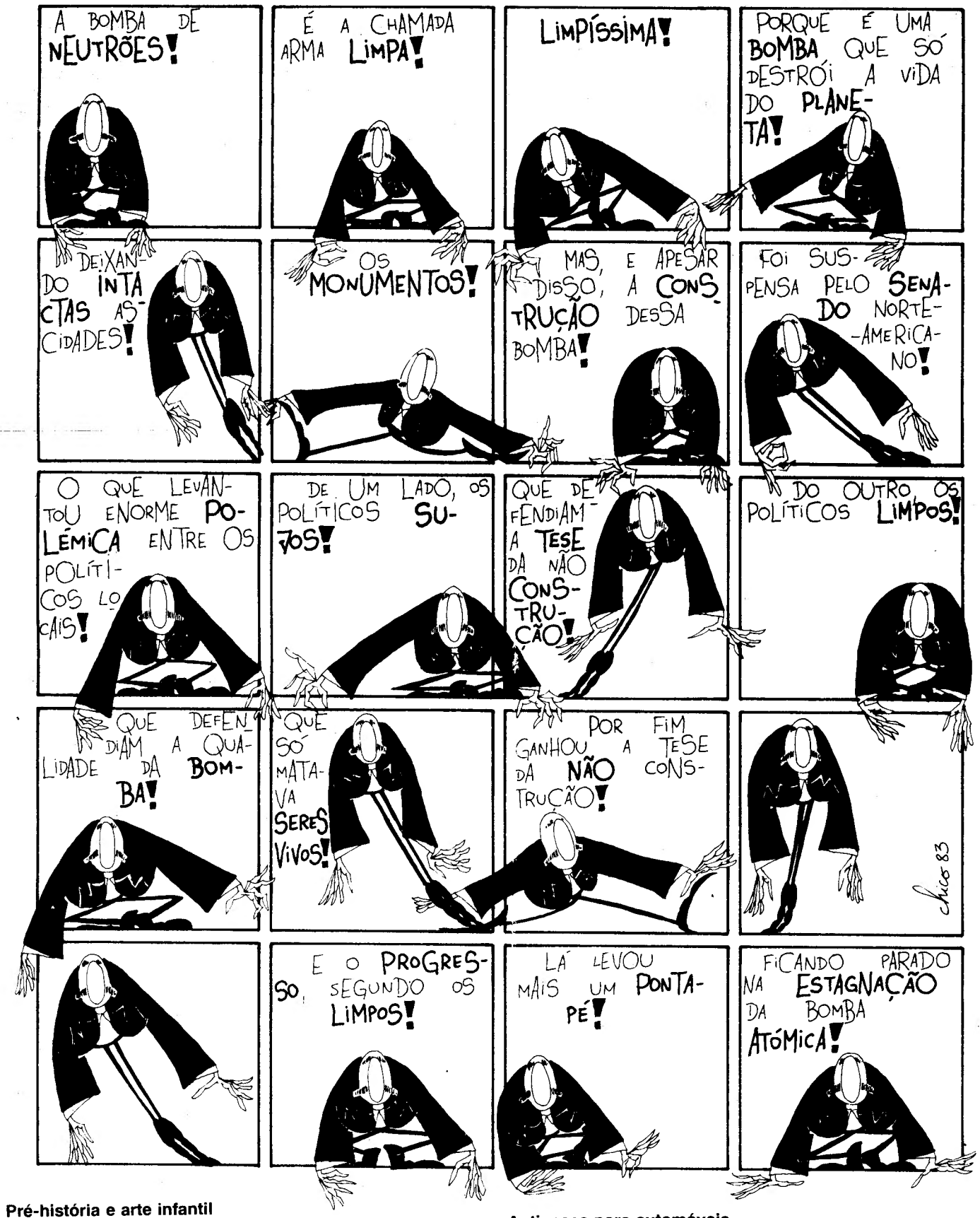
Nas casas de paredes de terra e madeira, coze-se em louça de barro o feijão preto do auxílio do governo Federal, única ajuda com que os sinistrados podem contar para sobreviver.

O Brasil, que perdeu os seus sonhos de desenvolvimento perante uma dívida externa de cerca de 100 000 milhões de dólares, não tem dinheiro para auxiliar as suas populações famintas.

Jacques Kaufmann (AFP)

Sete Ponto Sete

doces crónicas



Pré-história e arte infantil

Jornalistas japoneses afirmam que os «importantes desenhos pré-históricos» descobertos há pouco tempo são obra de crianças que se divertiam há algumas décadas atrás «assinando» a seu modo as paredes da entrada de uma gruta nas proximidades da sua aldeia natal.

O professor Mitsuo Kagava da Universidade de Bepu, perito em pintura do paleolítico, surpreendeu recentemente o público científico japonês com a notícia da sua descoberta de pinturas rupestres que remontavam há treze mil anos. Kagava comparou estes desenhos dos homens pré-históricos japoneses com os famosos desenhos da gruta de Altamira em Espanha.

Os repórteres do popular diário japonês «Yomiuri» provaram a leviandade do arquólogo, demonstrando que a pintura «pré-histórica» em questão é apenas um conjunto de ideogramas. Conseguiram mesmo ler um nome: Itsuro. Na aldeia vizinha, um homem de trinta anos chama-se assim, e disse-lhes que quando era miúdo costumava brincar com os amigos na caverna «pré-histórica» e que escreviam nas paredes da mesma.

A vergonha do arquólogo tornou-se maior quando os jornalistas leigos no assunto deram a conhecer que na Idade da Pedra não existia no Japão um colorante negro como o que foi descoberto na parede da caverna.

Antigases para automóveis

Foi descoberto na Bulgária um novo composto químico que pode ser utilizado com catalizador nos dispositivos para limpeza dos gases de escape dos motores de explosão.

A fim de se obter este composto, denominado «MPB-II», utilizam-se ácidos de alumínio, cobre e cobalto, em vez da tão cara e rara platina.

O novo catalizador fomenta uma neutralização total dos produtos nocivos contidos nos gases de escape.

Com base neste novo engenho foram criados neutralizadores para motores «diesel», os quais foram já experimentados em camiões soviéticos de 27 toneladas.

Os resultados dos testes demonstram a grande estabilidade da sua acção na limpeza dos gases de escape durante 1200 horas; ou seja: ao longo de 20 mil quilómetros.

Uma fábrica de radiadores para automóveis, situada na cidade búlgara de Strajitsa, começou já este ano a produzir em série aqueles antigases.

Especialistas prevêem que, em fins do ano corrente, os antigases estarão a ser utilizados por todos os autorcarros, com motores «diesel», de Sófia, Plovdiv, Burgas e Russe, bem como nos automóveis «Volga» e «Lada», para além de todos os táxis da Bulgária.

Clip

• «The end of ideology», teoria gringa na qual se confunde a realidade com o desejo, pode interpretar-se como um elogio da civilização do bem-estar, uma espécie de divinização da trivialidade tecnológica e um cântico à cultura do «gadget», cujo objectivo é a estupidificação das pessoas no neutralismo conformista. Qualquer íntima controvérsia do homem com a sociedade que o aliena é, para os fâmulos do «fim das ideologias», pura ideologia, ou seja, uma coisa intrinsecamente nefanda, «demodée» e que já não existe. A este respeito, virá a propósito um pouco de erudição: sabiam que os gregos dos tempos clássicos reservavam o apelativo de «imbecil» aos que se diziam, ou eram de facto, apolíticos?

• Um jornal do Porto publicava há dias, nas suas páginas de publicidade, este curioso anúncio: «Preciso de casas para demolir. Livres de inquilinos. Pagamento a pronto. Boa situação.» Com as dificuldades vividas actualmente pela indústria da construção, é natural o surto de prosperidade do negócio da destruição...

• Marx, ao julgar o Antigo Regime, faz uma penetrante análise, carregada de ironia e de força vital, quando afirma que o velho curso das coisas «era apenas a comédia de uma ordem do mundo cujos heróis reais, ao enfrentar o seu fim, já tinham morrido». Como exemplo, cita os deuses gregos: feridos tragicamente de morte no **Prometeu,** de Ésquilo, voltarão a morrer de novo, mas comicamente, nos **Diálogos** de Luciano. Na verdade, ainda segundo Marx, «a última fase de uma forma histórica é a sua comédia».

• No tempo dos mercados múltiplos e das sociedades multinacionais tudo se internacionalizou e se sofisticou: os verdugos e as vítimas representam, mascarados, os seus respectivos papeis. A Suíça, por exemplo, não é uma potência colonial (as potências coloniais estão fora de moda), mas nem por isso deixa de exercer o proxenetismo financeiro à escala mundial. A Suíça integra o selecto clube dos países ricos. Portugal pertence a essa imensa nebulosa denominada com o eufemismo de «países em vias de desenvolvimento», vastos subúrbios do sistema cuja função consiste em proporcionar braços e produtos baratos aos centros de poder. Os lucros dos donos ou administradores de Portugal não são reinvestidos no país com fins produtivos. O dinheiro tem asinhas e viaja sem passaporte: a massa voa daqui e regressa transformada em empréstimos que o governo contrai e o povo paga.